



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA- UEFS  
DEPARTAMENTO DE SAÚDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA  
MESTRADO ACADÊMICO**

**CAROLINE ALMEIDA DE AZEVEDO**

**TRABALHO INTENSIFICADO E OS TRANSTORNOS MENTAIS COMUNS  
EM DOCENTES DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA NA BAHIA**

Feira de Santana  
2017

**CAROLINE ALMEIDA DE AZEVEDO**

**TRABALHO INTENSIFICADO E OS TRANSTORNOS MENTAIS COMUNS  
EM DOCENTES DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA NA BAHIA**

Projeto de Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Saúde Coletiva.

**Área de concentração:** Epidemiologia

**Linha de Pesquisa:** Saúde, Ambiente e Trabalho

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tânia Maria de Araújo.

Feira de Santana  
2017

CAROLINE ALMEIDA DE AZEVEDO

**TRABALHO INTENSIFICADO E OS TRANSTORNOS MENTAIS  
COMUNS EM DOCENTES DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA NA BAHIA.**

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do título de Mestre em Saúde Coletiva.

Aprovado em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

**1º Examinadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tânia Maria de Araújo (Orientadora)**  
Professora Titular da Universidade Estadual de Feira de Santana

---

2º Examinadora: Prof.<sup>a</sup> Dr. Djanilson Barbosa dos Santos  
Professor Adjunto da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

---

3º Examinadora: Prof.<sup>o</sup> Dr Jarbas Santos Vieira  
Professor Associado da Universidade Federal de Pelotas

## POESIA: DEVANEIOS

Caríssimos mestres, com ousadia vou lhes contar  
algo que estou ansiosa só em pensar.  
O trabalho representa fonte de vida no prazer  
e no sofrimento um meio de acalento, assim  
recomendo Dejours no momento consultar.  
Dentre os meios de produção o fordismo e o taylorismo  
foram importantes para o capitalismo se sustentar.  
O trabalhador, mesmo sem ganhar os frutos do seu trabalho, continua a lutar.  
Quem pode dizer o que Marx iria fazer se tirasse o capitalismo do poder?  
Não arrisco dizer que o proletário desta vez iria vencer.  
Nesta luta vou correndo, pois caminhando não dá tempo do trabalho terminar.  
A corrida ficou tão acirrada que o produto criou asa e a  
subjetividade foi incomodar,  
passou por todas as profissões e ao professor resolveu afrontar.  
A docência era feminina e aos poucos criou imã e o preconceito  
conseguiu superar.  
Hoje conta com a tecnologia que me dá até agonia,  
pois o papel ainda é burocracia para tais problemas solucionar.  
Mais com toda exatidão entre todas as profissões  
a docência é a mais bela que há.  
O trabalho se intensificou e a docência não escapou.  
O desgaste físico, psíquico e mental, foi condensado e  
o Dal Rosso foi convocado.  
O tempo passa tão depressa que nem da minha tela consigo acompanhar,  
O esforço é tão sofrido que até o transtorno psíquico me pegou no sopro no ar.

**Caroline Azevedo**

## **AGRADECIMENTOS**

\*Primeiramente, agradeço ao grande arquiteto do universo que me permitiu encarar esta jornada com fé e firmeza até o fim. O mestrado foi uma prova de resistência na minha vida, pois além de alcançar mais um objetivo na vida acadêmica, vivi muitas experiências das quais serviram de lição nesta minha caminhada, contribuindo para meu crescimento pessoal e profissional.

Aos meus pais, Josué por embarcar sempre nos meus sonhos e ficar ao meu lado em todos os momentos e a Cintia que nunca me deixa desistir nas minhas batalhas diárias.

Aos meus avós, Antoniel, Terezinha e Berenice, pelo amor incondicional e incentivo. Minha fortaleza!

As minhas queridas tias Karine e Karla pelo suporte e acolhida. Amo muito vocês !!!

Aos meus padrinhos, Carlos Alberto (in memoriam) e Sonia Meire, pelos conselhos, ensinamentos e incentivos na minha carreira acadêmica.

Aos meus irmãos, Gustavo, Victor e Gabriel, pelo apoio e companheirismo.

Aos meus padrastos, Fatima e Humberto que sempre estão perto quando mais preciso. Muito obrigado, por tudo !!!

Ao meu esposo Alison Maciel, pelo companheirismo, paciência, carinho, apoio e pelos momentos difíceis que encarou ao meu lado e a luz da minha vida, Maria Laura.

Aos meus amigos, Vanda, Altair e Francielle pelo apoio, companheirismo e acolhida.

\*As pessoas que fizeram parte da minha vida acadêmica:

A minha orientadora Tânia Araújo, a melhor de todas !!! Obrigada pelo carinho, apoio, ensinamentos, orientações e compreensão.

À professora Jerusa Santana, pela orientação, carinho e disponibilidade.

Aos meus amigos desta caminhada Daniel Santos, Roberta Machado, Fabiana Mandelo, Camila , Kelly Albuquerque e Anna Paula pela troca de saberes, angustia e apoio. Nossa amizade vai além dos muros da universidade.

Aos amigos do Núcleo de Epidemiologia, Prof.<sup>a</sup> Iracema, Prof.<sup>a</sup> Paloma, Priscila, Thais, Paula Caroline, Eduardo, Aldivania, Rosilene, Jairo e Ludmila pela oportunidade de participar deste grupo, pelo apoio, pelos sorrisos nos bastidores e ensinamentos.

Aos professores do Mestrado em Saúde Coletiva.

Aos meus queridos Jorge e Goreth por todo apoio, auxílio e compreensão. Até pelos puxões de orelha! Enfim, agradeço a todos aqueles que colaboraram direta ou indiretamente nesta longa caminhada.

## RESUMO

O trabalho intensificado se configura como um conceito em construção, principalmente pela complexidade metodológica envolvida na tentativa de solidificar embasamento teórico capaz de avaliar e mensurar questões ligadas as exigências do trabalho na esfera física, psíquica e emocional. Desse modo, esta dissertação teve como objetivos: analisar a relação entre trabalho intensificado e TMC em docentes de uma universidade pública na Bahia; estabelecer indicadores do trabalho intensificado na docência universitária; e avaliar fatores associados diante da intensificação do trabalho entre docentes de uma universidade pública na Bahia. Para tanto, se constitui de quatro artigos científicos: 1- Reflexões sobre a saúde docente no contexto de mercantilização do ensino superior; 2- Trabalho intensificado entre docentes de ensino superior: construção de indicadores de mensuração; 3- Caracterização do Trabalho Intensificado entre docentes de uma Universidade Pública na Bahia; 4- Associação entre trabalho intensificado e transtornos Mentais comuns em docentes. Considera-se que a elevada demanda da produtividade acadêmica, contabilizada pela jornada de trabalho material e imaterial somadas ao conjunto de relações estabelecidas no ambiente de trabalho são condições que podem ocasionar doenças e/ ou agravos à saúde destes trabalhadores. Dentre esses agravos, os Transtornos Mentais Comuns apresentam-se como um potencial de adoecimento diante do trabalho intensificado. Este estudo epidemiológico do tipo corte transversal, foi realizado por meio da aplicação de um questionário estruturado/autoaplicável, em uma amostra representativa dos professores da universidade selecionada por procedimentos aleatórios. Para avaliação da associação, em questão, serão considerados como variável desfecho os TMC e como variável de exposição do trabalho intensificado. Espera-se que o presente estudo possa identificar indicadores de trabalho intensificado na docência universitária, contribuindo para produzir evidências empíricas e análise de possíveis impactos. Desse modo, esta pesquisa pode subsidiar medidas de proteção à saúde destes profissionais e oferecer suporte para ações de promoção de mudanças no contexto do trabalho universitário.

**Palavras-chave:** transtorno mental comum, trabalho intensificado, docentes universitários

## ABSTRACT

The intensification of work is seen to be an ongoing concept, mainly for methodological complexity involved attempting to solidify theoretical basis capable of assessing and measuring issues related to work demands on physical, psychological and emotional areas. Thus, this essay aims: to analyze the relationship between intensification of work and CMD in teachers from a public university in Bahia; to establish indicators for intensified work in university teaching; and to assess associated factors regarding intensification of work among teachers from a public university in Bahia. It consists of four scientific articles: 1- Reflections on teachers' health in the context of commodification of higher education; 2- Intensified work among higher education teachers: construction of measurement indicators; 3- Characterization of intensified work among teachers at a public university in Brazil ; 4- Association between intensified work and common mental disorders in teachers. Taking into consideration the high number of academic productivity, accounted for the material and immaterial workday combined with the set of relationships established on the work environment are conditions that may cause illnesses and/or worsen the workers' health. Common Mental Disorders are presented as potential illnesses in face of the intensified work. This is an epidemiologic cross-sectional study performed by collecting data through a self-administered structured questionnaire applied to representative samples of randomly selected university teacher. Regarding the association assessment, the CMD's are considered to be variable outcomes. The present study may identify indicators of work intensification in university teaching, contributing to produce empirical evidences and possible relevant analysis. Therefore, this survey may give support to health and safety measures for such professionals, besides promoting changing actions in the university work context.

**Keywords:** common mental disorders, intensification of work, university teachers



## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

<b>FIGURA 1</b> - Distribuição da Enq. Europeia para os indicadores de pressão e intensidade .....	23
<b>FIGURA 2</b> - Indicadores de trabalho Intensificado (DAL ROSSO, 2008) .....	25
<b>FIGURA 3.</b> Número de Instituição de Ensino Superior no Brasil (2000-2013) .....	30
 <b>ARTIGO 2 - TRABALHO INTENSIFICADO ENTRE DOCENTES DE ENSINO SUPERIOR: CONSTRUÇÃO DE INDICADORES DE MENSURAÇÃO</b>	
<b>FIGURA 1-</b> Representação do trabalho intensificado docente .....	71
 <b>ARTIGO 3- CARACTERIZAÇÃO DO TRABALHO INTENSIFICADO ENTRE DOCENTES DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA NA BAHIA</b>	
<b>FIGURA 1</b> - Distribuição das variáveis para construção dos fatores que representam o indicador do trabalho intensificado docente .....	90

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

<b>QUADRO 1</b> - Principais Conceitos sobre Trabalho Intensificado .....	20
<b>TABELA 1</b> - Procedimento de amostragem estratificada por departamento e por tipo de vínculo da Universidade Estadual de Feira de Santana, 2011-2015, segundo dados do Plano de Desenvolvimento Institucional .....	38

### **ARTIGO 1- REFLEXÕES SOBRE A SAÚDE DOCENTE NO CONTEXTO DE MERCANTILIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR**

<b>QUADRO 1</b> – Valores de cortes orçamentários divulgados pelas universidades e suas implicações, Brasil, 2015 .....	52
---	----

### **ARTIGO 2- TRABALHO INTENSIFICADO ENTRE DOCENTES DE ENSINO SUPERIOR: CONSTRUÇÃO DE INDICADORES DE MENSURAÇÃO**

<b>QUADRO 1</b> - Principais Conceitos sobre Trabalho Intensificado.....	66
<b>TABELA 1</b> – Caracterização dos docentes segundo as variáveis sóciodemográficas...75	
<b>TABELA 2</b> – Distribuição dos docentes segundo as características do trabalho e hábito de vida .....	76
<b>TABELA 3</b> - Distribuição das cargas fatorias para os dois componentes (Trabalho Intensificado) identificados nos Questionários aplicados aos docente da Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, Brasil, 2015 e 2016 .....	77

### **ARTIGO 3- CARACTERIZAÇÃO DO TRABALHO INTENSIFICADO ENTRE DOCENTES DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA NA BAHIA**

<b>TABELA 1</b> - Distribuição dos docentes segundo as características sociodemográficas, do trabalho e hábitos de vida.....	92
<b>TABELA 2</b> – Distribuição do trabalho intensificado (fator I) segundo as variáveis sóciodemográficas, hábitos de vida e de trabalho.....	92
<b>TABELA 3</b> – Fatores associados ao Trabalho Intensificado (fator I).....	93

**TABELA 4** – Distribuição do trabalho intensificado (fator II) segundo as variáveis sócio-demográficas, hábitos de vida e de trabalho..... 96

**TABELA 5** – Fatores associados ao Trabalho Intensificado (fator II)..... 95

**ARTIGO 4- ASSOCIAÇÃO ENTRE TRABALHO INTENSIFICADO E TRANSTORNOS MENTAIS COMUNS EM DOCENTES.**

**TABELA 1** – Características sociodemográficas, do trabalho e hábitos de vida dos docentes segundo o fatores do trabalho intensificado.....108

**TABELA 2** – Associação entre TMC e co-variáveis do estudo entre docentes do ensino superior na Bahia, 2016.....109

**TABELA 3**– Associação entre trabalho intensificado e TMC. Entre docentes do ensino superior na Bahia, 2016.....110

**TABELA 4** – Razão de prevalência e intervalo de Confiança obtidos mediante regressão logística para a associação entre fator I do trabalho intensificado e TMC. Entre docente do ensino superior na Bahia, 2016.....111

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS.....</b>	<b>17</b>
<b>2.1</b>	<b>Objetivo geral.....</b>	<b>17</b>
<b>2.2</b>	<b>Objetivos Específicos.....</b>	<b>17</b>
<b>3</b>	<b>MARCO TEÓRICO .....</b>	<b>18</b>
<b>3.1</b>	<b>Trabalho Intensificado.....</b>	<b>18</b>
<b>3.2</b>	<b>Trabalho Docente no Ensino Superior.....</b>	<b>22</b>
<b>3.3</b>	<b>Transtorno Mentais Comuns (TMC).....</b>	<b>32</b>
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>36</b>
<b>4.1</b>	<b>Tipo de estudo .....</b>	<b>36</b>
<b>4.2</b>	<b>Local do estudo .....</b>	<b>37</b>
<b>4.3</b>	<b>População e amostragem.....</b>	<b>37</b>
<b>4.4</b>	<b>Instrumentos de coleta de dados .....</b>	<b>39</b>
<b>4.5</b>	<b>Variáveis do estudo .....</b>	<b>40</b>
<b>4.5.1</b>	<b>Variáveis Exposição .....</b>	<b>40</b>
<b>4.5.2</b>	<b>Variáveis Desfecho ... ..</b>	<b>42</b>
<b>4.6</b>	<b>Construção do indicador trab. Intensificado .....</b>	<b>42</b>
<b>4.6.1</b>	<b>Indicador .....</b>	<b>42</b>
<b>4.7</b>	<b>Análise de dados .....</b>	<b>43</b>
<b>4.8</b>	<b>Aspectos éticos da pesquisa.....</b>	<b>45</b>
<b>5</b>	<b>RESULTADOS .....</b>	<b>46</b>
<b>5.1</b>	<b>Artigo 1 -REFLEXÕES SOBRE A SAÚDE DOCENTE NO CONTEXTO DE MERCANTILIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR</b>	<b>47</b>
<b>5.2</b>	<b>Artigo 2 -TRABALHO INTENSIFICADO ENTRE DOCENTES DE ENSINO SUPERIOR: CONSTRUÇÃO DE INDICADORES DE MENSURAÇÃO</b>	<b>64</b>
<b>5.3</b>	<b>Artigo 3- CARACTERIZAÇÃO DO TRABALHO INTENSIFICADO ENTRE DOCENTES DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA NA BAHIA</b>	<b>86</b>
<b>5.4</b>	<b>Artigo 4- ASSOCIAÇÃO ENTRE TRABALHO INTENSIFICADO E TRANSTORNOS MENTAIS COMUNS EM DOCENTES.</b>	<b>102</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>118</b>

<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>120</b>
<b>ANEXO A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS</b>	<b>129</b>
<b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b>	<b>142</b>
<b>APÊNDICE B- TABELA - Distribuição das respostas dos docentes segundo as variáveis selecionadas para construção do construto trabalho intensificado.</b>	<b>143</b>

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O trabalho é de suma importância para existência da sociedade e se condicionou historicamente como elo de transformação entre os homens. Para Marx, o trabalho é nada mais que a necessidade da natureza humana de efetivar a relação material entre homem e natureza (MARX, 1985).

Assim, o trabalho constitui fonte de prazer, quando favorece o reconhecimento, valorização, respeito e possibilita o exercício da capacidade de expressar criatividade. Em contrapartida, pode ocasionar sofrimento diante da rigidez hierárquica, da ausência de reconhecimento, do excesso de procedimentos burocráticos, da falta de participação nas decisões e da pouca perspectiva de crescimento profissional (DEJOURS, 2004).

Não se pode deixar de mencionar que antes da Revolução Industrial esta relação de prazer e sofrimento no trabalho não se constituía como objeto de estudo. Em 1844, ao discutir alienação do trabalho, Marx (1993) destacou o caráter opressor do trabalho no período da revolução industrial, pois naquela época o trabalho representava uma necessidade humana, onde o lema era: “viver, para o operário era não morrer”. Atrelado a esta condição era nítida a insatisfação, a infelicidade, o esgotamento, a mortificação e negação da própria identidade.

A partir da Revolução Industrial, no século XX, as novas formas de gerenciamento do trabalho baseada nos modelos taylorista-fordista, modificou o eixo de exigência do trabalhador, que consistia na dimensão física, intelectual e mental com cargas horárias extensas e ausência de direitos trabalhistas. Com as lutas dos próprios trabalhadores, a regulamentação dos direitos sobre as condições de trabalho foram melhorando de forma gradativa. Apesar das leis se fortalecerem em prol dos trabalhadores, a lógica capitalista permaneceu em todos os setores de produção, com intuito de aumentar a produtividade numa lógica válida desde o trabalhador da indústria, para o setor de serviços do *call center* até o professor do ensino superior (ANTUNES, 2002).

O crescente aumento nos tempos de trabalho, ritmos e velocidades, somados a gestão de resultados e exigências de polivalência, versatilidade e flexibilidade por parte dos trabalhadores, indicam um dos principais mecanismos de intensificação do trabalho (DAL ROSSO, 2008). O que mostra um retrocesso diante da organização do trabalho, pois como foi mencionado anteriormente os trabalhadores lutaram por melhores condições e cargas de trabalho menos exaustivas.

Independente do vínculo trabalho (autônomo, assalariado ou cooperativo, escravo ou servil, camponês, operário ou intelectual) está implícito um grau de intensidade. Assim, o empenho do trabalhador, seja físico, intelectual ou psíquico está relacionado a um dispêndio quantitativo ou qualitativo de energia. Neste sentido, cabe mencionar que o ato de trabalhar envolve o indivíduo como um todo (DAL ROSSO, 2008).

No contexto do ensino universitário, nota-se que, desde a década de 90, as instituições públicas universitárias brasileiras passaram por processos de reestruturação administrativa e acadêmica, com repercussões na intensificação do trabalho docente e na massificação da cultura voltada para a lógica mercantil (SILVA JUNIOR, 2009).

O trabalho docente possui uma característica peculiar determinada pela sua natureza, que permite que seja realizado, em parte, fora do ambiente institucional, extrapolando os limites da jornada contratada, o que dificulta a visibilidade do seu produto de trabalho (preparação de aulas e elaboração de textos científicos, entre outros). Assim, parte do controle do trabalho fica sob responsabilidade do profissional, sendo complicado à instituição monitorar diretamente os espaços produtivos fora do âmbito formal de trabalho (BIANCHETT, 2008). No entanto, o controle sobre o trabalho pode ser feito pela manipulação do desempenho com base em hora sala de aula, pelos indicadores de produtividade por meio do registro.

Características como estas, contribuem para que o docente passe a se ver como um “não trabalhador”. Essas percepções começaram a se modificar quando as instituições públicas adotaram princípios e critérios de gestão do trabalho semelhantes ao adotado pelo setor privado, como por exemplo: a política produtivista, o estímulo à competição e a exigência crescente de maior qualificação profissional (BIANCHETT, 2008).

A imposição de parâmetros de produtividade e a enorme diversidade de atividades transitam entre as exigências de investimento intelectual propriamente dito – traduzidas em aulas, pesquisas, relatórios científicos, artigos, livros etc., e das exigências de cunho burocrático, bem como das reuniões de trabalho em horário de almoço, da leitura de *e-mails* e a respectiva resposta a eles, entre outros (LOPES, 2006).

Uma questão relevante nesta discussão é que a atividade docente se realiza na dimensão imaterial do trabalho por excelência (LACAZ, 2010). Esta dimensão cabe os serviços de ordem intelectual, afetiva, esta relacionada aos aprendizados culturais herdados e transmitidos, o cuidado individual e coletivo.

Isso só ocorre porque o trabalho de produção material, quantificado em unidades de produto por unidades de tempo, é substituído pelo trabalho dito imaterial, em que os padrões de medidas não se aplicam (GORZ, 2005).

Negri, define o trabalho imaterial como “[...] aquele que produz os bens imateriais como a informação, os saberes, as ideias, as imagens, as relações e os afetos” (NEGRI, 2004, p. 44). Esta condição evoca a noção “da atividade abstrata ligada à subjetividade” (NEGRI; LAZZARATO, 2001, p.25).

Sendo assim, o modo como o docente executa seu trabalho é com sua subjetividade, que possui grande impacto na qualidade da produção acadêmica, mas na lógica capitalista acaba por misturar limites de trabalho e “não trabalho”, repercutindo assim na saúde e dificultando a mensuração do trabalho imaterial (LACAZ, 2010).

Outro aspecto que compõe as características da intensificação do trabalho está relacionado ao aumento do ritmo laboral, fator presente no cotidiano do trabalho docente, alicerçado pelas múltiplas demandas que restringem o tempo, pelo aumento do volume de atividades e pela sobreposição de tarefas (ASSUNÇÃO; OLIVEIRA, 2009).

Assim, o docente está diariamente exposto a condições de trabalho que operam como fatores estressores, responsáveis por situações que envolvem desgaste físico, psíquico e emocional, podendo acarretar Transtornos Mentais Comuns (TMC). Além disso, os docentes ainda são cobrados a adaptar-se as mudanças tecnológicas para manter-se sempre atualizado diante da rápida transformação do conhecimento científico (FREITAS; CRUZ, 2008).

De acordo com estudos sobre TMC, observa-se uma elevada prevalência entre os docentes de diversos níveis de ensino (DELCOR et al., 2004; FARIAS, 2004; REIS et al., 2005; GASPARINI et al., 2006). Estudo realizado em Vitória da Conquista -Ba, apontou prevalência de TMC na rede particular de ensino de 45,5% entre os docentes nos anos 2001-2002 (DELCOR et al., 2004) e na rede municipal foi de 55,4%, nos anos 2001- 2002 (REIS et al., 2005). No que diz respeito ao ensino superior foi possível constatar a prevalência de TMC variou entre 17,9% a 18,7% entre os docentes universitários da Bahia (PARANHOS; ARAUJO, 2008; WERNICK, 2000).

Sendo assim, é válido apresentar dados que atestem tanto a condição de trabalho como a situação de saúde dos docentes, contribuindo para compreensão da relação de saúde e trabalho neste grupo ocupacional na tentativa de elaborar ações e medidas preventivas para minimizar o sofrimento decorrente das formas de organização do



trabalho e, conseqüentemente, contribuindo para melhorar a qualidade de vida no trabalho.

Diante desse contexto levanta-se a seguinte questão: existe relação entre trabalho intensificado e a ocorrência de TMC em docentes de uma universidade pública na Bahia?

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo Geral**

Analisar a relação entre trabalho intensificado e TMC em docentes de uma universidade pública na Bahia.

### **2.2 Objetivos Específicos**

- Estabelecer indicadores do trabalho intensificado na docência universitária;
- Estimar a prevalência de Trabalho Intensificado entre docentes de uma universidade pública na Bahia;

### **3 MARCO TEÓRICO**

Este capítulo aborda o embasamento teórico utilizado para sustentação este estudo e o modelo teórico para fins e análise, dividido em três partes: trabalho intensificado; trabalho docente no ensino superior e transtornos mentais comuns. Aborda ainda a construção do trabalho intensificado como indicador do trabalho docente.

#### **3.1 Trabalho intensificado**

O trabalho tem uma dimensão histórica e ontológica. A dimensão ontológica indica que o homem, ao trabalhar, modifica tanto sua natureza quanto a si mesmo. O trabalho se configura como uma atividade processual de autotransformação da gênese humana (MARX,1986).

Para compreender o trabalho na sociedade capitalista deve-se abordar seus sistemas de produção. Dentre os modelos de gestão de trabalho mais disseminados destacam-se os modelos Taylorista e Fordista. O Taylorismo foi criado por Frederic W. Taylor, no final do século XIX, definindo-se como “um conjunto de técnicas e princípios referentes à organização do processo de trabalho, às relações sociais de produção e a um sistema de remuneração que associa o rendimento a produção” (CATTANI; HOLZMANN, 2006, p.281).

Este modelo caracterizava-se pelo estudo dos tempos e movimentos, isso caracterizava o trabalho como individualizado, esquematizado, baseado no controle e na disciplina fabril, com objetivo de aumentar ou manter a qualidade do trabalho (CATTANI; HOLZMANN, 2006).

O modelo Fordista, criado por Henri Ford, seguiu o modelo do Taylorismo, agregando novos aspectos e preconizava “[0...] modelo baseado na produção, no consumo em massa, resultando em um trabalho fragmentado e simplificado em ciclos operatórios muito curtos com pouco tempo para formação e treinamento dos trabalhadores” (CATTANI; HOLZMANN, 2006, p. 134). Na busca pela economia do tempo e pela produção em massa, as empresas buscavam ampliar os mercados consumidores para obter maiores lucros, enquanto o trabalhador se deparava com um trabalho precário, monótono, repetitivo e parcelado.

Nestes modelos buscou-se atrelar ao conceito de intensidade do trabalho, que estava relacionado com a maneira pelo qual o trabalhador realizava o seu labor, relacionado com o ritmo (velocidade), podendo-se verificar uma complexidade no manejo do mundo do trabalho. Portanto, mais trabalho no mesmo intervalo de tempo estava ligado ao ritmo da produção. Assim, precisa-se inicialmente tratar a respeito do conceito de intensidade que significa o grau de dispêndio de energia física em um mesmo intervalo de tempo (DAL ROSSO, 2005).

Entretanto, mencionar somente intensidade no conceito acaba restringindo o termo a dimensão da capacidade física, esquecendo do campo intelectual e psíquico presentes no dispêndio de energia pelo trabalhador. Para mergulhar nesta temática, se faz necessário concentrar toda atenção no trabalhador protagonista do processo, pois mesmo que se modifique ou altere resultados numa produção ou insira condições tecnológicas, o trabalhador, tanto na sua individualidade como na coletividade, assume um papel principal perante seu trabalho.

O processo de intensificação do trabalho consiste em um fenômeno global e complexo, que emerge enquanto um problema científico, que vem conhecendo níveis de aceleração nas últimas décadas nunca antes observado, abrangendo todas as categorias profissionais, independente do país e dos setores de produção.

Embora a literatura internacional, desde 1980, venha se referindo ao trabalho intensificado nos países Europeus, ainda há escassez de estudos sobre essa temática. Entretanto, pode-se destacar aproximações com pesquisas sobre trabalho intensificado nos países da Europa.

Na União Europeia, as pesquisas sobre condições de trabalho mostraram o avanço do trabalho intensificado nos anos 1990 e nos anos 2000, expresso pelo crescimento do percentual de trabalhadores que afirmavam trabalhar em alta velocidade e com prazos curtos durante, pelo menos, um quarto de seu tempo de trabalho (GREEN, 2001).

No Brasil, recentemente, alguns estudos destacam o trabalho intensificado e a saúde dos trabalhadores como problema de extrema importância em pesquisa (ASSUNÇÃO; OLIVEIRA, 2009). Dois importantes eventos foram: o seminário “Olhares sobre a intensificação do trabalho”, organizado pela Fundação Jorge Duprat Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho (Fundacentro), em São Paulo, em maio de 2009 e a mesa redonda: “Intensificação do trabalho e saúde”, realizada no

encontro da Associação Brasileira de Estudos do Trabalho (ABET), em Campinas/SP, em outubro de 2009 (JACKSON FILHO; BARREIRA, 2010).

A partir destes estudos buscou-se verificar os principais caminhos metodológicos e conceituais encontrados na literatura sobre o processo de intensificação para melhor compreender o constructo. Os resultados obtidos nessa busca estão descritos no QUADRO 1.

Autor	Possíveis Indicadores / Determinantes de intensidade
<p><b>Fernex (1998)</b></p> <p>A intensidade está relacionada a carga total de trabalho por unidade de tempo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Avaliar características do ambiente do trabalho, do sujeito e as relações estabelecidas no trabalho.</li> </ul>
<p><b>Valeyre (2001)</b></p> <p>Para melhor verificar as manifestações do trabalho intensificado, o autor utilizou as respostas da Enquete Europeia sobre as condições de trabalho (O seu trabalho implica trabalhar com prazos apertado? /Seu ritmo de trabalho depende do trabalho feito por colegas?/Seu ritmo de trabalho depende de demandas diretas de pessoas (clientes, alunos, pacientes, etc.)?/Seu ritmo de trabalho depende de metas de produção ou desempenho? Seu ritmo de trabalho implica em velocidade muito alta?/Seu ritmo de trabalho depende da velocidade de uma máquina ou movimento de uma produção?) para construir seus indicadores.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Industrial (ritmo de trabalho é controlado pela máquina);</li> <li>• Organizacional (o tempo de trabalho depende das normas, prazos e formas de controle);</li> <li>• Mercado(a manipulação do tempo está relacionada com a flexibilidade interna do trabalho, multifunção e variabilidade de horários);</li> <li>• Eventual (pressão sofrida pelos trabalhadores, vigilância nas instalações e os problemas são sempre tratados em caráter de urgência).</li> </ul>
<p><b>Dal Rosso (2008)</b></p> <p>Quantidade de dispêndio das capacidades dos trabalhadores, do ponto de vista físico, psicológico e emocional em um mesmo intervalo de tempo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Alongamento da jornada de trabalho</li> <li>• Duração da jornada</li> <li>• Ritmo / velocidade</li> <li>• Acumulo de atividades</li> <li>• Polivalência / versatilidade / flexibilidade</li> </ul>
<p><b>Assunção e Oliveira (2009)</b></p> <p>A intensificação do trabalho pode decorrer do crescimento da produção sem alterações do efetivo, ou da diminuição do efetivo sem alteração na produção.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Volume excessivo de demandas no trabalho.</li> </ul>
<p><b>Jégouret (2010)</b></p> <p>A intensidade é algo não maleável, não fechada, em função das suas diversas formas de manifestação e, ainda pela proximidade com outros conceitos como: produtividade, carga de trabalho, horas / ritmos de trabalho, além de todas as condições que envolvem trabalho. Nível de esforço fornecido pelos trabalhadores</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Duração</li> <li>• Produtividade</li> <li>• Carga de trabalho</li> <li>• Ritmo / horas</li> </ul>

<p>durante o tempo de trabalho.</p> <p><b>Ana Cláudia Cardoso (2012)</b></p> <p>Analisar a intensidade é considerar a vivência do sujeito em relação á carga de trabalho/nível de esforço, por um determinado período, em um contexto organizado localmente e socialmente.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Ritmo:</b> cadencia ritmo depende colegas; clientes; objetivos/metast; máquina ou movimento de produto; controle direto chefia;</li> <li>• Prazo rígidos e curtos; Tempo suficiente para terminar o trabalho.</li> <li>• <b>Fatores cognitivos:</b> normas qualidade; resolver problemas; tarefa complexas; aprender coisas novas; rotação e competências diferentes.</li> <li>• <b>Interrupção</b></li> <li>• <b>Duração da jornada:</b> Normal e extraordinária. Tempo percurso. Trabalho fora da jornada;</li> <li>• <b>Distribuição do tempo:</b> Trabalhos atípicos (final de semana, turnos, noite) e formas de flexibilidade;</li> <li>• <b>Apoio/relações sociais:</b> Apoio/ajuda dos colegas e da hierarquia</li> <li>• <b>Relação profissional :</b> Sensação fazer um bom trabalho; ser bem pago pelo trabalho que faz;</li> <li>• <b>Autonomia:</b> ordem das tarefas; métodos de trabalho; cadencia e/ou velocidade; pausa; horários de trabalho. Autonomia da equipe.</li> <li>• Participação nas mudanças organização e na definição dos objetivos</li> <li>• <b>Fatores psicossociais:</b> Realização das tarefas implica conflito valores; requer que não mostre sentimentos, consequências de erros</li> <li>• <b>Saúde:</b> saúde ameaçada pelo trabalho; ausências em função de doença ou acidente; trabalha estando doente</li> <li>• <b>Contexto macro:</b> segurança no emprego atual</li> </ul>
--	--

### QUADRO 1 - Principais Conceitos sobre Trabalho Intensificado.

Como ponto de partida sobre os achados na literatura sobre trabalho intensificado, buscou-se trazer o conceito de Fernex (1999, p. 13), que define o constructo como: "carga total de trabalho por unidade de tempo". Ou seja, existe uma relação entre duração, distribuição e intensidade que se faz necessário interpretar todas as condições que permeiam e caracterizam o trabalho.

Mencionando a lógica capitalista, a intensidade do trabalho está voltada para os resultados quantitativamente superiores exigindo maior consumo de energia do trabalhador no determinado espaço de tempo. Jégourel (2010), também utiliza a mesma base teórica de Fernex, entretanto apresenta uma preocupação diante do nível de esforço

empregado para realização da tarefa no intervalo de tempo determinado, pois nada define que seria o limite do esforço máximo ou mínimo para o trabalhador. Contudo, a obrigação do mesmo é colocar seu tempo de trabalho à disposição do empregador e nada é dito a respeito da quantidade e eficácia do trabalho fornecido.

Intensificar o trabalho significa aumentar gastos de energia, além de obter resultados em termos de produção mais elevados. Desse modo, a intensificação implica no aumento da mais valia, este excedente é um conceito diferente do termo produtividade que está relacionado com o grau de desenvolvimento dos meios de produção. Assim, pode-se afirmar que produtividade e intensidade são distintas. Estes conceitos foram resgatados para destacar que o trabalhador utiliza sua mão de obra na produção da mais valia (excedente), alimentando o sistema capitalista.

A categoria intensidade é de extrema importância para a teoria do valor do trabalho, que marca a modificação da mais valia absoluta para mais valia relativa. Mas o que isso implica? A mais valia absoluta é empregada para analisar a produção extra do valor sobre os alongamentos da jornada de trabalho e a mais valia relativa visa a extração de mais trabalho mediante as transformações técnicas e sociais do processo de produção, que acarreta alteração da proporção do tempo de trabalho necessário e o tempo de trabalho excedente, a segunda exercendo influência sobre a primeira.

As transformações no mundo do trabalho contribuíram para redução do valor das mercadorias, possibilitando a queda no valor da força do trabalho e ampliação da mais valia que, por sua vez, é mantida e alcançada pela intensificação do trabalho (PINA,2012).

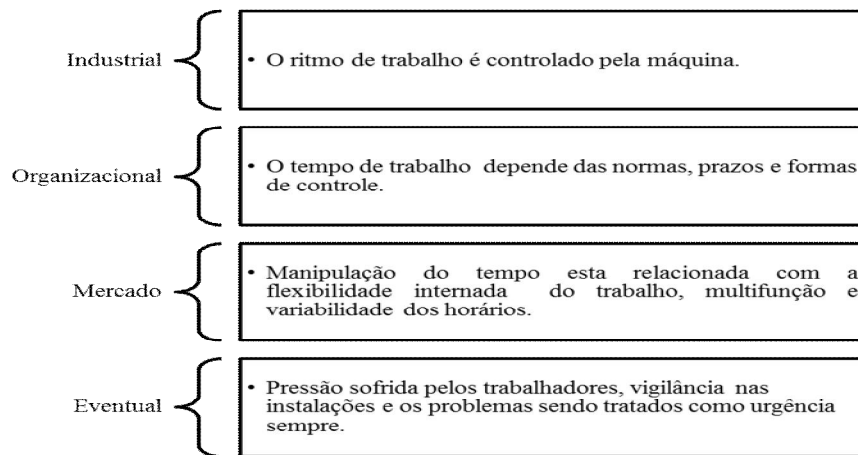
O valor consiste no tempo de trabalho socialmente empregado para produção de um bem ou serviço, podendo abarcar atividade intelectuais ou afetivas. Assim, o valor envolve o tempo de trabalho e o de não trabalhado, pois o mesmo é produzido pelo trabalhador. Contudo, a acumulação de qualquer riqueza é consequência do aumento do consumo e do tempo de trabalho. Seguindo este raciocínio, como produzir mais valor? Com o aperfeiçoamento dos modos de produção pela mais valia relativa com a utilização da tecnologia (máquina), que acaba por alimentar o sistema (DAL ROSSO, 2005). Mas não somente por esse mecanismo associa-se a isto o máximo de aproximação da força de trabalho. a intensificação torna-se peça chave nesse processo.

Para identificação e apreensão da intensificação do trabalho observam-se, na literatura várias tentativas conceituais e metodológicas. Os relatórios referentes aos questionários da *European Working Conditions Surveys* (EWCS), realizados em países

da União Europeia nos últimos vinte anos, promovidos pela Fundação Europeia para o Desenvolvimento das Condições de Vida e Trabalho, é uma dessas iniciativas. Neles, a intensidade é denominada de forma operacional “*pace of work*” que, de modo geral, pode ser traduzida pela cadência do trabalho.

A cadência se refere às velocidades das máquinas e pelas metas de produção ou desempenho (DAL ROSSO; CARDOSO, 2015). Além da cadência, o questionário EWCS, ainda menciona questões sobre velocidade e prazos rígidos. Apesar dos grandes esforços metodológicos ainda não consegue abarcar todas as dimensões do trabalho que impactam na intensidade do labor.

Na tentativa de propor um método e conhecer as diferentes realidades do trabalho intensificado em diversos setores, Valeyre (2001), com base nas questões da Enquete Europeia, definiu quatro indicadores de pressão e intensidade (FIGURA 1):



**FIGURA 1** - Distribuição da Enquete Europeia para os indicadores de pressão e intensidade

A partir desses indicadores, proposto por Valeyre, foi possível uma reflexão diante do processo de trabalho, que se encontram nos moldes Taylorista e Fordista presente nas organizações onde os trabalhadores estão submetidos ao acúmulo de determinantes (prazo, exigências, pressão, entre outros) que contribuem para a intensificação do trabalho (GOLLAC, 2005).

É importante salientar que o conceito visa um único objetivo: obter maior capacidade de identificar o evento em condições normais. Por isso, é também denominado apenas pelo termo de “mais trabalho” (DAL ROSSO, 2008, p. 197). Para



este autor, “mais trabalho” caracteriza o trabalho intensificado e representa maior dispêndio de energia do trabalhador no mesmo intervalo de tempo.

O trabalho intensificado é consequência dos modos de produção social estabelecido (capitalismo) e das transformações produtivas e mercantis, gerados pela incorporação de novas tecnologias, novas práticas gerenciais e das organizações do trabalho que emergiram nas últimas décadas. A relação entre tempo de trabalho e intensificação do trabalho é investigado por Quéinnec, Barthe e Verdier (2000, *apud* DAL ROSSO, 2008). Estes autores elaboraram seis tipos de situações relacionadas ao tempo e a intensificação referentes ao trabalho que se classificam como: 1) Intensificação; 2) Densificação; 3) Massificação; 4) Fragmentação; 5) Extensão do número de horas por turno; e 6) Dissociação dos tempos dos homens dos tempos das máquinas.

A intensificação é caracterizada pelo aumento do ritmo do trabalho; a densificação, considera a tendência para diminuir a jornada e tornar o trabalho mais denso, reduzindo os deslocamentos considerados improdutivos, as pausas informais e os intervalos entre as tarefas. Massificação exprime a exclusão do tempo de formação, de treinamento e de recuperação, além da alocação de tarefas que sabidamente impõe prolongamento da jornada. A fragmentação está relacionada à flexibilização da jornada (DAL ROSSO, 2008).

A extensão do número de horas por turno consiste na tendência para alongar a quantidade de horas contínuas de trabalho diário; por exemplo, desde a clássica adoção de horas extras, após o término da jornada regular, até a mudança de turno do trabalhador para uma jornada diária mais extensa, o que pode sobrecarregar o trabalhador e desencadear acidentes. Por fim, a dissociação dos tempos dos homens dos tempos das máquinas caracteriza a extensão da atividade produtiva, comercial e de serviço em horários noturnos e considerados “atípicos”, aos sábados, domingos e feriados. Trata-se de um alongamento do tempo de exploração do trabalhador (LOPES, 2006; DAL ROSSO, 2008).

Outra característica relacionada a intensificação do trabalho, está associada ao seguinte pressuposto: quanto maior é a intensidade, mais trabalho é produzido no mesmo período de tempo considerado, podendo resultar ou não em maiores índices de produtividade. Ainda como definição diante da intensificação do trabalho, pode-se considerar todo processo que estabelece um maior acúmulo de capacidades físicas, cognitivas e emocionais, com intuito de aumentar os resultados quantitativos e

qualitativos, que favorecem ou permitem aumento da mais valia e da exploração do trabalho (DAL ROSSO, 2008).

Nota-se que, junto as transformações no modo de produção do mundo capitalista, surgiram outras modalidades de trabalho e organizações, visando à flexibilidade e a agilidade, sempre acompanhado da revolução tecnológica do emprego da ciência aos métodos produtivos, o que representou cada vez mais implicações para o trabalho e subjetividade do trabalhador (ANTUNES, 2002).

A intensificação do trabalho não pode ser entendida somente como “mais trabalho”, pois isto incorreria em reducionismo do processo, comum a todas as épocas, sem modificações históricas ao longo do tempo (ASSUNÇÃO; OLIVEIRA, 2009). Nem tão pouco pode ser reduzida a um modo de produção específico, pois o processo de intensificação do trabalho ocorre de maneira singular de acordo com os setores e ramos de atividade produtiva (PINA, 2012). Mas deve ser entendida como um modelo de determinação social que envolve o âmbito social, político e econômico, partindo de uma visão mais ampla podendo ser aplicada em todas as relações de trabalho.

Devido as dificuldades encontradas perante a construção de um conceito para intensificação no trabalho, vale ressaltar o cuidado metodológico defendido por Cardoso (2015, p 09); “Estamos diante de um conceito em construção, dada a sua extrema complexidade, associada à variedade de causas e formas de manifestação”. A autora ainda menciona fatores que dificultam a precisão do constructo pela proximidade com outras noções. A partir deste ponto, as pesquisas se desdobram sobre os seguintes indicadores: alongamento da jornada de trabalho; acúmulo de atividades; polivalência, versatilidade e flexibilidade; ritmo e velocidade; e gestão por resultados (DAL ROSSO, 2008). Estes são componentes que contribuem na intensificação do trabalho serem detalhados

Alongamento da Jornada de Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Consiste em trabalhar por mais tempo. Acumulam-se as tarefas e a exigência acarretando mais dispêndio de energia.</li> </ul>
Ritmo e Velocidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Com base nos modelos Taylorista e fordista, significa o aumento do ritmo e velocidade no mesmo intervalo de tempo.</li> </ul>
Acúmulo de Atividades	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Esse indicador refere-se a agrupar um conjunto de funções em uma pessoa,, onde antes era distribuído entre varias pessoas.</li> </ul>
Polivalência, versatilidade e flexibilidade.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O operário polivalente consiste naquele que atua em diversas frentes ao mesmo tempo, exigindo versatilidade e flexibilidade.</li> </ul>
Gestão por resultados	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cobrar de resultados como forma de pressão interior ou exterior sobre o trabalhador.</li> </ul>

**FIGURA 2** - Indicadores de trabalho Intensificado (DAL ROSSO, 2008).

Dal Rosso e Cardoso (2015) descrevem que existem trabalhos mais intensos, devido a exigência de mais esforço, entretanto sua cadencia não necessariamente precisa ser mais rápida, nem em velocidade maior e com prazos apertados, a exemplo, da docência, em que ministrar aulas pode exigir um esforço maior quanto a complexidade do assunto, grau de concentração e esforço, densificação do conteúdo, ou até mesmo pelo número de alunos aglomerados em sala de aula. Assim, o conceito de ritmo e velocidade proposto no EWCS reduz a dimensão da noção de trabalho intensificado, quando faz referência somente a unidade de produção.

Partindo desta ponderação, buscou-se elencar indicadores, para analisar o trabalho intensificado como primeira forma de aproximação do conceito no contexto específico da atividade docente do ensino superior. Desse modo, foram elencados alguns indicadores capazes de se aproximar ao máximo da literatura, considerando especificidades do trabalho docente, como: I- tempo de trabalho, II- acúmulo de atividades, III- exigências/ demandas/pressões.

Os indicadores são construídos com o objetivo de explicar fenômenos complexos, de modo a tornar a informação acessível, tornando-os quantificáveis e compreensíveis, de maneira que possam ser analisados de forma objetiva (KLIGERMAN, 2007; MOTEIRO e FALSARELLA, 2007).

Para Fernandes (2004), mensurar significa produzir informações por meio de indicadores, e utilizar indicadores consiste em gerenciar informações diante do arcabouço teórico. Assim, construir um indicador representa reorganizar informações uteis, fidedignas e pontuais sobre determinado conceito, sendo fundamental para novas construções de cunho quantitativo.

Avaliar um constructo por meio de um indicador fornece medidas capazes de visualizar desempenho de funções e desdobramentos no decorrer do tempo (ROONEY; OSTENBERG, 1999). Além de oferecer um quantitativo que indica um estado de determinada situação.

É importante salientar que os indicadores propostos devem ter propriedade de apreender ao máximo a realidade com credibilidade científica, devendo ser gerado de forma criteriosa (CAMARGO, 2000). Contudo, deve-se ter cautela quanto aos aspectos que possam limitar sua validade.

Para Trzesniak (1998), a construção de um indicador deve seguir os seguintes critérios:

1. Estudo dos processos específicos a fim de gerar as respostas desejadas;

2. Padronização da metodologia de obtenção, que deve ser estável, bem definida e reproduzível, de forma que possa ser replicada com coerência sobre os dados;
3. Obtenção da informação, que também inclui a interpretação;
4. Aperfeiçoamento da relação indicador-informação.

Em relação às características, o indicador de qualidade deve-se atentar para as seguintes características: ser mensurável, passível de compreensão, possuir representatividade diante dos resultados alcançados, ser calculado com dados disponíveis, válidos e confiáveis, além de possuir relevância social. A partir dos indicadores pretende-se quantificar o trabalho intensificado docente, melhorando práticas conceituais e metodológicas (TIRONI, 1991; TRZESNIAK, 1998; ROONEY e OSTENBERG, 1999; RIPSA, 2002):

### **3.2 Trabalho Docente no Ensino Superior**

A partir da década de 90, as universidades têm passando por transformações na sua estrutura, principalmente na área administrativa com projetos que visam reforma da educação superior, proposta pelo governo federal com objetivo voltado para modernização ou aumento de eficiência, ou seja, segundo Sguissardi & Silva Junior (2000) “flexibilidade e redução de custos”. Assim, são adotadas políticas que viabilizam uma nova configuração para as universidades, numa perspectiva mercantil transformando-as em prestadoras de serviços para o mercado (SILVA JUNIOR, 2005; SGUISSARDI; SILVA JUNIOR, 2009).

Esta reestruturação no ensino universitário se encontra articulado às mudanças ocorridas no mundo do trabalho, desde 1970, de forma ampla e com desdobramentos cada vez mais complexos. Dentre a sua configuração, tornou o trabalho docente precarizado e com inúmeras exigências pautadas na produtividade, na intensificação, na massificação e no elevado grau de excelência diante da qualidade produtiva.

No contexto das transformações diante das reformas educacionais, aumentam as exigências, principalmente em relação a qualificação acompanhada de novos procedimentos metodológicos na formação dos alunos, na forma de avaliá-los, além das mudanças nos padrões de comportamentos dos novos estudantes, mudando as configurações nas relações de ensino (RIBEIRO, 2011).

Segundo Novaes (2004), as mudanças também tem ocorrido no perfil dos estudantes devido aos avanços tecnológicos, às constantes mudanças identitárias

(gângues, tribos, comunidades virtuais, entre outros). Esse movimento tem ocorrido devido a velocidade na transmissão das informações que faz com que o docente acabe se inserindo nesta lógica para atender as necessidades da atualidade. Além deste aspecto, o trabalho docente ultrapassa as habilidades técnicas adentrando às questões afetivas na relação aluno-professor.

Alguns aspectos podem guiar possíveis respostas a essas questões referente a ampliação e a complexidade do exercício do trabalho docente, destacando-se as pressões voltadas à produção acadêmica, que exigem versatilidade diante da realização de atividades que lhe são demandadas pela universidade, incluindo o alongamento da jornada de trabalho, flexibilidade, versatilidade e polivalência, em que os trabalhadores são direcionados a trabalhar por mais tempo: “Acumulam-se tarefas sobre os seus ombros, exigindo mais esforço”. O acúmulo de tarefas e outros mecanismos, tais como o domínio de tecnologias recentes que aumentam os ritmos ou exigem atividades suplementares, implica em intensificação do trabalho” (DAL ROSSO, 2008, p. 109).

Um dos aspectos cruciais para a intensificação do trabalho foi a modificação no cotidiano do trabalho docente. Tal relação pode ser constatada não somente com base na intensificação e/ou pressão sobre o trabalho destinado ao alcance dos parâmetros de produção acadêmica crescente, mas também na ampliação do uso do tempo que o professor despende com o seu trabalho. Desta forma, os profissionais passaram a se submeter, no seu dia a dia, a nova lógica de arranjo temporal, caracterizada por uma jornada laboral intensiva e extensiva. Esta última facilitada pela introdução das novas tecnologias eletroeletrônicas, como *e-mail*, *notebooks*, *tablets* e *smartphones*, que acompanham os profissionais para além do ambiente de trabalho (MANCEBO, 2007). Dessa forma, diminuiu-se o tempo do docente para efetuar, com mais tranquilidade o seu trabalho, atualizar-se profissionalmente e também para direcionar parcela do seu tempo para o lazer e convívio social (CARLOTTO; CÂMARA, 2007).

Assunção e Oliveira (2009) se apoiam no estudo de Davezies (2007) e apontam que o processo do trabalho intensificado, entre os professores, produz uma degradação do trabalho docente e da qualidade dos serviços prestados. As autoras ressaltam que o trabalho intensificado experimentado pelos professores conforma sofrimento relacionado a um conflito entre as expectativas por fazer bem o trabalho e as exigências e regras que restringem o tempo, aumentam o volume de tarefas e a sobreposição de tarefas. Também em razão da maior complexidade, as atividades docentes estão crescentemente sujeitas a prazos reduzidos.

Assim, o professor universitário encontra-se em um contexto de múltiplas demandas. No que tange a pesquisa, tem-se materializado em um crescimento expressivo da produtividade acadêmica, cujo objetivo se encerra no próprio ato produtivo, isto é, fazer-se e sentir-se produtivo. Dessa forma, os professores ganham notoriedade pela inserção na pós-graduação, pelo número de orientações realizadas, artigos e/ou livros publicados e, principalmente, pela bolsa de produtividade em pesquisa que conseguem adquirir e manter constantemente (BOSI, 2007).

No rol dessas mudanças, o docente passou a ser avaliado com base em indicadores de capacidade produtiva, transformando-se, portanto, em “empresário” intelectual, por ter que conviver, quase exclusivamente, com critérios quantitativos em detrimento dos qualitativos. Desse modo, o profissional se vê imerso em um movimento extremamente rápido de transformação de seu cotidiano de trabalho, em que o essencial é encaixar-se em um sistema competitivo de produção (CAMPOS; LOPES; FREITAS, 2004; LOPES, 2006).

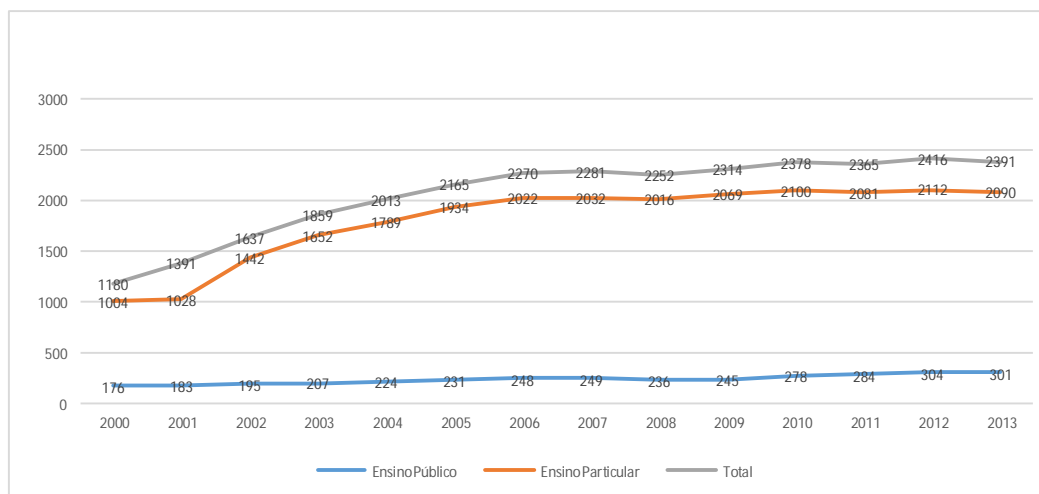
De acordo com os dados fornecidos pelo Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais - INEP (2013), as instituições públicas e particulares possuem regimes de trabalho distintos, podendo o docente ter dedicação exclusiva (integral), parcial ou horista. A partir dos vínculos empregatícios são determinados as atribuições e exigências referentes ao ensino na universidade.

Os professores de tempo integral são facilmente encontrados nas universidades públicas e deles são exigidos três funções principais: ensino, pesquisa e extensão. Geralmente este público possui um plano de carreira a longo prazo. Os docentes de tempo parcial são minorias, tanto nas instituições de ensino público ou particular, e não possuem estabilidade perante o trabalho. Já os docentes horistas, isto, em geral, vinculados às instituições particulares, não possuem plano de carreira (ANASTASIOU, 2005). Os tipos de vínculos têm relevância significativa para a análise do trabalho intensificado, pois a estabilidade perante o trabalho consiste em um elemento importante para categoria profissional.

Na nova reestruturação do trabalho docente universitário, seguindo-se a lógica capitalista, deve-se atender as exigências referentes aos trabalhos publicados e submissão de projetos a financiamentos, além da participação em reuniões, comissões, orientação e atendimento aos alunos, planejamento de aulas, relatos sobre os processos com intuito de cumprir prazos no tempo estabelecido. Desse modo, as diversas atribuições estão acompanhadas de múltiplas responsabilidades (CARLOTTO, 2008).

Além desses aspectos, assimila-se a modificações nos critérios referentes a aposentadoria, criação de normas produtivistas para avaliar o desempenho docente, assim como cortes de benefícios. Além das questões individuais que influenciam na vida do professor, pode-se visualizar crescimento vertiginoso referente a quantidade de cursos de graduação e pós-graduação, e conseqüentemente, no número de alunos. Desse modo se configurou a expansão universitária com mudanças radicais no cotidiano e na relação professor-aluno (SILVA JUNIOR; SGUISSARD, 2009; SILVA JUNIOR; SGUISSARD, 2010).

Nos últimos 13 anos, o número de matrículas em cursos presenciais nas Instituições de Ensino Superior (IES) públicas e privadas no Brasil cresceu 129%, sendo que em 2013, período mais recente do levantamento, o aumento chegou a 3,8%. O que representa cerca de 1,8 milhão de alunos matriculados nas IES da rede pública (28,8%). Em relação ao número de instituições de ensino superior nos últimos anos, totalizou um crescimento de 102%, sendo 71% nas instituições públicas. Entretanto, em 2013, o setor da educação de nível superior decresceu cerca de 1% totalizando 2.391 instituições, destas 301 são públicas e 2090 particulares (FIGURA 4) (SINDATA/ SEMESP/BASE: CENSO INEP; 2013).



**FIGURA 3.** Número de Instituição de Ensino Superior no Brasil (2000-2013)

Fonte: Sindata/ Semesp/ Base Censo INEP. 2013

Assim como ocorreu um aumento de matriculados nas instituições de ensino público e privado, ocorreu um crescimento global do quantitativo de docentes nas IFES de aproximadamente 44% no período de 2003-2012. Evidencia-se que no período de

implementação do Reuni, ou seja, entre 2008 e 2012, houve um grande salto no número de docentes efetivos com a autorização de 21.786 novas vagas docentes e a consequente redução de 64% de docentes substitutos. Esse movimento pode ser compreendido como uma estratégia para qualificar o ensino na educação superior, uma vez que a contratação de professores efetivos garante a constituição de um coletivo mais comprometido com o ensino, a pesquisa e a extensão. Houve também uma ampliação aproximada de 22% no quantitativo de professores visitantes (SINDATA/ SEMESP/BASE: CENSO INEP; 2013).

Entretanto, os docentes ainda convivem em condições de trabalho que atuam como estressores, responsáveis por diversas situações de desgaste físico, psíquico e emocional, que podem gerar doenças ocupacionais. Tais situações contemplam insatisfações e/ou constrangimentos a que são expostos ao longo de sua história profissional, dentre os quais se destacam a pressão do tempo, problemas de relacionamento com os colegas e/ou com a administração, ameaças verbais e físicas provenientes dos discentes, entre outros. Somado a isto, os docentes ainda são cobrados a adaptar-se às condições tecnológicas e à demanda para manter-se continuamente atualizados diante da rápida transformação do conhecimento científico (FREITAS; CRUZ, 2008).

Esse contexto pode explicar o cansaço físico, vocal e mental do docente, inclusive o afastamento do trabalho por doença dos docentes. A prevalência de transtornos mentais entre os professores, por exemplo, tem sido evidenciada em vários contextos educacionais (ARAÚJO et. al., 2003). Existem dificuldades para estabelecer associações diretas entre essas informações com a intensificação do trabalho dos professores. Esses indicadores, se articulados às cargas de trabalho podem conformar hipóteses de pesquisa, uma vez que o professor exaurido diante da sua condição no processo de intensificação do trabalho, deixa sua saúde fragilizada, estando mais vulnerável ao adoecimento. Diante disso, é válido mencionar que a alta demanda de solicitações do ambiente acadêmico em regime de urgência pode acarretar descontrole do limite do profissional, expondo-o aos riscos do adoecimento (ASSUNÇÃO; OLIVEIRA, 2009)

Desse modo, vale reportar-se ao ensino docente universitário como aquele que acompanha toda reestruturação educacional pautada na perspectiva capitalista: a flexibilização do trabalho, exigência de mais trabalho, gestão por resultados,



polivalência e versatilidade, assim como a ampliação das jornadas de trabalho que são características singulares do professor (DAL ROSSO, 2008).

### **3.3 Transtornos Mentais Comuns (TMC)**

O adoecimento psíquico representa um problema de saúde pública, e no âmbito do trabalho, vem acometendo diversos profissionais, além de estar relacionado a fatores multicausais. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) (2002), uma em cada quatro pessoas será afetada por um distúrbio mental em uma dada fase da vida.

Os transtornos mentais comuns constituem um conjunto de sintomatologia não psicótica, como por exemplo, esquecimento, falta de concentração, fadiga, irritabilidade, insônia, depressão e queixas somáticas (LUDERMIR; MELO FILHO, 2002). A expressão TMC foi proposta por Goldberg e Huxley, e tem sido bastante utilizada na descrição destes sintomas (GOLDBERG; HUXLEY, 1992).

Estas manifestações podem ter duração prolongada ou podem ser transitórias, modificando comportamentos cotidianos e, conseqüentemente, a qualidade das tarefas desempenhadas, provocando incapacidades, com repercussões nas funções psíquicas e emocionais, comprometendo a qualidade de vida do sujeito (FONSECA; GUIMARÃES; VASCONCELOS, 2008).

Os transtornos mentais e comportamentais se configuram como a terceira principal causa de afastamento do trabalho de acordo com os dados referente aos anos 2008 a 2011 (SILVA JÚNIOR; FISCHER, 2014). No Brasil, 4% dos 301.000 beneficiários afastados do trabalho foram decorrentes de TMC, de acordo com os dados do Instituto Nacional do Seguro Social no ano de 2010. Nos anos seguintes (2011, 2012, 2013), o percentual oscilou em menor proporção. Assim, os TMC continuam ocupando a mesma posição entre os grupos de doenças listadas na Classificação Internacional das Doenças (CID-10) que mais afastam do trabalho (MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL, 2011, 2012, 2013).

Pela crescente significância social e epidemiológica, os TMC representam morbidade psíquica com elevadas prevalências nas sociedades, independentemente da localização geográfica e faixa etária, correspondendo a um desafio à epidemiologia (ROCHA et al., 2010).

Estudos realizados com docentes (Educação infantil/fundamental I e II/ ensino médio) na cidade de Salvador apontou prevalência de TMC na rede particular de 23,6%

no período 2002-2003 (FARIAS, 2004), enquanto nos docentes da rede municipal de ensino a prevalência foi de 29,6% entre 2006-2007 (CEBALLOS, 2009). Em Vitória da Conquista, estudo semelhante apontou de TMC na rede particular de ensino de 45,5% entre os docentes nos anos 2001-2002 (DELCOR et al., 2004) e na rede municipal foi de 55,4%, nos anos 2001- 2002 (REIS et al., 2005).

No que diz respeito ao ensino superior foi possível constatar prevalência de TMC em duas universidades públicas da Bahia. A Universidade Estadual de Feira de Santana, em 2000, com prevalência de 17,9% com amostra de 314 docentes (PARANHOS; ARAUJO, 2008) e a Universidade Federal da Bahia, no mesmo ano com prevalência de 18,7% com amostra de 257 professores (WERNICK, 2000).

Diante dos achados mencionados anteriormente, se faz necessário apontar algumas características ocupacionais que influenciam no acometimento dos TMC, tais como: o trabalho repetitivo, insatisfação do desempenho das atividades, desgaste nas relações interpessoais entre colegas, ambiente conflitante, falta de autonomia no planejamento das atividades, falta de materiais e equipamentos adequados (infraestrutura ofertada), salas de aulas inadequadas e ritmo acelerado de trabalho (ARAÚJO; CARVALHO, 2009).

O docente se depara com inúmeras questões que repercutem tanto no âmbito de trabalho como na vida pessoal, podendo estar relacionada a múltiplos vínculos, carga horária semanal de trabalho elevada, diversas demandas psicológicas e físicas como a fiscalização contínua do desempenho, do nível elevado de ruído na sala de aula, violência diante do patrimônio e individual, além da insatisfação salarial (ARAÚJO et al., 1998; SILVANY-NETO et al., 2000).

Sendo um profissional cada vez mais solicitado a atender exigências referente a concentração por períodos longos de tempo, possuindo tempo insuficiente para a realização das tarefas e estudo, com ritmo acelerado do trabalho, se submetendo a posições inadequadas para o corpo, principalmente cabeça e pescoço, além das dificuldades encontradas diante do trabalho disciplinar em sala de aula e falta de local para descanso dos professores (ARAÚJO; CARVALHO, 2009; DELCOR et al., 2004; FARIAS, 2004; SOUZA, 2008).

Desse modo, o acompanhamento cotidiano, as sobrecargas do trabalho e as relações sociais, são problemas enfrentados que comprometem as condições saudáveis para a execução do exercício docente. (GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2006; SOUZA; FONSECA, 2006).

Além disso, o docente possui uma representação social diante da comunidade, pois carrega o estereótipo de detentor do saber, sendo uma condição que pode acarretar desgaste psíquico do trabalhador (ARAÚJO et al., 2005).

Se tratando de doenças que atingem os professores, nem sempre é possível identificar de modo direto os determinantes da doença e sua relação com o processo de trabalho. Não havendo o devido reconhecimento, o trabalhador permanece sem acesso aos seus direitos, contribuindo significativamente para o seu sofrimento psíquico (BORSOI, 2005).

Os transtornos mentais entre professores não estão exclusivamente ligados a intensificação do trabalho, ao elevado volume de trabalho, a precariedade das condições existentes, mas também a diversidade e complexificação do trabalho, bem como a expectativa elevada referente a excelência (DELCOR et al., 2004; GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2006).

Diante do exposto, vale salientar a importância em tratar da saúde do docente universitário, principalmente no seu ambiente de trabalho. Pela escassez de investigação epidemiológica desta categoria contribuirá significativamente para construção de novos saberes em âmbito acadêmico. Para mensurar os TMC, será utilizado um instrumento capaz de detectar sintomas psiquiátricos o *Self Report Questionnaire* (SRQ-20), desenvolvido pela OMS, para uso em países em desenvolvimento, com objetivo de rastrear possíveis casos de TMC.

O SRQ-20 é composto de 20 questões dicotômicas (sim/não) sobre sintomas emocionais e físicos, sendo quatro questões se referem a queixas somáticas e dezesseis a sintomas psíquicos, cada um dos itens apresentam escores 0 ou 1, indicando presença ou ausência do sintoma nos últimos 30 dias. No Brasil, estudos realizados com o instrumento estabeleceram como ponto de corte para quadros suspeitos de TM, sendo considerados caso de TMC para o sexo masculino quem respondeu de modo afirmativo seis questões e no sexo feminino a partir sete respostas afirmativa, principalmente para população de docentes (MELLO, 2007).

## 4 METODOLOGIA

O presente estudo constitui um subprojeto de pesquisa: “Estresse ocupacional e saúde entre os docentes da UEFS”. Foi desenvolvida na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) em parceria com o núcleo de Epidemiologia (NEPI).

A população alvo foram os professores da Universidade Estadual de Feira de Santana, independente do tipo de vínculo, utilizando como critério de seleção o processo e amostragem aleatória estratificada. A pesquisa teve início no ano de 2015, após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em pesquisa.

O instrumento de coleta de dados utilizado foi um questionário individual autoaplicável para profissionais do ensino superior. Contém nove blocos de questões (Anexo A): Bloco I- Informações gerais sobre o trabalho, Bloco II- Condições do ambiente de trabalho, Bloco III- Características psicossociais do trabalho, Bloco IV- Satisfação no trabalho, Bloco V- Atividades domésticas e hábitos de vida, Bloco VI- Uso do tempo, Bloco VII- Aspectos relacionados à sua saúde, Bloco VIII- Vínculo com a carreira profissional e Bloco IX- Identificação Geral. O instrumento de pesquisa incluiu questionários de pesquisa já validados no Brasil como *Job Content Questionnaire* (JCQ) e *Self Reporting Questionnaire* (SRQ-20).

Para a coleta de dados do estudo foram treinados entrevistadores (alunos de graduação, mestrado, bolsistas e iniciação científica e voluntários). O treinamento incluiu leitura do questionário, e explicação de cada instrumento por meio de um manual do entrevistador, além de abordagem quanto aos aspectos éticos adotados numa pesquisa, seguindo a Resolução 466/12.

No campo do estudo, num primeiro momento foram sorteados os docentes por meio de uma amostra aleatória por departamento e, em seguida, distribuídos entre os entrevistadores, que realizaram uma pesquisa para localizar os professores distribuídos na universidade (horário/ sala). Num segundo momento, os entrevistadores foram ao encontro dos docentes, que foram abordados seguindo todos os critérios do treinamento, sendo convidados a participar da pesquisa e leitura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), o qual era preenchido e assinado em duas vias, assim, uma ficava com o trabalhador e a outra com o entrevistador, caso o docente não pudesse entregar naquele momento, em outra oportunidade agendada, seria recolhido.

Foram realizadas em média três tentativas para cada docente sorteado, quando havia insucesso eram realizadas as tentativas com os professores sorteados na

seqüência. Os questionários respondidos foram inspecionados pela mestranda responsável pela pesquisa, avaliando-se o preenchimento de todas as respostas e codificando-as para posterior digitação. A coleta de dados durou em média nove meses devido a diversas paralisações no âmbito acadêmico e da dificuldade de entrar em contato com uma parcela dos docentes.

Os dados foram digitados no programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), versão 17 para Windows, para validação do banco de dados, adotando-se como critério a dupla digitação de todos os questionários. Os erros identificados foram corrigidos pela identificação dos questionários e a partir da codificação dos mesmos visando à consistência do banco de dados.

No presente estudo, como um subprojeto, foram desenvolvidos quatro artigos: o primeiro artigo consiste numa revisão de literatura sobre a mercantilização do trabalho docente, fazendo uma reflexão sobre a saúde dos docentes. A sua metodologia está detalhada no próprio artigo (ver seção 5.1); o segundo artigo trata-se da construção do indicador: trabalho intensificado no trabalho docente, utilizando o método de análise fatorial (ver seção 5.2), o terceiro artigo foi um estudo transversal exploratório com os docentes acerca da prevalência e dos fatores associados ao Trabalho Intensificado (ver seção 5.3); e o quarto artigo se refere a associação do trabalho intensificado com TMC entre os docentes de uma universidade pública na Bahia (ver seção 5.4).

#### **4.1 Tipo de estudo**

O artigo 2- Trata-se de uma construção do indicador trabalho intensificado, que mensura se a característica a ser medida correlaciona-se com outra ou com a literatura apresentada. Para construção do indicador utilizou-se a análise fatorial, técnica multivariada, que busca analisar a estrutura interna das correlações entre as variáveis (COLLARES; GREC; MACHADO, 2012).

O artigo 3 e 4 - Trata-se de um estudo epidemiológico, do tipo seccional, o qual avalia a exposição e desfecho de forma simultânea em um curto período de tempo. Neste estudo, os sujeitos foram investigados apenas uma única vez ou em um tempo suficiente para os dados serem coletados (PEREIRA, 1995; MEDRONHO et al., 2009). Consiste em um estudo vantajoso devido ao baixo custo, alto potencial descritivo, fácil execução e simplicidade analítica (ROUQUAYROL; ALMEIDA, 2006).

Os estudos transversais têm baixo poder para estabelecer relações causais ou mesmo a história natural do fenômeno. Além disso, este desenho é inviável quando o evento de interesse é raro (HULLEY et al., 2008).

#### **4.2 Local do estudo**

O local do estudo do artigo 2, 3 e 4 foi a instituição de ensino superior pública, localizada na cidade de Feira de Santana, Bahia. A instituição oferta diversos cursos de graduação e pós-graduação (especialização, mestrado e doutorado) e está estruturada em departamentos (Ciências Biológicas, Ciências Exatas, Letras e Artes, Saúde, Tecnologia, Educação, Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas e Filosofia).

#### **4.3 População e amostragem**

A população alvo do artigo 2, 3 e 4 foram todos os docentes de todos os departamentos da Universidade, que estavam em efetivo exercício de suas funções, independentemente do tipo de vínculo empregatício. Como consta nos dados do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), entre o período de 2011-2015, totaliza um quantitativo de 931 professores, distribuídos pelos departamentos.

Foram incluídos no estudo todos os docentes que aceitarem participar da pesquisa e assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A). O critério de exclusão utilizado foi relacionado ao docente que estivesse afastado das suas atividades na instituição durante o período da coleta de dados.

Para estimativa do tamanho amostral foi calculada uma amostra representativa aleatória para população alvo. Portanto, calculou-se o número de docentes a ser entrevistados em cada Departamento de acordo com o seu tipo de vínculo (Permanente/REDA). Total de professores para a amostra: 423 docentes (Tabela 1). Para este procedimento foi utilizado o *software R* versão 2.12.1.

Para definição do tamanho da amostra, foi considerado o total de 931 professores e a proporção esperada para TMC de 18% (WERNICK, 2000; PARANHOS, 2002), adotando os seguintes parâmetros: nível de confiança de 95%, precisão de 3%, e o poder do estudo de 80%, calculou-se a amostra em 376 docentes.

Acrescentou-se a este valor 15% para neutralizar o efeito de possíveis perdas e recusas, obteve-se o n amostral final de 423 professores, o resultado final da amostra difere da tabela, pois os dados apresentados na tabelas foram aproximados.

**TABELA 1-** Procedimento de amostragem estratificada por departamento e por tipo de vínculo da Universidade Estadual de Feira de Santana, 2011-2015, segundo dados do Plano de Desenvolvimento Institucional.

Departamentos	N. Total de docentes	% de docentes	N total a ser estudado	
			N	n final
Saúde	255	27,39	123,52	124 docentes
Ciências Biológicas	100	10,74	48,43	49 docentes
Exatas	102	10,96	49,38	50 docentes
Educação	81	8,70	39,23	40 docentes
Ciências Hum. Fil	95	10,20	46,10	47 docentes
Física	38	4,09	18,44	19 docentes
Letras e Artes	96	10,31	46,50	47 docentes
Tecnologia	69	7,41	33,41	34 docentes
Ciências Sociais e Aplic.	95	10,20	46,10	47 docentes
<b>TOTAL</b>	931	100,0		<b>457</b>

. \*A soma do total em cada departamento varia em virtude da aproximação

Entretanto, para os artigos 3 e 4, foi necessário utilizar outro critério para o cálculo da amostra, onde foi considerado o total de 931 professores e a proporção esperada para TMC de 18%, desfecho de interesse do projeto- mãe (WERNICK, 2000; PARANHOS, 2002), como apresentado acima, o que foi modificado foram os seguintes parâmetros: nível de confiança de 80%, precisão de 3%, e o poder do estudo de 80%, calculou-se a amostra em 210 docentes. Acrescentou-se a este valor, 30% para neutralizar o efeito de possíveis perdas e recusas, obteve-se o n amostral final de 273 professores. Esta mudança foi necessário pela perda de questões não respondidas, o que trouxe inconsistência diante dos dado, assim utilizou-se desta estratégia para minimizar os possíveis vieses, fortalecendo ainda mais o poder do estudo.

#### 4.4 Instrumentos de coleta de dados

Como um subprojeto, este estudo utilizou os blocos de questões do projeto piloto Estresse Ocupacional e Transtornos Mentais Comuns entre professores universitários. Assim, foi elaborado três artigos. Para o artigo 2, foram utilizados os seguintes blocos: I- informações gerais sobre o trabalho e o III- para avaliar as características do ambiente laboral; o JCQ (parte deste bloco) avaliou os aspectos psicossociais.

Para o artigo 3, foram utilizados os blocos: I- informações gerais sobre o trabalho; III- para avaliar as características do ambiente laboral; bloco V- para avaliar atividades domésticas e hábitos de vida; bloco VI- avaliar o uso do tempo; bloco VII- aspectos relacionados à sua saúde (padrões do sono e uso de medicamentos) e bloco IX- para avaliar as características sociodemográficas.

Para o artigo 4, foram utilizados os seguintes blocos: III- características psicossociais do trabalho e VII- aspectos relacionados à saúde; o SRQ-20 (parte deste bloco) que avalia os Transtornos Mentais Comuns.

Para avaliar os Transtornos Mentais Comuns, foi utilizado o SRQ-20. Trata-se de instrumento desenvolvido pela OMS, composto por 20 questões dicotômicas (sim/não) com intuito de detectar e avaliar sintomas não-psicóticos que avaliam sintomas como presença de humor depressivo-ansioso, sintomas somáticos (falta de apetite, dores de cabeça, má digestão), decréscimo de energia vital e pensamentos depressivos. Analisa a presença desses sintomas nos últimos 30 dias (SANTOS, et al., 2009).

Para avaliar a estrutura fatorial e consistência interna do instrumento em população urbana, foram utilizados os estudos sobre Validação de Instrumento Diagnóstico SRQ-20. Onde foi possível concluir desempenho aceitável referente ao instrumento para avaliar os Transtornos Mentais Comuns, que embora possua uma gama de transtornos emocionais, possui particularidades indispensáveis para o rastreamento da saúde mental na esfera ocupacional (SANTOS; ARAUJO; OLIVEIRA, 2009).



## 4.5 Variáveis do estudo

### 4.5.1 Variável exposição

A variável de exposição de interesse deste estudo é o trabalho intensificado, que é denominado, segundo Dal Rosso (2008), como “mais trabalho”, e representa maior dispêndio de energia física, psíquica e mental do trabalhador no mesmo intervalo de tempo. Apesar da complexidade e da escassa literatura diante das possíveis formas de mensuração deste constructo, foi utilizado aqui o modelo do trabalho quantitativo, realizado pelos inquéritos da fundação europeia sobre desenvolvimento das condições de vida e trabalho para melhor conhecer as possíveis maneiras de manifestação da intensificação do trabalho nos diferentes setores. Como referência principal para construção dos indicadores, foram utilizados diversos estudos, principalmente os de Dal Rosso (2008), tendo seu livro “mais trabalho” como base para este arcabouço teórico.

Para análise do trabalho intensificado, buscou-se definir indicadores a partir de conceitos e critérios adotados por autores que utilizam relatórios e questionários da European Working Conditions Surveys (EWCS), sobre o grau de intensificação no trabalho na atualidade.

Assim, foram elencados os indicadores e suas respectivas questões apresentados no questionário. É importante mencionar que os indicadores estão separados por motivos metodológicos e didáticos, embora todos eles devam estar relacionados para que se possa definir trabalho intensificado.

Neste estudo, com base na literatura sobre o tema, o indicador de trabalho intensificado levará em conta: a) Tempo de Trabalho; b) Acúmulo de Atividades e c) Exigências/demandas/ pressões.

O primeiro indicado, consiste no Tempo de trabalho, que emprega informação sobre jornada de trabalho, carga de trabalho e questões relacionadas ao trabalho na instituição estudada.

A jornada de trabalho, definida por Dal Rosso (2008), está relacionada à duração, que se configura pela quantidade de tempo que o trabalho consome na vida das pessoas (trabalho material somado ao trabalho imaterial). As questões que indicam esta dimensão foram:

- Qual sua carga horária de trabalhado docente na instituição?

- Eu frequentemente trabalho durante meu horário de almoço ou durante as pausas para terminar o meu trabalho?

O segundo indicador está relacionado ao acúmulo de atividades, que consiste na capacidade de o trabalhador realizar múltiplas atividades para alcançar melhores resultados (DAL ROSSO, 2008). Para este indicador é possível elencar as seguintes questões:

- Leciona na pós-graduação?
- Realiza atividade de pesquisa?
- Atua como coordenador de projeto de pesquisa?
- Atua como parecerista de periódico(s) científico(s)?
- Realiza atividade de extensão?
- Você realiza atividades administrativas (apoio a colegiados, departamentos, outros setores) na instituição?

Finalmente, o terceiro indicador proposto se configura pelas exigências, demandas e pressões diante do trabalho, buscando compreender como as exigências exercidas pela pressão do trabalho influenciam no tempo destinado ao labor, fazendo o trabalhador ultrapassar seus limites físicos e psíquicos diante da jornada de trabalho.

- Meu trabalho requer que eu trabalhe muito rapidamente
- Frequentemente, eu sou pressionado (a) trabalhar depois da hora?
- Nos últimos anos, meu trabalho passou a exigir cada vez mais de mim?
- No trabalho, eu me sinto sufocado pela pressão do tempo?
- Eu sou solicitado(a) a realizar um volume excessivo de trabalho?
- O tempo para realização das minhas tarefas é suficiente?
- Meu trabalho requer que eu trabalhe duro?
- Constantemente, eu me sinto pressionado pelo tempo por causa da carga pesada de trabalho?

Para analisar trabalho intensificado, foi utilizado o método de análise fatorial exploratória com objetivos de construir o indicador para o trabalho docente com base nas demandas e questões descritas acima

#### **4.5.2 Variável desfecho**

A variável desfecho de interesse deste estudo são os transtornos mentais comuns, avaliados pelo SRQ-20, instrumento internacionalmente adotado e validado para a população brasileira (MARI; WILLIAMS, 1985).

Os escores do SRQ-20 indicam nível de suspeição de Transtornos Mentais Comuns, numa escala de zero (nenhuma sintomatologia) a vinte (sintomatologia máxima) (SANTOS, 2006). O ponto de corte adotado será igual ou superior a sete questões positivas para as mulheres e cinco questões positivas para os homens, de acordo com procedimentos recomendados (SANTOS et al., 2011).

#### **4.6 Construção do indicador trabalho intensificado**

Para construção do indicador trabalho intensificado docente foi conduzida a técnica de análise fatorial para verificar o grau de confiabilidade do construto (consistência interna).

##### **4.6.1 Indicador**

Para construção do indicador foi feita por meio da análise fatorial. Para justificar o uso do método, assume-se que há certo grau de colinearidade entre as variáveis, uma variável pode ser explicada por outra, apresentando correlações aceitáveis.

Desde modo, foi realizado o teste de esfericidade de Bartlett, que verifica se a matriz de correlação é uma matriz identidade (elementos da diagonal principal da matriz é 1 e os demais são próximos de 0), o que significa que não há correção entre os dados; e o teste de Kaiser/ Mayer /Olkin para verificar se a proporção da variância dos dados pode ser atribuída a um fator comum, ou seja, fatorabilidade, sendo que quanto mais próximos de 1, melhores são os resultados. Estes testes sugerem se é apropriado o uso da análise fatorial para analisar a matriz de correção (CRUZ; TOPA, 2009). O nível de significância para o teste de esfericidade de Bartlett foi considerado 5%.

Posteriormente, foi realizado o teste do “*scree plot*” (gráfico), ou teste de Cattell, para verificar a retenção dos fatores a partir dos autovalores. A análise fatorial foi realizada a partir da matriz de correlações, para extração dos valores utilizado o método de componentes principais, que considera a variância total. O número de fatores extraídos foi considerado através do critério de kaiser, excluindo os fatores com autovalores  $<1$  (CRUZ; TOPA, 2009).

Para simplificar a estrutura fatorial, foi realizada a rotação oblíqua Varimax, que propõe extrair a estrutura do indicador, ou seja, o agrupamento dos itens em diferentes fatores, permitindo que os fatores sejam correlacionados entre si. As cargas fatoriais adequadas foram consideradas  $\geq 0,30$  por serem mais importantes, sendo que quanto maior o valor absoluto da carga fatorial, maior representatividade será a variável no fator (CRUZ; TOPA, 2009; VENDRAMINI, 2009).

A variância explicada por meio do componente ou fator indica o peso relativo de cada fator no total da variância, ou variabilidade dos dados. O total da variância foi considerado explicável acima de 50% de variabilidade entre os fatores. Foram mensurados também as comunalidades e os erros. As comunalidades indicam o poder de explicação de cada item pelo fator, sendo esperados valores superiores a 0,5. E os erros ou especificidades se refere a parcela da correção que não pode ser explicada pelo fator, este é igual a 1 menos a comunalidade, sendo esperados valores inferiores a 0,5 (HAIR et al., 1998).

Desta forma, foi utilizada a consistência interna para mensurar a confiabilidade das questões envolvidas em cada dimensão do trabalho intensificado ao verificar a congruência de cada item do indicador. Para isso, foi calculado o alfa de Cronbach.

O alfa de Cronbach calcula a correlação entre cada item e o restante dos itens ou o total dos itens (PASQUALI, 2009). Para análise do resultado obtido, não há consenso de valores adequados para estes coeficientes, mas foram considerados neste estudo, valores abaixo de 0,5, aceitáveis acima 0,60, boas acima de 0,70 e ótimo acima de 0,80 (COLLARES; GREC; MACHADO, 2012).

#### **4.7 Análise de dados**

Foi realizada a análise descritiva em todas as variáveis para exploração dos dados existentes. As técnicas adotadas foram as frequências absolutas e relativas para traçar o perfil sociodemográfico, as características do trabalho, aspectos psicossociais e

as condições de saúde relacionadas ao gênero. Posteriormente, foi estimada a prevalência de trabalho intensificado entre os docentes da universidade estudada.

Na composição da variável de exposição, foi conduzida pelo modelo de análise fatorial que tem como objetivo a redução da dimensionalidade da matriz original de  $p$  variáveis para  $k$  fatores, transformando um conjunto de variáveis inter-relacionadas em grupos menores, os quais são denominados de construtos ou fatores. Extraindo a carga fatorial de cada variável dentro do construto (TABACHNICK; FIDELL, 2004).

Na análise estatística bivariada foram explorados as relações entre as variáveis em estudo por meio de medidas de associação e testes estatísticos. A medida de associação utilizada foi a razão de prevalência (RP). Foram realizados os testes estatísticos para evidenciar possíveis fatores associados aos Transtornos Mentais Comuns. O teste empregado foi o Chi-quadrado de Pearson ( $X^2$ ), adotando-se  $p\text{-valor} \leq 0,05$  para associação estatisticamente significativa.

Para análise de confundimento, verificou-se associação principal sob análise percentual entre as razões de prevalência (RP) bruta e ajustada de igual ou superior a 20%. Adotando-se:

$$\Delta\% = \frac{RP \text{ bruta} - RP \text{ ajustada}}{RP \text{ bruta}} \times 100$$

**Formula 1** Variação percentual entre RP bruta e RP ajustada

Foi realizada análise de regressão logística. Nesse procedimento, as variáveis de exposição, desfecho e as covariáveis foram analisadas simultaneamente. O teste de Razão de verossimilhança foi adotado para seleção das variáveis do modelo final.

Como a análise de regressão logística foi desenvolvida para estudo de caso controle, com resultado em Odds Ratios (OR), foi necessário converter as OR em medidas de Razão de Prevalência (RP), a partir da regressão de Poisson com variância robusta.

No presente estudo, como a prevalência de TMC na população foi elevada acima de 10%, a *Odds ratio* (OR) não é uma medida adequada, superestimando o efeito. Assim, foram utilizadas as razões de prevalência com intervalo de confiança 95% e o método de Poisson (OLIVEIRA; SANTANA; LOPES, 1997).

Os resultados foram analisados de forma sistematizada, verificando se intensificação do trabalho contribui para o adoecimento físico e mental, numa

perspectiva quantitativa. Para suporte no processo de análise estatística, foi utilizado o programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), versão 17.0, e *Statistics Data Analysis* (STATA) versão 10.0 para Windows.

#### **4.8 Aspectos éticos da pesquisa**

Durante todo o estudo foram respeitados os aspectos éticos e legais segundo a Resolução nº 466/12 que regulamenta as pesquisas em seres humanos no Brasil (BRASIL, 2012). Os aspectos éticos foram aqueles referenciais da bioética. Os dados do projeto foram coletados após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em pesquisa (CEP) da Universidade Estadual de Feira Santana (UEFS) sob parecer de nº 1.145.223 e CAAE: 4462311580000053.

Todos os entrevistados receberam treinamento sobre os princípios éticos, e todos os entrevistados receberam e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (ANEXO A) com os devidos esclarecimentos dos objetivos, justificativa e procedimentos utilizados na pesquisa. Foram assegurados os princípios éticos, com o anonimato dos participantes e a garantia do direito a desistência sem prejuízos ou danos em qualquer etapa da pesquisa.

## **5 RESULTADOS**

Os resultados do estudo representam os produtos obtidos a partir da investigação conduzida e serão apresentados sob a forma de quatro artigos:

**5.1 ARTIGO 1-** Reflexões sobre a saúde docente no contexto de mercantilização do ensino superior;

Artigo aprovado pelo Conselho Editorial da Revista Docência do Ensino Superior.

Disponível em: Rev. Docência Ens. Sup., v. 6, n. 1, p. 159-186, abr. 2016.

**5.2 ARTIGO 2-** Trabalho intensificado entre docentes de ensino superior: construção de indicadores de mensuração;

**5.3 ARTIGO 3-** Caracterização do Trabalho Intensificado entre docentes de uma Universidade Pública na Bahia e

**5.4 ARTIGO 4-** Associação entre trabalho intensificado e transtornos Mentais comuns em docentes.

## 5.1 ARTIGO 1

### REFLEXÕES SOBRE A SAÚDE DOCENTE NO CONTEXTO DE MERCANTILIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR<sup>1</sup>

Daniel Alberto Santos e Santos

Caroline Almeida de Azevedo

Tânia Maria de Araújo

Jorgana Fernanda de Souza Soares

#### RESUMO

As modificações sociopolíticas e econômicas intensificadas a partir da década de 1990 produziram diversas mudanças no âmbito do trabalho docente. O modelo de organização passou a exigir maior produtividade e qualificação profissional cada vez mais especializada, com base na acentuação do trabalho, provocando, assim, o surgimento de novas atribuições, as quais vêm repercutido negativamente na saúde desses profissionais. Nesse cenário, os docentes passam a conviver com um ambiente precarizado, regido pela lógica empresarial, levando a situações de sobrecarga, de estresse e de competição, além de fragilizar as relações interpessoais e dificultar o uso adequado do tempo livre, aspectos esses que comprometem a qualidade de vida dos docentes. Nesse contexto, e entendendo que a forma como as condições de trabalho são estruturadas desempenha papel crucial no processo saúde-doença ocupacional, o presente ensaio teórico tem como finalidade problematizar o processo de mercantilização nas universidades brasileiras e os efeitos desse processo na saúde docente.

**Palavras-chave:** Saúde. Docente. Ensino superior. Mercantilização.

#### ABSTRACT

The sociopolitical and economic changes intensified from the 90s produced several changes in the teaching work. Its organization model has required higher productivity and even more specialized professional qualification (work intensification), thus stimulating the emerging of new attributions. Such assignments have negatively reflected on these professionals' health. Within this framework, the faculty began to live in environments based on the business logic, with bad working conditions, leading them to situations of overworking, stress and competition, besides weakening the interpersonal relations and crippling the adequate use of free time. Such aspects spoil the faculty's life quality. In this context, and understanding that the way working

---

<sup>1</sup> Rev. Docência Ens. Sup., v. 6, n. 1, p. 159-186, abr. 2016.



conditions are set has a crucial role in the occupational health-disease process, the present paper aims to highlight the commodification process in the Brazilian universities and its effects on teachers' health.

Keywords: Health. Faculty. Higher Education. Commodification.

## **ASPECTOS INTRODUTÓRIOS**

As modificações sociopolíticas e econômicas de caráter neoliberal, que foram intensificadas, no Brasil, a partir da década de 1990, geraram mudanças substantivas nas características e condições do trabalho docente. O modelo de organização adotado privilegiou indicadores quantitativos de produtividade e qualificação profissional, produzindo situações de constante pressão e instabilidade no emprego. Com isso, o trabalho passou a apresentar, nesses moldes, traços de precarização (NECKEL; FERRETO, 2006).

A atividade docente, que sempre esteve associada aos desafios envolvidos nos processos de ensino-aprendizagem, sob a égide das relações sociais capitalistas, vem se caracterizando pela sobrecarga de tarefas, cuja execução demanda, cada vez mais, níveis de especialização elevados, longas e intensas jornadas de dedicação, múltiplos empregos e precarização das condições de trabalho e dos vínculos contratuais (MASCARENHAS, 2010).

Como consequência, em especial para a educação superior brasileira, os sucessivos governos neoliberais implementaram uma reforma estrutural nas universidades por meio de um intenso processo de privatização que tem, dentre outros aspectos, afetado a organização do trabalho docente (MANCIBO; MAUÉS; CHAVES, 2006). Novas exigências somaram-se às demandas existentes, estruturando um novo perfil do docente na contemporaneidade e caracterizando o trabalho desse profissional em moldes de precarização, intensificação, flexibilização, aumento constante de produtividade e de acúmulo de funções (envolvendo ensino, pesquisa, extensão, orientação e gestão das próprias condições de trabalho). Essas características, em conjunto, têm representado impactos negativos sobre a saúde dos professores.

O presente ensaio teórico tem como finalidade problematizar o processo de mercantilização nas universidades brasileiras por meio de discussões sobre o conjunto de transformações ocorridas com a crise do capital e com a implantação das reformas

educacionais, tomadas a partir da década de 1990, e discutir possíveis repercussões e/ou efeitos dessas mudanças na saúde docente.

## **A UNIVERSIDADE E O TRABALHO REMODELADO DO ENSINO SUPERIOR: A MERCANTILIZAÇÃO DO ENSINO**

A universidade é uma instituição social comprometida com a formação de profissionais, técnicos e intelectuais de nível superior, para atender às crescentes demandas da sociedade em um dado contexto histórico. Tal instituição, no que tange à própria constituição, representa o quadro social da época em que existe, exerce o papel de manutenção ou transformação social, reflete o momento histórico e as diferentes forças sociopolíticas da realidade em que está inserida (CAMPOS; LOPES; FREITAS, 2004).

Assim, a universidade está interligada à sociedade e, como tal, transforma-se no tempo e no espaço (CAMPOS; LOPES; FREITAS, 2004). Um novo cotidiano vem se construindo nas universidades públicas brasileiras. O principal marco dessas mudanças surgiu a partir da crise de acumulação do capital, ocorrida em âmbito internacional, por volta do início da década de 1970, que teve como reflexos as transformações da sociedade de forma geral e, mais especificamente, nas relações de trabalho, a partir da adoção de uma lógica produtivista e/ou mercadológica (BOSI, 2007; MANCEBO, 2007).

Tal cenário foi desenhado pela falência do modelo fordista e da doutrina keynesiana, devido à fragilidade desses em fornecer soluções para os problemas desencadeados pelo regime de acumulação do capital e pelo avanço da exclusão social. Dessa forma, com a crise, iniciou-se um novo período, marcado pela alta dos preços em conjunção com entraves no ritmo de crescimento econômico em diversos países industrializados (MANCEBO; MAUÉS; CHAVES, 2006). Por conseguinte, buscou-se redefinição das políticas econômicas, com o intuito de aplacar, mesmo que de forma temporária, a crise proveniente da desvalorização do dólar americano e do aumento acentuado do preço do petróleo.

Como alternativa para se superar essa crise, foram estruturadas medidas que atuaram na destruição de parte dos meios de produção já existentes, no aumento da taxa de exploração sobre o trabalho e da expansão do capitalismo sobre ramos recém-

submetidos ao modo de produção tipicamente capitalista (BOSI, 2007), incluindo as atividades relacionadas ao setor da saúde e da educação. Conformaram-se, desse modo, novas formas capitalistas de produção, tendo em vista a retomada do processo de reprodução e acumulação do capital; ou seja, tais atividades foram incorporadas ao circuito de produção capitalista (mercantilizadas) para funcionarem como elemento adicional aos investimentos de capital, que antes se encontravam estancados em função de insignificantes taxas de lucro (LUXEMBURG, 2003).

Além disso, surgem perspectivas, apoiadas no modelo de acumulação flexível, e imposições de reformas aos estados-nação, que passaram de interventores a gestores, ou seja, transferiram funções específicas do setor de serviços para o mercado, adotando a privatização como forma de superação dos problemas que afetavam suas economias e alterando significativamente a concepção das relações entre os setores públicos e privados (MANCEBO; MAUÉS; CHAVES, 2006).

Esse fenômeno se intensificou ao longo da década de 1990, com a implantação das políticas de ajustes neoliberais, em que as esferas públicas e privadas foram redefinidas nas variadas atividades humanas, no âmbito do Estado e da sociedade civil. Com isso, em diversas nações, desencadeou-se um processo de ampliação do espaço privado, com o argumento de que o Estado não apresentava condições sólidas de gerenciar diversos setores da economia. Assim, conquistas sociais, como o direito à educação, à saúde, ao transporte público, foram atividades transferidas para a iniciativa privada, fragilizando muitos direitos sociais conquistados pelas lutas da classe trabalhadora (MANCEBO; MAUÉS; CHAVES, 2006).

Como reflexo desse processo, ocorreram mudanças de natureza técnica e organizacional que promoveram transformações nas estruturas e funções das instituições de ensino superior (LIM; LIMA-FILHO, 2009). Tais modificações, baseadas em políticas de educação, sob o amparo da globalização, passaram a inserir valores mercantis na educação superior, reorganizando o funcionamento desse nível de ensino, caracterizando-o como formado por instituições profissionais, empresariais e competitivas. Dessa forma, estas passaram a ser compreendidas não apenas como locais de socialização do saber e de produção de ideias e reflexões, mas como ambiente produtor de força de trabalho (LOPES, 2006; OLIVEIRA, 2004).

No cotidiano dessas instituições, passam a prevalecer processos de precarização do trabalho docente, caracterizados fortemente por contratos com ausência de muitos

direitos trabalhistas e sem qualquer estabilidade, além de profundas mudanças na rotina das atividades de ensino, pesquisa e extensão (BOSI, 2007).

A precarização do trabalho é definida por Alves (2007) como “[...] a explicitação da precariedade como condição ontológica da força de trabalho como mercadoria [...] é síntese concreta da luta de classes e da correlação de forças políticas entre capital e trabalho” (ALVES, 2007, p. 115). Esse processo, nessa perspectiva, inclui dimensões objetivas e subjetivas e, em termos amplos, consolida-se, no cotidiano laboral, como perda dos direitos garantidos à classe trabalhadora, envolvendo processos de flexibilização, desregulamentação e precarização social do trabalho (DRUCK; FRANCO, 2011).

No caso específico do trabalho docente no ensino superior, processos de precarização do vínculo e das condições de trabalho sempre foram características comuns no setor privado – desde a constituição, ele é marcado por essas características –, no entanto, em anos mais recentes e de forma acentuada, esses processos também atingiram as grandes universidades públicas, onde se proliferaram as (sub)contratações temporárias de professores, que passaram a ser remunerados, em algumas situações, por horas-aula ministradas. Esse processo tem desencadeado dificuldades e limitações para os docentes e para a própria dinâmica da instituição, pois intensifica o regime de trabalho, aumenta o sofrimento subjetivo dos docentes, fragiliza a mobilização coletiva das associações e aprofunda o individualismo (MANCEBO, 2007). Essa prática vem sendo utilizada como uma das soluções encontradas para o funcionamento das universidades, tendo em vista a redução das verbas orçamentárias.

Como consequências desse processo, algumas dessas instituições destacam cortes que afetam o custeio de diversas atividades essenciais, que incluem serviços terceirizados, água, luz, telefone, dentre outros. O Quadro 1 apresenta dados sobre os ajustes efetuados em algumas universidades públicas.

**Quadro 1** – Valores de cortes orçamentários divulgados pelas universidades e implicações dessas intervenções, Brasil, 2015

<b>Instituições</b>	<b>Cortes em valores para o ano 2015 (R\$)</b>	<b>Implicações</b>
<b>Universidade Federal do Pará (UFPA)</b>	50 milhões	Redução no orçamento de capital em aproximadamente 50%; redução na verba de custeio em R\$ 15 milhões dos R\$ 154 milhões que estavam orçados.
<b>Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)</b>	25 milhões	Redução de investimentos em projetos, obras, acervos, equipamentos outros bens de capital da universidade.
<b>Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)</b>	Na UFSM, a reitoria divulgou cortes de 10% para custeios e em torno de 47% nos cortes para investimentos.	Dificuldades no custeio da universidade, que incluem o pagamento de água, luz, telefone, terceirizados, dentre outros.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), por exemplo, constatou-se resultados semelhantes aos descritos no Quadro 1. A Pró-Reitoria de Planejamento da UFBA assinalou que os recursos do governo não acompanham o aumento das despesas, desencadeando deterioração nas instalações físicas, manutenção de equipamentos e falta de insumos. As consequências podem ser observadas nas condições de trabalho e saúde desfavoráveis, gerando sobrecarga para o quadro docente, além dos riscos de violência pessoal e riscos ocupacionais diversos (LEMOS, 2011).

Dessa forma, assiste-se no país, ao longo das últimas décadas, ao enxugamento orçamentário destinado às universidades públicas, gerando condições inadequadas, redução do quadro de funcionários e cortes nos investimentos que congelam e/ ou reduzem os salários. Enfim, medidas que as obrigaram a buscar fontes alternativas de recursos (PIRES, 2004).

Cabe, no entanto, salientar, por outro lado, que, também nos últimos anos, houve investimentos significativos no aumento do número de universidades públicas no Brasil, especialmente no interior, em todas as regiões; portanto, ocorreu aporte financeiro nas instituições pertencentes ao governo. O Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), criado pelo Decreto nº 6.096/2007, foi responsável por impulsionar essa destinação de recursos para as instituições federais, seja na expansão (novas universidades) seja na ampliação das existentes (ANDES, 2007).

Segundo o Relatório da Comissão Constituída pela Portaria nº 126/2012 (BRASIL, 2012), no período de 2003 a 2010, o número de universidades federais aumentou de 45 para 59 (incremento de 31%) e de 148 campi para 274 *campi*/unidades (aumento de 85%). Com relação à expansão e à interiorização desse nível de ensino pelo país, o número de municípios com universidades passou de 114 para 272, aumento de 138%. Ou seja, houve, concretamente, aporte considerável na alocação de recursos para a educação pública superior. No entanto, esse aporte, pelo esquecimento histórico e pelo subfinanciamento crônico da educação no país, não foi suficiente para sustentar e ampliar os ganhos proporcionados por esse processo, assistindo-se, especialmente nos últimos anos, a situações de profunda crise financeira nas instituições públicas de ensino superior no Brasil.

Dado o agravamento dessa situação, coube às instituições buscar, constantemente, financiamentos provenientes de recursos externos, o que promoveu e incentivou a competição pelos editais das agências de fomento e/ou financiamentos de iniciativa privada (LEMOS, 2011).

Adicionalmente, por conseguinte, coube ao docente o papel de protagonista das transformações, o que desencadeia alterações significativas no processo de trabalho, ou seja, o exercício da docência passa a contemplar um pool de atividades que ultrapassaram as funções formativas convencionais do professor (LEMOS, 2011).

## **PERFIL DO DOCENTE UNIVERSITÁRIO NA CONTEMPORANEIDADE: O TRABALHO DOCENTE MERCANTILIZADO**

Frente a esse novo cenário de mercantilização, o ensino superior surge como campo do setor terciário, com foco na prestação de serviços a partir da regulação

conduzida pelo mercado, para assegurar, assim, certas características mercantis ao “produto final” (conhecimento para acumulação e manutenção do sistema capitalista) (PIRES, 2004, p. 263).

Desse modo, fatores como o crescimento econômico, as políticas de desenvolvimento, o avanço tecnológico e a automação da produção fizeram surgir uma dinâmica de trabalho na qual estão inseridos elementos como a alta competitividade, o desemprego, a instabilidade ocupacional e a elevada valorização do aperfeiçoamento, representando as novas configurações assumidas pelo mercado. Assim, o cotidiano das universidades e a prática docente se veem atingidos pela organização produtivista emergente (CAMPOS; LOPES; FREITAS, 2004; MANCEBO, 2007).

Com isso, o perfil do docente e das exigências a que ele precisa atender envolve novas atribuições: o professor agora é responsável não apenas pela sala de aula e pelo desenvolvimento de pesquisas, mas também deve preencher inúmeros relatórios e formulários, emitir pareceres, captar recursos para viabilizar a atividade que realiza e proporcionar condições estruturais para o ambiente de trabalho em que se encontra, ou seja, passa a ser responsável por prover as próprias condições de trabalho (MANCEBO, 2007).

Nesse processo, assiste-se à presença do fenômeno denominado intensificação do trabalho. Tal quadro abrange inúmeras categorias profissionais, em diversos países, e é definido como o aumento do grau de intensidade do trabalho, por meio do maior dispêndio de energia (PINA et al., 2014). Um dos aspectos que compõem o processo de constituição da intensificação do trabalho gira em torno do aumento do ritmo de trabalho, fator presente no cotidiano docente, alicerçado pelas múltiplas demandas que restringem o tempo, pelo aumento do volume de atividades e pela sobreposição de tarefas (ASSUNÇÃO; OLIVEIRA, 2009).

Por essa via, passou a prevalecer no cotidiano dos docentes universitários, a incorporação de novas exigências, expondo o profissional a um modelo gerencial de produtividade contínua, sob um sistema de trabalho competitivo, que gera sobrecargas físicas e mentais na tentativa de atender às constantes demandas do sistema capitalista (ARAÚJO et al., 2005; LOPES, 2006; OLIVEIRA, 2004).

Dessa maneira, cabe ao docente, imerso em uma instituição regida pela lógica mercantil, avaliada por índices de produtividade e pensada para ser flexível e voltada diretamente para o mercado do trabalho, adequar-se a um perfil operacional estruturado por estratégias e programas de eficácia organizacional (CHAUÍ, 2001).

No bojo dessas discussões, é possível pensar em um diálogo entre o novo arranjo do capitalismo, intermediado pela intensificação do trabalho, com os conceitos elaborados por Marx sobre a extração da mais-valia. Assim, acredita-se que, no contexto atual, o aumento da mais-valia resulta da obtenção de maior *quantum* de trabalho no mesmo intervalo de tempo, pela ampliação do produto-valor global e pela manutenção do valor absoluto da força de trabalho. No cerne desse novo modelo, a pressão exercida para aumentar a quantidade de produção tem-se concretizado como um imperativo na organização do trabalho docente nas universidades (BOSI, 2007).

Essa dinâmica tem representado, no cotidiano do trabalho docente, não apenas o “adestramento” ao padrão de produção vigente, mas também uma necessidade de viabilizar as condições para a realização dessa produção, já que, institucionalmente, os meios de produção acadêmicos permanecem concentrados e/ou disponibilizados para setores do conhecimento que conseguem converter ciência e tecnologia a serviço do capital. Vale frisar que a prática docente, no que tange à pesquisa, tem-se materializado em um crescimento expressivo da produtividade acadêmica, cujo objetivo encerra-se no próprio ato produtivo, isto é, fazer-se e sentir-se produtivo. Dessa forma, os professores ganham notoriedade pela inserção na pós-graduação, por número de orientações realizadas, artigos e/ou livros publicados e, principalmente, por bolsa de produtividade em pesquisa que conseguem adquirir e manter constantemente (BOSI, 2007).

Com isso, o docente passa a ser avaliado com base em indicadores de capacidade produtiva, transformando-se, portanto, em empresário intelectual, por ter que conviver, quase exclusivamente, com critérios quantitativos em detrimento dos qualitativos. Desse modo, o profissional se vê imerso em um movimento extremamente rápido de transformação do próprio cotidiano de trabalho, no qual o essencial é encaixar-se em um sistema competitivo de produção (CAMPOS; LOPES; FREITAS, 2004; LOPES, 2006).

## **REPERCUSSÕES NA SAÚDE DO DOCENTE**

Um dos aspectos cruciais que foram modificados no cotidiano do trabalho docente, frente às mudanças citadas, diz respeito à relação dele com o tempo, constatada não somente com base na intensificação e/ou na pressão sobre a atividade, destinada ao alcance dos parâmetros de produção acadêmica crescente, mas também na ampliação do



uso do tempo que o professor despense com o trabalho. Dessa forma, os profissionais passaram a se submeter, no dia a dia, à nova lógica de arranjo temporal, caracterizada por uma jornada laboral intensiva e extensiva. Esta última, facilitada pela introdução das novas tecnologias eletroeletrônicas, como e-mail, *notebooks*, *tablets* e *smartphones*, que acompanham os profissionais para além do ambiente de trabalho (MANCEBO, 2007). Como consequência, diminuiu-se o tempo do docente para efetuar, com mais tranquilidade o seu trabalho, atualizar-se profissionalmente e também para direcionar parcela do seu tempo para o lazer e convívio social (CARLOTTO; CÂMARA, 2007).

Por conseguinte, o docente passa a conviver com condições de trabalho que atuam como estressores, responsáveis por diversas situações de desgastes físico, psíquico e emocional, que podem levar a doenças ocupacionais. Tais situações contemplam insatisfações e/ou constrangimentos aos quais esses trabalhadores são expostos ao longo da história profissional, dentre os quais, destaca-se pressão do tempo, problemas de relacionamento com os colegas e/ou com a administração, ameaças verbais e físicas provenientes dos discentes, dentre outros. Somado a isso, os docentes ainda são cobrados a adaptar-se às condições sociais, econômicas, tecnológicas e à demanda para se manterem continuamente atualizados diante da rápida transformação do conhecimento científico (FREITAS; CRUZ, 2008).

No Brasil, ainda são poucos os estudos sobre a saúde do professor quando comparado com trabalhadores de outras profissões (ARAÚJO; GRAÇA; ARAÚJO, 2003; ARAÚJO; CARVALHO, 2009). Nesse campo, dois estudos pioneiros, realizados na década de 1990, podem ser destacados. O primeiro, sobre a saúde mental dos professores de ensinos fundamental e médio em todo o país, abrangeu 30.000 professores e revelou que 26% dos docentes apresentavam exaustão emocional caracterizada pela desvalorização profissional, baixa autoestima e ausência de resultados percebidos no trabalho desenvolvido (CODO, 1999). No segundo estudo, envolvendo amostra representativa dos professores da rede particular de ensino de Salvador (total de 573 professores), as condições de trabalho negativas mais referidas foram esforços físicos elevados (78,8%), exposição à poeira e ao pó de giz (62%) e fiscalização contínua do desempenho (61,9%). Além disso, as queixas mais frequentes de saúde foram dor de garganta, dor nas pernas, dor nas costas, rouquidão e cansaço mental. A prevalência de distúrbios psíquicos menores foi de 20,3% (SILVANY-NETO et al., 2000).

Com relação à prevalência de queixas de doenças entre os docentes, realizou-se uma investigação na UEFS que destacou que 72,6% dos profissionais referiram apresentar pelo menos uma queixa de doença. Dentre as queixas de doenças mais frequentes, estavam àquelas relacionadas ao uso intensivo da voz, à postura corporal adotada no exercício da atividade profissional, à saúde mental e à exposição à poeira e ao pó de giz. As queixas mais expressivas relacionadas ao uso intensivo da voz foram: dor na garganta (20,2%), rouquidão (18,5%) e perda temporária da voz (5,3%). Quanto à exposição à poeira e ao pó de giz, os docentes destacaram a presença de manifestações clínicas, como: rinite (26,6%), alergia respiratória (21,1%) e irritação dos olhos (13,5%). Os problemas associados à postura corporal mais referidos pelos professores foram: dor nas costas (30,8%), dor nas pernas (28,3%) e dor nos braços (16,7%). Além disso, na esfera psíquica, as queixas de maior prevalência relacionadas à saúde mental foram: cansaço mental (44,0%), esquecimento (20,3%), nervosismo (18,5%) e insônia (14,1%) (ARAÚJO et al., 2005).

De modo semelhante, realizou-se um estudo com 257 docentes da UFBA, sendo constatado que 24,8% dos professores referiram dor de garganta, 43,5%, rouquidão, 22,6%, perda temporária da voz, e 12% mencionaram terem sido diagnosticados com calo de corda vocal. No que tange aos problemas osteomusculares, 18,8% referiram sentir dor nos braços, 36,1%, dor nas pernas, 37%, dor nas costas, e 7,8% relataram terem sido diagnosticados com lesão por esforço repetitivo/distúrbio osteomuscular relacionado ao trabalho (LER/DORT). Observou-se, ainda, que o trabalho docente com maiores exigências (em termos de volume e de extensão no tempo) estava associado às prevalências mais elevadas de queixas de doença (WERNICK, 2000).

Investigação para verificar as relações entre o processo de trabalho docente, as condições sob as quais ela se desenvolve e o possível adoecimento dos professores foi conduzida em uma universidade federal do Centro-Oeste do país, entre os anos de 2007 a 2008. Os resultados mostraram que os docentes apresentaram exaustão emocional, considerando-se a elevada manifestação de sintomas, tais como nervosismo, estresse, cansaço mental, esquecimento, insônia, dentre outros. Os dados obtidos permitiram afirmar que os depoimentos analisados constituem importantes indicativos sobre como os processos de trabalho interferem na saúde de professores (LIM; LIMA-FILHO, 2009).

Quanto à percepção negativa sobre a saúde, essa foi também evidenciada por estudo realizado com professores de universidades comunitárias no estado de Santa

Catarina. Tais resultados destacaram predomínio de sentidos atribuídos a vivências relacionadas ao sofrimento no trabalho, associadas à elevada carga de atividades, que gerava exaustão física e mental e insegurança quanto ao contrato. Ademais, o estudo apresentou, dentre os fatores que contribuem para as vivências de sofrimento referidas pelos docentes, o desgaste provocado pela grande jornada e/ou carga de trabalho, o medo e a insegurança relacionados aos contratos precários e as relações hierarquizadas e competitivas no contexto organizacional (COUTINHO; MAGRO; BUDDE, 2011).

Aspectos ligados à organização do processo de trabalho, discutidos na perspectiva da intensificação do trabalho, e implicações no modo de vida e na saúde de docentes do ensino público superior foram investigados em pesquisa conduzida em uma universidade pública federal do Sudeste do país, entre 2009 e 2010. Dentre os resultados apresentados, destacou-se que a maioria dos docentes qualificou o trabalho que realizava como precário, sobretudo quanto à infraestrutura material, relatou trabalhar sob forte exigência para atingir as metas de produtividade (essa sendo apreciada basicamente como publicação científica) e relataram extensão da jornada de trabalho para o espaço doméstico. No que tange aos aspectos relacionados à saúde, parte significativa dos entrevistados apresentou queixas, sendo predominantes aquelas de ordem psicoemocional e/ou psicossomática (BORSOI, 2012).

A percepção da experiência do trabalho docente em cursos de saúde foi objeto de investigação em uma universidade federal da região Norte do Brasil. A maior parte dos docentes relatou sentimentos de vulnerabilidade e desgaste, principalmente em aspectos psicoemocionais relacionados a pressões por produtividade no trabalho, uso excessivo da voz, conflitos interpessoais com outros docentes, estresse e sintomas cardiovasculares, cansaço, dentre outros. Apesar de o exercício profissional ter sido identificado como fonte de estabilidade, realização pessoal e financeira, os docentes destacaram a precariedade e a sobrecarga de trabalho como fatores que tendiam a induzir ao sofrimento e ao adoecimento (LAGO et al., 2015).

Essas constatações ratificam a premissa de que o sistema capitalista transformou o trabalhador em um verdadeiro escravo do tempo, cujo cotidiano não inclui mais disponibilidade temporal para lazer, socialização, atualização ou descanso suficiente, como recompensa, ainda padece ao receber um salário indigno, incompatível com as horas de dedicação ao trabalho ou com a qualificação que apresenta. Assim, “o núcleo” do problema não gira, exclusivamente, em torno da pressão a que o trabalhador está

submetido, perante as condições de trabalho, mas em torno da dificuldade, cada vez maior, que ele encontra em dedicar tempo para recarregar as energias e cuidar da própria saúde (JUNHO, 2015).

O trabalho realizado nesses moldes tem suscitado preocupação crescente com o desenvolvimento humano no que diz respeito à qualidade de vida, mesmo reconhecendo-se que os avanços da medicina e da tecnologia possibilitaram ao homem viver muito mais tempo do que podia há anos passados. Como a qualidade de vida inclui a possibilidade de usufruto do tempo livre para o prazer, o lazer, as relações sociais e familiares, a expansão dos compromissos e demandas profissionais para o tempo que deveria ser dedicado a essas atividades tem impactos importantes no cotidiano das pessoas (CAMPOS; LOPES; FREITAS, 2004). Adoecimento, afastamento frequente das atividades laborais em função de problemas de saúde e abandono da profissão são indicadores de comprometimento da qualidade de vida no trabalho. Esses apontamentos têm sido observados com tendência crescente entre docentes no Brasil, da educação infantil ao ensino superior (ARAÚJO; CARVALHO, 2009), o que demanda atenção e adequado dimensionamento das consequências e dos fatores determinantes desse processo.

O uso do tempo livre para fins de descanso, lazer, atualização e qualificação na realização das atividades de trabalho é possível a partir da reformulação das políticas educacionais, tendo em vista a necessidade de rompimento do desenho instituído nas universidades, que prima por uma “academia dinâmica produtivista/consumista” (CAIAFA, 2000, p. 196).

Assim, seria possível materializar a redução da carga horária de trabalho docente e, conseqüentemente, promover o aumento de tempo livre. Dessa forma, os professores teriam mais acesso à realização de atividades mais prazerosas, bem como poderiam desfrutar de outras atividades capazes de elevar o compartilhamento cotidiano da vida e das relações sociais, elementos importantes para a obtenção da qualidade de vida e de bem-estar (CAMPOS; LOPES; FREITAS, 2004).

Apesar das evidências das características desvantajosas atuais do trabalho docente, a pluralidade de problemas de saúde associados às condições precárias de trabalho e à intensificação deste, análises mais amplas e aprofundadas sobre essa temática ainda são algo que merece atenção, considerando-se que, no contexto atual, os agravos à saúde manifestam-se de diversas formas e podem ser facilmente identificados

pelos inúmeros acidentes de trabalho, pelo aumento dos casos de absenteísmo por LER/DORT e pela crescente ocorrência de transtornos psíquicos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A problemática envolvendo condições de trabalho e seus impactos na saúde dos professores universitários, após a crise do capital e as sucessivas políticas neoliberais, tem sido consequência da reconfiguração na atividade docente, tendo-se em vista o processo de mercantilização do ensino superior.

Assim como outras instituições sociais, as universidades passaram a atender às necessidades produtivistas e aos interesses do capital. Nesse cenário, os docentes passaram a conviver com um ambiente de trabalho precarizado, alicerçado pela lógica empresarial. Diante das novas configurações assumidas pelas instituições, coube ao professor encontrar estratégias de enfrentamento frente às pressões externas, oriundas do enxugamento orçamentário, dos baixos salários, das demandas extraclasse, dentre outros. Algumas dessas estratégias consistem em levantar recursos financeiros junto às diversas agências de fomento, para a aquisição de materiais e equipamentos necessários ao desenvolvimento do ensino, da extensão e da pesquisa. Ou seja, nesses contextos, cabe ao docente prover as próprias condições de trabalho, bem como gerenciá-las. As consequências desse novo modelo produtivista estão relacionadas com a intensificação do trabalho, levando a situações de sobrecarga, de estresse e de competição.

É sabido, na literatura, que a forma como se estruturam as condições de trabalho desempenha papel crucial no processo saúde-doença ocupacional. Assim, com a redução orçamentária destinada às universidades e a subordinação dos professores à lógica do mercado, cria-se um novo perfil docente, o docente “corredor”, ou seja, aquele sujeito que se insere na corrida incessante da produção científica, por intermédio da elaboração e da publicação de artigos e da submissão/obtenção de recursos financeiros para os projetos de pesquisa ou de infraestrutura institucional. Dessa forma, a saúde e o uso do tempo para o lazer e o descanso passam a ser predicados raros no cotidiano desse profissional.

As discussões que problematizem o trabalho docente nas particularidades que ele possui podem oferecer elementos para um pensar crítico acerca das novas configurações assumidas no ambiente de trabalho e no cotidiano do profissional. Assim, as reflexões levantadas neste ensaio poderão subsidiar a construção de novos processos e metodologias que permitam analisar criticamente o processo de atividade docente, bem como criar estratégias de enfrentamento das doenças ocupacionais e de possibilidades para ampliação dos aspectos humanos no trabalho, de modo que possa contribuir, na realização cotidiana, para o desenvolvimento pleno das capacidades e habilidades humanas.

## REFERÊNCIAS

- ANDES, S. N. As novas faces da reforma universitária do governo Lula e os impactos do PDE sobre a educação superior. *Cadernos ANDES*, Brasília: ANDES, n. 25, p. 1-41, ago. 2007.
- ALVES, G. *Dimensões da reestruturação produtiva: ensaios de sociologia do trabalho*. 2. ed. Londrina: Praxis; Bauru: Canal 6, 2007.
- ARAÚJO, T. M.; CARVALHO, F. M. Condições de trabalho docente e saúde na Bahia: estudos epidemiológicos. *Educação & Sociedade*, 2009, v. 30, p. 427-449, 2009.
- ARAÚJO, T. M. *et al.* Mal-estar docente: avaliação de condições de trabalho e saúde em uma instituição de ensino superior. *Rev. baiana saúde pública*, v. 29, n. 1, p. 6-21, 2005.
- ARAÚJO, T. M.; GRAÇA, C. C.; ARAÚJO, E. Occupational stress and health: contributions of the Demand-Control Model. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 8, n. 4, p. 991-1.003, 2003.
- ASSUNÇÃO, A. Á.; OLIVEIRA, D. A. Intensificação do trabalho e saúde dos professores. *Educação & Sociedade*, v. 30, n. 107, p. 349-372, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Análise sobre a expansão das universidades federais 2003 a 2012*. Relatório da Comissão Constituída pela Portaria nº 126/2012. Brasília, 2012. Disponível em: <[http://www.anped11.uerj.br/2013-analise\\_expansao\\_universidade\\_federais\\_2003\\_2012.pdf](http://www.anped11.uerj.br/2013-analise_expansao_universidade_federais_2003_2012.pdf)>. Acesso em: 12 mar. 2016.
- BORSOI, I. C. F. Trabalho e produtivismo: saúde e modo de vida de docentes de instituições públicas de ensino superior. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, v. 15, n. 1, p. 81-100, 2012.

BOSI, A. de P. The precarization of the teaching work in higher education institutions in Brazil over the last 25 years. *Educação & Sociedade*, v. 28, n. 101, p. 1.503-1.523, 2007.

CAIAFA, J. *Nosso século XXI: notas sobre arte, técnica e poderes*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

CAMPOS, M. B. L.; LOPES, R. H. B.; FREITAS, C. M. S. O professor universitário: um estudo sobre atividade acadêmica e tempo livre. *Rev. Universidade e Sociedade*, v. 14, n. 34, p. 67-74, 2004.

CARLOTTO, M. S.; CÂMARA, S. G. Predictors of Burnout Syndrome in teachers. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 11, n. 1, p. 101-110, 2007.

CHAUÍ, M. DE S. *Escritos sobre a universidade*. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2001.

CODO, W. (Org.). *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis, RJ: Vozes; Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: UnB, Psicologia Trabalho, 1999.

COUTINHO, M. C.; MAGRO, M. L. P. D.; BUDDE, C. Entre o prazer e o sofrimento: um estudo sobre os sentidos do trabalho para professores universitários. *Revista Psicologia - Teoria e Prática*, v. 13, n. 2, 2011. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/3031>>. Acesso em: 18 jan. 2016.

DRUCK, G.; FRANCO, T. O trabalho e precarização social – Trabalho, precarização e resistências: novos e velhos desafios. *Caderno CRH*, v. 24, número especial, p. 9-13, 2011.

FREITAS, C. R.; CRUZ, R. M. A integração de cadeias produtivas com a abordagem da manufatura sustentável. In: XXVIII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 2008. *Anais*. Rio de Janeiro: ABEPRO, 2008.

JUNHO, Y. E. B. DE P. O tempo nosso de cada dia roubado. *EBR – Empresa Brasil de Revistas Ltda*, São Paulo, SP, 2015.

LAGO, R. R. *et al.* Perception of the teaching profession at a university in northern Brazil. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 13, n. 2, p. 429-450, 2015.

LEMOS, D. Teaching jobs in federal universities: tensions and contradictions. *Caderno CRH*, v. 24, número especial, p. 105-120, 2011.

LIM, M. de F. E. M.; LIMA-FILHO, D. de O. Condições de trabalho e saúde do/a professor/a universitário/a. *Ciências & Cognição*, v. 14, n. 3, p. 62-82, 2009.

LOPES, M. C. R. “Universidade produtiva” e trabalho docente flexibilizado. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 6, n. 1, p. 35-48, 2006.

- LUXEMBURG, R. *The accumulation of capital*. London and New York: Routledge, 2003.
- MANCEBO, D. Professor's work: subjectivity, "superimplication" and pleasure. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 20, n. 1, p. 74-80, 2007.
- MANCEBO, D.; LOPES, M. C. R. Trabalho docente: Compressão temporal, flexibilidade e prazer? *Rev. De Educação Pública*, v. 13, n. 24, p. 138-152, 2004.
- MANCEBO, D.; MAUÉS, O.; CHAVES, V. L. J. Crise e reforma do Estado e da Universidade Brasileira: implicações para o trabalho docente. *Rev. Educar*, n. 28, p. 37-53, 2006.
- MASCARENHAS, M. S. *Transtornos mentais comuns entre docentes do departamento de saúde da Universidade Estadual de Feira de Santana*. 2010. Monografia (Graduação em Enfermagem) – Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, Bahia, 2010.
- NECKEL, F.; FERRETO, L. E. Avaliação do ambiente de trabalho dos docentes da Unioeste campus de Francisco Beltrão. *Revista Faz Ciência*, v. 8, n. 1, p. 183-204, 2006.
- OLIVEIRA, D. A. Restructuring the teaching profession: precarization and flexibilization. *Educação & Sociedade*, v. 25, n. 89, p. 1.127-1.144, 2004.
- PINA, J. A. *et al.* Work intensification and workers' health: a theoretical approach. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, v. 39, n. 130, p. 150-160, 2014.
- PIRES, V. Ensino superior e neoliberalismo no Brasil: um difícil combate. *Educação & Sociedade*, v. 25, n. 86, p. 263-268, abr. 2004.
- SILVANY-NETO, A. M. *et al.* Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino de Salvador. *Rev. Baiana de Saúde Pública*, n. 56, p. 20-31, 2000.
- SILVA, S. P. da. O aprofundamento da reforma do estado e o redirecionamento do ensino superior. *Rev. Universidade e Sociedade*, n. 56, p. 20-31, 2015.
- WERNICK, R. *Condições de saúde e trabalho dos docentes da Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA*. 2000. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2000.



## 5.2 ARTIGO 2

### **TRABALHO INTENSIFICADO ENTRE DOCENTES DE ENSINO SUPERIOR: CONSTRUÇÃO DE INDICADORES DE MENSURAÇÃO.**

#### **RESUMO**

O trabalho intensificado é um fenômeno global e complexo. Em decorrência disto, ainda não há um consenso sobre seu conceito e suas formas de mensuração. Assim, este estudo avaliou um conjunto de possíveis indicadores do trabalho intensificado, com base na literatura e em uma amostra de docentes, com objetivo de estabelecer formas de mensurar este evento em docentes do nível superior. Os dados foram gerados em um estudo de corte transversal. Foi utilizada análise fatorial exploratória com objetivo de elencar indicadores que possam representar o trabalho intensificado com base em 16 componentes previamente selecionados. A análise fatorial identificou dois fatores correlatos às três dimensões originalmente identificadas na literatura: I- Exigências, demandas e pressões ( $\alpha= 0,813$ ) e II- Acúmulo de atividade ( $\alpha= 0,376$ ). Os dois fatores explicaram, neste estudo, 41,7% da variância observada. Os fatores alcançaram um nível satisfatório de consistência interna, apresentando como resultado final 15 componentes, sendo que a questão “Atuar na Coordenação” apresentada no fator II evidenciou maior consistência interna (0,80). Os resultados obtidos contribuem para a compreensão da dimensionalidade do construto de trabalho intensificado.

**PALAVRAS CHAVES:** Intensificação, docente, análise fatorial.

#### **ABSTRACT**

The intensification of work is a global and complex phenomena and, therefore, there is no consensus about its concept. Thus, a set of possible indicators of intensification of work were assessed, based on the literature and teachers' samples, aiming to establish ways of measuring the object of study in university teacher and its possible indicators/markers. This is a cross-sectional study using exploratory factorial analysis, which aims to set indicators to represent the intensification of work, based on 16 previously selected components. This factorial analysis identified two correlated factors on three dimensions originally identified on the literature: I- Demands and pressures ( $\alpha=$

0,813) and II- Accumulated task ( $\alpha = 0,376$ ). Two factors have explained 41,7% of the observed variance. These factors achieved a satisfactory level of internal consistency, eventually presenting 15 components as outcome, also considering that in factor II the issue “Working in Coordination” showed higher internal consistency (0,80). The results contribute to understanding the dimensionality of the construct intensification of work.

**KEYWORDS:** Intensification, teacher, factorial analysis.

## INTRODUÇÃO

O processo de intensificação do trabalho consiste em um fenômeno complexo que emerge enquanto problema científico nos últimos anos, abrangendo todas as categorias profissionais, independente do país e dos setores de produção. Trata-se de um evento que surge como consequência do capitalismo e das transformações produtivas e mercantis, associado a incorporação de novas tecnologias, novas práticas gerenciais e das organizações do trabalho (PINA, 2012).

Embora a literatura internacional, desde 1980, traga referência ao trabalho intensificado nos países europeus, ainda há escassez de estudos sobre essa temática. Nos países da União Europeia, as pesquisas sobre condições de trabalho mostraram o avanço do trabalho intensificado nos anos 1990 e nos anos 2000, expresso pelo crescimento do percentual de trabalhadores que afirmava trabalhar em alta velocidade e com prazos curtos durante, pelo menos, um quarto de seu tempo de trabalho (GREEN, 2001).

O conceito de trabalho intensificado ainda não está consolidado, não existindo consenso sobre sua definição. Segundo Cardoso (2013, p.9) “estamos diante de um conceito em construção, dada a sua extrema complexidade, associada à variedade de causas e formas de manifestação”. A autora ainda menciona fatores que dificultam a precisão do constructo pela proximidade com outros conceitos que se assemelham ao explorado. A partir deste ponto, alguns aspectos são apontados como características desse fenômeno: alongamento da jornada de trabalho; acúmulo de atividades; polivalência, versatilidade e flexibilidade; ritmo e velocidade; e gestão por resultados (DAL ROSSO, 2008).

De acordo com a exigência e o esforço, determinados tipos de trabalhos podem ser considerados mais intensos do que outros, entretanto sua cadência não

necessariamente precisa ser mais rápida, em velocidade e/ou prazos. Quando se trata do trabalho intensificado se faz necessário comparar antes e o depois de um determinado momento para verificar se ocorreu um dispêndio de energia em um mesmo intervalo de tempo (DAL ROSSO, 2008).

Para análise do trabalhado intensificado, buscou-se definir indicadores a partir de conceitos e critérios adotados por autores que utilizam relatórios e questionários da *European Working Conditions Surveys* (EWCS), sobre o grau de intensificação no trabalho na atualidade. Este questionário que foi implantado desde 2000 e busca avaliar as condições de trabalho da Europa, é aplicado a cada cinco anos. Nesses estudos europeus, o trabalho intensificado está relacionado ao ritmo, a velocidade e a autonomia do trabalho, o que acaba reduzindo a dimensão do trabalho a métodos quantitativos relacionados ao tempo (DAL ROSSO, CARDOS; 2015). Contudo, o trabalho possui inúmeras dimensões, inclusive dentro do aspecto da imaterialidade, e quando se trata da intensificação se faz necessário descrever a categoria específica de trabalho e se, o mesmo se configura na produção material (produto) e/ ou imaterial.

Apesar da utilização dos inquéritos da Fundação Europeia sobre o desenvolvimento das condições de vida e trabalho para melhor conhecer as possíveis maneiras de manifestação da intensificação do trabalho nos diferentes setores. As referências conceituais utilizadas para a construção do construto trabalho intensificado se concentra nos estudos dos seguintes autores de acordo com o quadro 1.

<b>Autor</b>	<b>Possíveis Indicadores / Determinantes de intensidade</b>
<p><b>Fernex (1998)</b></p> <p>A intensidade está relacionada a carga total de trabalho por unidade de tempo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Avaliar características do ambiente do trabalho, do sujeito e as relações estabelecidas no trabalho.</li> </ul>
<p><b>Valeyre (2001)</b></p> <p>Para melhor verificar as manifestações do trabalho intensificado, o autor utilizou as respostas da Enquete Europeia sobre as condições de trabalho (O seu trabalho implica trabalhar com prazos apertado? /Seu ritmo de trabalho depende do trabalho feito por colegas?/Seu ritmo de trabalho depende de demandas diretas de pessoas (clientes, alunos, pacientes, etc.)?/Seu ritmo de trabalho</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Industrial (ritmo de trabalho é controlado pela máquina);</li> <li>• Organizacional (o tempo de trabalho depende das normas, prazos e formas de controle);</li> <li>• Mercado(a manipulação do tempo está relacionada com a flexibilidade interna do trabalho, multifunção e variabilidade de horários);</li> <li>• Eventual (pressão sofrida pelos trabalhadores, vigilância nas instalações e os problemas são sempre</li> </ul>

<p>depende de metas de produção ou desempenho? Seu ritmo de trabalho implica em velocidade muito alta?/Seu ritmo de trabalho depende da velocidade de uma máquina ou movimento de uma produção?) para construir seus indicadores.</p>	<p>tratados em caráter de urgência). .</p>
<p><b>Dal Rosso (2008)</b></p> <p>Quantidade de dispêndio das capacidades dos trabalhadores, do ponto de vista físico, psicológico e emocional em um mesmo intervalo de tempo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Alongamento da jornada de trabalho</li> <li>• Duração da jornada</li> <li>• Ritmo / velocidade</li> <li>• Acumulo de atividades</li> <li>• Polivalência / versatilidade / flexibilidade</li> </ul>
<p><b>Assunção e Oliveira (2009)</b></p> <p>A intensificação do trabalho pode decorrer do crescimento da produção sem alterações do efetivo, ou da diminuição do efetivo sem alteração na produção.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Volume excessivo de demandas no trabalho.</li> </ul>
<p><b>Jégouret (2010)</b></p> <p>A intensidade é algo não maleável, não fechada, em função das suas diversas formas de manifestação e, ainda pela proximidade com outros conceitos como: produtividade, carga de trabalho, horas / ritmos de trabalho, além de todas a condições que envolvem trabalho.</p> <p>Nível de esforço fornecido pelos trabalhadores durante o tempo de trabalho.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Duração</li> <li>• Produtividade</li> <li>• Carga de trabalho</li> <li>• Ritmo / horas</li> </ul>
<p><b>Ana Claudia Cardoso (2012)</b></p> <p>Analisar a intensidade é considerar a vivência do sujeito em relação á carga de trabalho/nível de esforço, por um determinado período, em um contexto organizado localmente e socialmente.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Ritmo:</b> cadencia ritmo depende colegas; clientes; objetivos/metas; máquina ou movimento de produto; controle direto chefia;</li> <li>• Prazo rígidos e curtos; Tempo suficiente para terminar o trabalho.</li> <li>• <b>Fatores cognitivos:</b> normas qualidade; resolver problemas; tarefa complexas; aprender coisas novas; rotação e competências diferentes.</li> <li>• <b>Interrupção</b></li> <li>• <b>Duração da jornada:</b> Normal e extraordinária. Tempo percurso. Trabalho fora da jornada;</li> <li>• <b>Distribuição do tempo:</b> Trabalhos atípicos (final de semana, turnos, noite) e formas de flexibilidade;</li> <li>• <b>Apoio/relações sociais:</b> Apoio/ajuda dos colegas e da hierarquia</li> <li>• <b>Relação profissional :</b> Sensação fazer um bom trabalho; ser bem pago pelo</li> </ul>

	<p>trabalho que faz;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Autonomia:</b> ordem das tarefas; métodos de trabalho; cadência e/ou velocidade; pausa; horários de trabalho. Autonomia da equipe.</li> <li>• Participação nas mudanças organização e na definição dos objetivos</li> <li>• <b>Fatores psicossociais:</b> Realização das tarefas implica conflito valores; requer que não mostre sentimentos, consequências de erros</li> <li>• <b>Saúde:</b> saúde ameaçada pelo trabalho; ausências em função de doença ou acidente; trabalha estando doente</li> <li>• <b>Contexto macro:</b> segurança no emprego atual</li> </ul>
--	---

**QUADRO 1** - Principais Conceitos sobre Trabalho Intensificado.

Como ponto de partida sobre os achados na literatura sobre trabalho intensificado, buscou-se trazer o conceito de Fernex (1999, p. 13), que define o constructo como: "carga total de trabalho por unidade de tempo". Ou seja, existe uma relação entre duração, distribuição e intensidade, assim é de suma importância interpretar todas as condições que permeiam e caracterizam o trabalho. Este autor, foi quem primeiro utilizou o conceito de trabalho intensificado, sendo de grande valia para os estudos sobre a temática, principalmente, para autores como Dal Rosso.

Mencionando a lógica capitalista, a intensidade do trabalho está voltada para os resultados quantitativamente superiores, exigindo maior consumo de energia do trabalhador em determinado espaço de tempo. Jégourel (2010), também utiliza a mesma base teórica de Fernex, entretanto apresenta uma preocupação diante do nível de esforço empregado para realização da tarefa em intervalo de tempo determinado, pois nada define o que seria o limite do esforço máximo ou mínimo para o trabalhador. Contudo, a obrigação do mesmo é colocar seu tempo de trabalho à disposição do empregador e nada é dito a respeito da quantidade e eficácia do trabalho fornecido.

Intensificar o trabalho significa aumentar gastos de energia, além de obter resultados em termos de produção mais elevados. Desse modo, a intensificação implica no aumento da mais valia, pois os excedentes aumentam os gastos, além de representar um conceito diferente do termo produtividade que está relacionado com o grau de desenvolvimento dos meios de produção. Assim pode-se afirmar que produtividade e intensidade são distintas. Estes conceitos foram resgatados para destacar que o

trabalhador utiliza sua força de trabalho na produção da mais valia (excedente), alimentando o sistema capitalista.

A categoria intensidade é de extrema importância para a teoria do valor do trabalho, que marca a modificação da mais valia absoluta para mais valia relativa, mas o que isso implica? A mais valia absoluta é empregada para analisar a produção extra do valor sobre os alongamentos da jornada de trabalho, e a mais valia relativa visa a extração de mais trabalho mediante as transformações técnicas e sociais do processo de produção, que acarreta alteração da proporção do tempo de trabalho necessário e o tempo de trabalho excedente, a segunda exercendo influência sobre a primeira.

As transformações no mundo do trabalho contribuíram para redução do valor das mercadorias, possibilitando a queda no valor da força do trabalho e ampliação da mais valia que, por sua vez, implica na intensificação do trabalho (PINA,2012). O valor consiste no tempo de trabalho socialmente empregado para produção de um bem ou serviço, podendo abarcar atividade intelectuais ou afetivas.

Assim, o valor está envolve o tempo de trabalho e o trabalhador, pois o produto é produzido pelo trabalhador gastando tempo de trabalho. Contudo, a acumulação de qualquer riqueza é consequência do aumento do consumo e do tempo de trabalho. Seguindo este raciocínio, como produzir mais valor? Com a utilização massificada dos meios de produção juntamente com os aparatos tecnológicos, acelera-se a produção e acaba por alimentar o sistema (DAL ROSSO, 2005). Este mecanismo associa-se ao máximo a força de trabalho e a intensificação tornando-se peça chave nesse processo.

Para construir um construto sobre a intensificação do trabalho utilizou-se o conceito defendido por Dal Rosso (2008), que define trabalho intensificado como o dispêndio de energia física, psíquica e emocional em um mesmo intervalo de tempo. Conceito este que pode ser empregado para qualquer que seja o trabalho que possua a materialização (produto) em um determinado espaço de tempo. Neste sentido, a noção da intensificação do trabalho está relacionada a um dispêndio de energia diante do ritmo de trabalho.

Entretanto, esta definição não pode ser aplicada a intensificação do trabalho docente universitário, pois a produção do seu trabalho envolve a dimensão imaterial (produção de ideias), além do seu trabalho ter a possibilidade de ser executado tanto na universidade quanto fora da sua jornada de trabalho remunerado (CARVALHO, 2014)

No trabalho docente do ensino superior público, pode-se observar, como um dos aspectos cruciais para a intensificação do trabalho a modificação no cotidiano do

trabalho docente, caracterizada pela pressão sobre o trabalho destinado ao alcance dos parâmetros de produção acadêmica crescente e também na ampliação do uso do tempo que o professor dispense com o seu trabalho. Desta forma, os profissionais passaram a se submeter, no seu dia a dia, a nova lógica de arranjo temporal, caracterizada por uma jornada laboral, mais intensiva e extensiva (MANCEBO, 2007)

Sendo assim, com o objetivo de contribuir para a construção de um conceito que possa ser aplicável ao trabalho docente de acordo com sua realidade, se propõe a seguinte definição: crescimento da produção sem alteração do efetivo, ou corte do efetivo e aumento na produção. Provocando gasto de energia físico, psíquico e mental do sujeito, diante das exigências, demandas (quantitativas e qualitativas) e pressões tanto dentro como fora da jornada de trabalho remunerada. Sendo assim, avaliou-se esta dimensão da seguinte maneira:

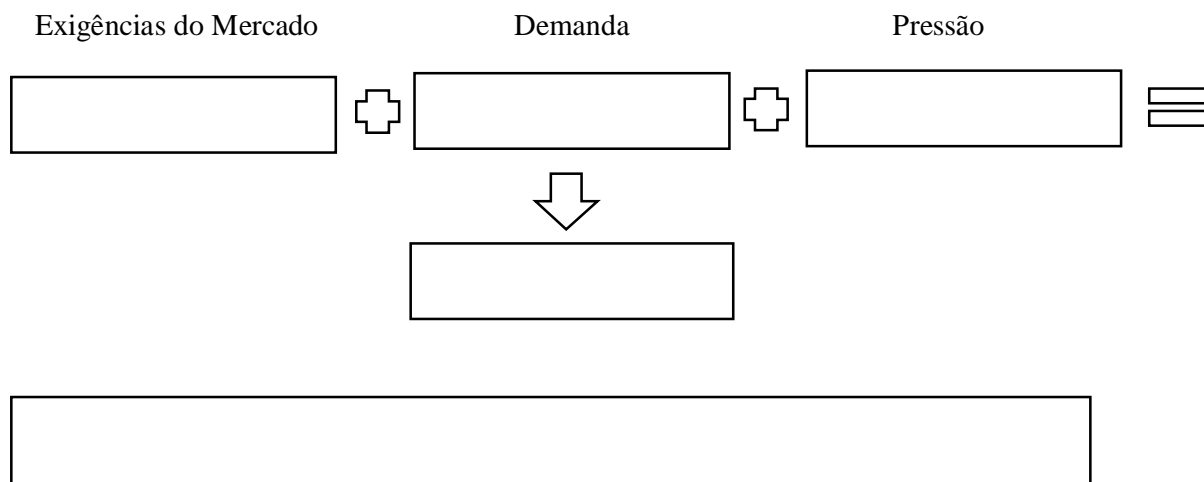
A partir, do conceito proposto buscou-se trazer o seguinte exemplo para ilustrar a intensificação do trabalho docente, tendo como pilar a indústria da educação, que torna-se cada vez mais exigência perante o quantitativo de produções.

Desse modo, com o crescimento das produções acadêmica é necessário aumento das contratações de docentes. O que se pode observar é que este aumento do efetivo não acontece e os professores acabam por se tornar reféns do seu próprio trabalho.

Trabalho este carregado de demandas sociais, que exige dedicação perante as atualizações constantes e necessita de manejos do trabalho imaterial perante a criatividade para driblar as dificuldades cotidianas no contexto da educação.

A exigência diante da produção, acaba por colocar o docente do ensino superior dentro da universidade em diferente condição, podendo ser intitulado “professor produtivo”, aquele que produz conhecimento em forma de produto (artigo, livros, revisas, periódicos, etc.), tornando seu trabalho de fato materializado diante do seu produto final.

Toda esta exigência e demanda parte de uma lógica capitalista que pressiona a categoria docente por um quantitativo que, conseqüentemente, carrega consigo uma nota ou avaliação, que será a todo momento cobrada por uma excelência intelectual, ou seja, não basta produzir, precisa atingir parâmetros altíssimos de qualidade. Neste ciclo vicioso, as demandas pela produção científica acarretam no acúmulo de trabalho na busca pelo alcance das metas estabelecidas pela indústria da educação. Estes fatores são responsáveis pela intensificação do trabalho docente (FIGURA 1).



**FIGURA 1-** Representação do trabalho intensificado docente.

A partir deste pressuposto sugerido, foram elencados os indicadores e suas respectivas questões apresentados no questionário da presente pesquisa. É importante mencionar que os indicadores estão separados por motivos metodológicos e didáticos, embora todos eles devam estar relacionados para que se possa representar o trabalho intensificado.

O trabalho intensificado assume papel fundamental no processo de trabalho do docente, o que torna pertinente o desenvolvimento de esforços para a avaliação deste constructo. Para isso, foram elencados alguns indicadores que se aproximam do que pode ser aplicável, na literatura sobre trabalho intensificado, ao trabalho docente, como: I- tempo de trabalho, II- acúmulo de atividades, III- exigências/ demandas/pressões.

Com a evolução tecnológica o trabalho docente acaba por se reinventar a todo momento, envolvendo complexas demandas diante do seu conteúdo quanto em relação as mais diversas formas metodológicas de ensinar. Além disso, se caracteriza como uma profissão que demanda uma carga de trabalho que ultrapassa os “muros da universidade”, adentrando os espaços destinados à vida pessoal, não obstante que esta realidade vem carregada de um conteúdo subjetivo e particular de cada sujeito na construção do professor.

Dessa forma, o tempo destinado as suas atividades pessoais (lazer e convívio social) e aperfeiçoamento do seu trabalho, como atualizar-se profissionalmente acabam por ficar comprometidas pela intensificação do trabalho (CARLOTTO; CÂMARA, 2007). Este estudo tem como objetivo estabelecer indicadores do trabalho intensificado



na docência, de modo, a constituir um construto adequado para análise do indicador trabalho intensificado entre docentes de nível superior de uma universidade pública.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo de corte transversal, desenvolvido pelo Núcleo de Epidemiologia (NEPI) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), no projeto mãe Estresse ocupacional e os Transtornos Mentais Comuns entre professores universitários.

A população do estudo foi constituída por uma amostra aleatória de docentes de uma instituição pública. Foram incluídos todos os tipos de vínculos trabalhista e aqueles que aceitaram participar da pesquisa, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram excluídos os docentes que estavam de licença por motivos de saúde, férias e afastamento no período da coleta.

Para definição do tamanho da amostra, foi considerado o total de 931 professores e a proporção esperada para Transtorno Mental Comum (TMC) de 18% (WERNICK, 2000; PARANHOS, 2002), evento de interesse do projeto de pesquisa desenvolvido adotando os seguintes parâmetros: nível de confiança de 95%, precisão de 3%, e poder do estudo de 80%. Com base, neste parâmetro, calculou-se a amostra em 376 docentes. Acrescentou-se a este valor 15% para neutralizar o efeito de possíveis perdas e recusas, obtendo-se o n amostral final de 423 professores.

A coleta de dados foi conduzida por uma equipe de entrevistadores treinados. O questionário utilizado era composto de nove blocos, entretanto foram utilizados os blocos referente as questões de identificação geral, informações sobre o trabalho e características psicossociais do trabalho.

O construto trabalho intensificado docente foi construído baseado em revisão de literatura, que permitiu serem elencados três indicadores, apresentados no quadro abaixo:

Indicador	Informações	Questões
Tempo de trabalho	O primeiro indicador, trata da jornada de trabalho, da carga de trabalho e das questões relacionadas ao trabalho na instituição que está sendo estudada	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Qual sua carga horária de trabalhado docente na instituição?</li> <li>• Eu frequentemente trabalho durante meu horário de almoço ou durante as pausas para terminar o meu trabalho?</li> </ul>
Acumulo de Atividades	O segundo indicador, consiste na capacidade de o trabalhador realizar múltiplas atividades para alcançar melhores resultados (DAL ROSSO, 2008).	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Leciona na pós-graduação?</li> <li>• Realiza atividade de pesquisa?</li> <li>• Atua como coordenador de projeto de pesquisa?</li> <li>• Atua como parecerista de periódico(s) científico(s)?</li> <li>• Realiza atividade de extensão?</li> <li>• Você realiza atividades administrativas (apoio a colegiados, departamentos, outros setores) na instituição?</li> </ul>
Exigências, demandas e pressões.	O terceiro indicador proposto, busca compreender como as exigências exercidas pela pressão influenciam no tempo destinado ao trabalho, fazendo o trabalhador ultrapassar seus limites físicos e psíquicos pelas elevadas demandas.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Meu trabalho requer que eu trabalhe muito rapidamente</li> <li>• Frequentemente, eu sou pressionado (a) trabalhar depois da hora?</li> <li>• Nos últimos anos, meu trabalho passou a exigir cada vez mais de mim?</li> <li>• No trabalho, eu me sinto sufocado pela pressão do tempo?</li> <li>• Eu sou solicitado(a) a realizar um volume excessivo de trabalho?</li> <li>• O tempo para realização das minhas tarefas é suficiente?</li> <li>• Meu trabalho requer que eu trabalhe duro?</li> <li>• Constantemente, eu me sinto pressionado pelo tempo por causa da carga pesada de trabalho?</li> </ul>

**QUADRO 2** - Indicadores Trabalho Intensificado

Para estabelecer os fatores a serem analisados no trabalho intensificado realizou-se análise fatorial exploratória. Nesse tipo de análise, o grau da colinearidade entre as variáveis é passível de explicação, ou seja, uma variável pode ser explicada por outra.

Para verificar a adequação e aplicabilidade do modelo de fator ao conjunto de dados, empregou-se o teste estatístico de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e o teste de esfericidade de Bartlett. A inclusão e manutenção dos indicadores no modelo fatorial foi avaliada por meio de comunalidade. Foi realizada a inspeção da matriz e das possibilidades de fatorabilidade, no qual se verificou a magnitude dos coeficientes, observando-se as correlações abaixo ou acima da diagonal da matriz, formada por coeficientes de valor 1.00 (correlações de cada variável com ela própria), Foi aceito um mínimo de 0,30, pois quanto maior a quantidade de correlações superiores a 0,30, melhor é a matriz (CRUZ; TOPA, 2009). Aplicou-se a análise de componentes principais (PCA) para a extração de fatores (trabalho intensificado) e a rotação varimax, para permitir uma melhor interpretabilidade dos fatores.

Foi estimada a consistência interna para mensurar a confiabilidade das questões envolvidas em cada dimensão do trabalho intensificado, verificando-se a congruência de cada item do indicador, por meio do alfa de Cronbach. Registra-se que para análise do resultado obtido, não há consenso de valores adequados para estes coeficientes, assim, foram considerados neste estudo valores aceitáveis acima de 0,60, boas acima de 0,70 e ótimo acima de 0,80 (COLLARES; GREC; MACHADO, 2012).

Todas as análises foram realizadas com o suporte dos programas: *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) versão 17.0.e *Statistics Data Analysis* (STATA) versão 10.0 para Windows.

Os dados do projeto foram coletados após aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em pesquisa (CEP) da Universidade Estadual de Feira Santana (UEFS) sob parecer de nº 1.145.223 e CAAE: 44623115800000053.

## **RESULTADOS**

A amostra foi composta por 423 professores da UEFS. Entretanto, após a extração de fatores na análise fatorial, obteve-se um quantitativo 366 professores, pois ao cruzar os dados, somente eram considerados os questionários onde o professor tivesse respondido todas as questões previamente selecionadas para construção, salvo

esta condição o questionário seria excluído, nesta pesquisa apresentou um percentual de 13,4% de perdas, como a amostra representativa foi de 376 docentes considerou-se que as perdas não foram significativas.

### Caracterização da População

A população apresenta as seguintes características sociodemográficas: maior frequência de docentes do sexo feminino (51,8%), na faixa etária acima de 39 anos (71,3%), raça/ cor negra (57,7%), com companheiro (70,6%), com filhos (70,2%), com renda  $\geq$  10 salários mínimos (65,3%) (TABELA 1).

**TABELA 1** – Caracterização dos docentes segundo as variáveis sócio-demográficas.

<b>Variável</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Sexo		
Feminino	219	51,8
Masculino	204	48,2
Faixa etária		
$\leq$ 39 anos	117	28,7
$>$ 39 anos	291	71,3
Situação conjugal		
Com companheiro	295	70,6
Sem companheiro	123	29,4
Renda		
Até 10 salários	145	34,7
Mais de 10 salários	273	65,3
Ter filhos		
Sim	295	70,2
Não	125	29,8
Cor da pele		
Negra	233	57,7
Não negra	171	42,3

Em relação às características ocupacionais, hábitos de vida e atividade doméstica, 84,9% possuíam vínculo de trabalho efetivo, 87,8% realizavam sua jornada de trabalho parte na UEFS e parte em casa, 67,1% avaliaram sua qualidade de vida de forma satisfatória, 68,6% realizavam atividade física, 87,9% realizavam atividade de lazer, 85,7% faziam refeições diárias de até 1 hora, 86,6% destinavam menos de 8 horas para dormir, 54,2% faziam uso de algum tipo de medicamentos, 53,8% faziam uso de bebida alcoólica e 88,4% não fumavam (TABELA 2).

**TABELA 2** – Distribuição dos docentes segundo as características do trabalho e hábito de vida.

<b>Variáveis</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Tipo de vínculo de trabalho		
Substituto	64	15,1
Efetivo	359	84,9
Local da jornada docente		
Domiciliar e na Uefs	367	87,8
Exclusivo na Uefs	51	12,2
Uso de bebida alcoólica		
Sim	226	53,8
Não	194	46,2
Fuma		
Sim	49	11,6
Não	373	88,4
Faz uso de medicação		
Sim	228	54,2
Não	193	45,8
Atividades de Lazer		
Não	51	12,1
Sim	371	87,9
Atividade Física		
Não	132	31,4
Sim	288	68,6
Qualidade de Vida		
Ruim	138	32,9
Boa	281	67,1
Sobrecarga doméstica		
Alta	71	49,6
Baixa	72	50,4
Horas de sono		
Menos de 8 horas	362	86,6
8 horas ou mais	56	13,4

### **Identificação do Construto**

As respostas aos 16 itens do construto trabalho intensificado foram submetidas inicialmente a uma análise de componentes principais (principal componente) para estimar os números de fatores, a presença de valores extremos, ausência de multicolinearidade e a fatorabilidade da matriz de correlação.

**TABELA 3** - Distribuição das respostas dos docentes segundo as variáveis selecionadas para construção do construto trabalho intensificado.

Variáveis	Respostas				
	Não	%	Sim	%	Total
Eu frequentemente trabalho durante meu horário de almoço ou durante as pausas para terminar o meu trabalho?	211	50,2	209	49,8	420
Leciona na pós-graduação?	258	62,9	152	35,9	410
Atua como coordenador de projeto de pesquisa?	239	58,4	170	41,6	409
Atua como parecerista de periódico(s) científico(s)?	245	59,6	166	40,4	411
Realiza atividade de extensão?	248	60,6	161	39,4	409
Realiza atividade de pesquisa?	128	31,3	281	68,7	409
Você realiza atividades administrativas (apoio a colegiados, departamentos, outros setores) na UEFS?	143	34,5	271	65,5	414
Qual sua carga horária de trabalhado docente na UEFS?	230	54,5	192	45,5	422
Meu trabalho requer que eu trabalhe muito rapidamente?	253	60,0	169	40,0	422
No trabalho, eu me sinto sufocado pela pressão do tempo?	215	51,4	203	48,6	418
Nos últimos anos, meu trabalho passou a exigir cada vez mais de mim?	113	26,8	308	73,2	421
Eu sou solicitado(a) a realizar um volume excessivo de trabalho?	173	41,1	248	58,9	421
O tempo para realização das minhas tarefas é suficiente?	207	49,2	214	50,8	421
Meu trabalho requer que eu trabalhe duro?	130	30,9	291	69,1	421
Frequentemente, eu sou pressionado (a) trabalhar depois da hora?	265	63,1	155	36,9	420
Constantemente, eu me sinto pressionado pelo tempo por causa da carga pesada de trabalho?	192	45,7	228	54,3	420

Uma vez verificada a adequação da matriz foi realizada a análise fatorial com o método varimax - rotação mais adequada, pois procura minimizar o número de variáveis

que apresentam altas cargas em cada fator. Esta solução resultou em um instrumento constituído por 15 itens, com carga superior a 0,250. Em seguida, foi possível rotacionar as variáveis observadas pelos componentes extraídos, Tabela 4 apresenta os valores de cada componente após a rotação.

**TABELA 4-** Distribuição das cargas fatoriais para os dois componentes (Trabalho Intensificado) identificados nos Questionários aplicados aos docente da Universidade pública, Brasil, 2015 - 2016.

<b>Variáveis</b>	<b>Componentes</b>	
	<b>Fator 1</b>	<b>Fator 2</b>
Constantemente, eu me sinto pressionado pelo tempo por causa da carga pesada de trabalho?)	<b>,763</b>	,173
No trabalho, eu me sinto sufocado pela pressão do tempo?	<b>,689</b>	,047
O tempo para realização das minhas tarefas é suficiente?	<b>,661</b>	,150
Meu trabalho requer que eu trabalhe muito rapidamente?	<b>,629</b>	-,055
Eu sou solicitado(a) a realizar um volume excessivo de trabalho?	<b>,611</b>	-,001
Eu frequentemente trabalho durante meu horário de almoço ou durante as pausas para terminar o meu trabalho?	<b>,578</b>	,189
Frequentemente, eu sou pressionado (a) trabalhar depois da hora?	<b>,571</b>	,195
Nos últimos anos, meu trabalho passou a exigir cada vez mais de mim?	<b>,567</b>	,188
Meu trabalho requer que eu trabalhe duro?	<b>,500</b>	,088
Realiza atividade de extensão?	,126	,187
Atua como coordenador de projeto de pesquisa?	,077	<b>,804</b>
Qual sua carga horária de trabalhado docente na universidade?	,004	<b>,761</b>
Realiza atividade de pesquisa?	,088	<b>,756</b>
Leciona na pós-graduação?	,067	<b>,708</b>
Atua como parecerista de periódico(s) científico(s)?	,117	<b>,650</b>
Você realiza atividades administrativas (apoio a colegas, departamentos, outros setores) na universidade?	,249	<b>,372</b>
Autovalores	4,341	2,332

Explicação da Variância %	27,129	14,577
Varição Acumulada %	27,129	41,707
Alfa Cronbach	,813	,376

---

O primeiro fator está relacionado as variáveis relacionadas às Exigências, Demandas e Pressões do trabalho docente. São questões que se referem às pressões no ambiente de trabalho, carga excessiva de trabalho, tempo insuficiente para realização de uma determinada tarefa, elevado grau de exigência, entre outras questões apresentadas na Tabela 3, que compõem o fator I.

O segundo fator está relacionado às variáveis de acúmulo de atividades. As questões tratam das múltiplas atividades exercidas pelo docente em seu ambiente de trabalho.

Vale salientar que todas as questões selecionadas foram agrupadas aos seus respectivos fatores. Entretanto, a atividade de extensão não apresentou rotação significativa, sendo extraída na análise.

Os dois fatores extraídos apresentaram os requisitos exigidos para realização da análise fatorial (HAIR et al., 2005; PARDO, 2002). O critério de Kaiser sugere que deve-se extrair dois fatores: o primeiro apresenta um *eigenvalue* de 4,341, carregando cerca de 43% da variância. O segundo fator apresenta *eigenvalue* de 2,332, carregando cerca de 23% da variância. Em conjunto, esses dois fatores explicam 66,73% da variância das variáveis originais. As saturações de cada item nos respectivos fatores são apresentadas na Tabela 3, e estão dispostos conforme sua carga fatorial.

A variável que mais apresentou carga fatorial elevada no fator I foi “pressão” 0,76 e no fator II a variável “atua na coordenação” 0,80.

Referente ao supracitado acima foram selecionadas as seguintes variáveis tanto do primeiro quanto do segundo fator: “cargahoraria1” (“Qual sua carga horária de trabalho docente na UEFS?”), “tempo suficiente” (“O tempo para realização das minhas tarefas é suficiente?”), “volum excessivo” (“Eu sou solicitado(a) a realizar um volume excessivo de trabalho?”), “trab depois da hora” (“Frequentemente, eu sou pressionado (a) trabalhar depois da hora?”) e “trabalmoço” (“Eu frequentemente trabalho durante meu horário de almoço ou durante as pausas para terminar o meu trabalho?”) e suas cargas fatoriais respectivamente 0,761/ 0,611/ 0,611/ 0,571/ 0,578.



Referente à análise de consistência interna, os valores obtidos, utilizando o coeficiente alfa de Cronbach, confiabilidade composta e variância extraída podem ser observados no Fator I de 0,813 considerado ótimo. Quanto ao Fator II, o alfa de 0,376 foi menor e de acordo com a literatura não possui boa consistência interna entre os fatores, entretanto este fator pode sugerir um caso unidimensional pelos fatores responderem de forma satisfatória a dimensão qualitativa.

## **DISCUSSÃO**

Este estudo buscou identificar os principais fatores que pudessem ser parâmetro para construção do construto Trabalho Intensificado entre os docentes de uma universidade pública.

Nota-se, contudo, que o coeficiente alfa de Cronbach aumentou quando os fatores foram considerados em conjunto, o que novamente sugere a bidimensionalidade do construto. Mesmo separadamente o alfa do fator I foi expressivo apontando que os docentes que realizam atividades voltadas as exigências, demandas e pressões do trabalho acadêmico estão mais expostos ao trabalho intensificado. Embora não se tenha dados sobre estudos quantitativos que busquem mensurar o trabalho intensificado na população sob análise, o fator I possui uma excelente combinação referente aos componentes. Ainda quanto à fidedignidade, ressaltam-se os valores ideais obtidos no cálculo de confiabilidade composta, revelando que os indicadores do construto contribuem substancialmente para a descrição do construto.

Tanto Hair et al (2006) quanto Schawb (2007) sugerem que um dos pressupostos da análise fatorial é a estrutura simples de seus componentes. O argumento defende que a mesma variável não pode contribuir para a construção de fatores distintos. A partir do referencial teórico adota-se 0,30 como limite aceitável da contribuição da variável na criação do fator com o objetivo de evitar o problema da indeterminação da relação entre variáveis e fatores

Os indicadores são construídos com o objetivo de explicar fenômenos complexos, de modo a tornar a informação acessível, tornando-os quantificáveis e compreensíveis de maneira que possam ser analisados de forma objetiva (KLIGERMAN, 2007; MOTEIRO; FALSARELLA, 2007).

No que se refere a construção do construto, vale ressaltar o quanto a intensificação do trabalho docente é um fenômeno complexo, sendo um objetivo

bastante discutido diante da materialidade e quando se traz a perspectiva de quantificar o trabalho imaterial ligado a subjetividade da profissão docente, remonta um estranhamento diante do método, mas consegue atender o objetivo do construto.

Como metodologia para avaliar o trabalho intensificado docente, utilizou-se a análise fatorial exploratória, pois consegue corroborar com o objetivo do estudo, onde buscou-se explorar os diversos conceitos para construção de indicadores, e assim poder agrupa-los pelo grau de similaridade entre eles.

Após a extração dos fatores, o construto foi reestruturado em dois componentes aumentando o grau de explicação de cada fator. Uma das variáveis elencadas (atividade de extensão) foi excluída das duas dimensões pelo baixo poder de explicação.

A partir do fator I Exigências, demandas e pressões, é interessante mencionar a lógica do capital que exige cada vez mais dos professores, principalmente com o aumento da produtividade independente da instituição de ensino ser pública ou particular. Este controle se configura por inúmeras maneiras, inclusive pelo estabelecimento de métodos avaliativos diante da valorização do “produto de trabalho”, por meio do quantitativo, assim como numa lógica fabril. Neste modo, os docentes devem ser eficientes, empreendedores e competitivos com base em produto, tornando a educação ferramenta de consumo voltado para “produtivismo exacerbado”, sendo a quantificação a base do sistema (SILVA, 2008, p. 26).

A pressão que representou uma variável importante para o fator 1, pode ser denominada pela pressão organizacional, tendo como características fundamentais a flexibilidade interna do trabalho, a polivalência ou multifunção e a variabilidade de trabalho (VALEYRE, 2001). O trabalho docente permite uma flexibilização entre diferentes funções, a exemplo do ensino, pesquisa e extensão, além de agregar tarefas de cunho administrativo. Funções estas que acabam tornando o docente polivalente no exercício do seu trabalho.

Neste seguimento pode-se verificar que o fator II denominado Acumulo de atividades, possui uma variável de extrema significância (atua na coordenação  $\alpha=0,804$ ). O escore pode estar relacionado ao processo avaliativo da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), onde para atuar na coordenação, se pressupõe que o docente já esteja envolvido com os três principais pilares da instituição pública (ensino, pesquisa e extensão), como a CAPES influencia o produtivismo, colocando os professores diante de políticas que fundamenta-se no sistema de fomento e incentivos financeiros que valoriza “a produtividade”. Este

quantitativo de funções atrelado a flexibilização do trabalho, acaba por sobrecarregar o profissional fisicamente e mentalmente para alcançar os melhores níveis de produtividades, assim como, estimular uma competitividade quase empresarial no ambiente acadêmico, onde está em jogo a produção do conhecimento (SGUISSARDI, 2008, p. 141).

Outra categoria que pode ser observada pela intensificação o trabalho está relacionada a ampliação do tempo de trabalho, que na maioria das vezes não é contabilizado. Sendo cada vez maior o tempo dedicado às tarefas levadas para casa. Além das tecnologias de informação que estão disponíveis em diversos espaços e servem como ferramenta de controle dos trabalhadores a qualquer momento e local (CARDOSO, 2009).

A Enquete Europeia, realizada em 2010 com operários franceses inseriu uma nova questão referente ao trabalho intensificado, questionando sobre a frequência de demanda de trabalho durante o tempo, sendo que 16% dos trabalhadores responderam que trabalhavam no tempo livre, uma ou duas vezes por semana e os outros foram chamados uma ou duas vezes por mês. Especialmente, nas atividades de ensino tem sido registrado a ampliação da jornada de trabalho para fora do ambiente laboral, levando os trabalhadores a permanecerem conectadas no trabalho, mesmo distante do ambiente de trabalho (HIRATA, 1996).

A carga de trabalho, apontada como excessiva pela maioria dos docentes representando 68,6%, a flexibilidade da jornada de trabalho e a constante exigência de produtividade, deixa claro que, na prática, os docentes possuem pouco tempo destinado a atividade que não perpassem pelo trabalho, sendo literalmente engolidos pelos moldes da produtividade (BIANCHETTI; MACHADO, 2008). O tempo livre do trabalho é reduzido, interferindo também nas horas de lazer, descanso, enfim de qualquer atividade de desejo pessoal do docente.

Outro fator importante que necessita ser sinalizado é que para construção dos indicadores foram elencadas três dimensões que constituiria o construto trabalho intensificado, ao ser analisado pelo método quantitativo da análise fatorial exploratório, estas dimensões não se confirmaram, assim, a dimensão tempo de trabalho foi suprimida, segundo achados na literatura como a dimensão era composta por duas questões : “Qual sua carga horária de trabalho docente na instituição?” e “Eu frequentemente trabalho durante meu horário de almoço ou durante as pausas para terminar o meu trabalho? “. as mesmas não foram capazes de explicar o construto, entretanto as questões se

reorganizaram na análise mostrando ambas ser um excelente fator dentro de indicadores distinto.

Durante todo investimento realizado nos referenciais, conclui-se que esta categoria tempo de trabalho possui relevância para construção do trabalho intensificado. Entretanto, pode-se mencionar que houve uma inconsistência metodológica na sua construção, pois ao atribuir somente duas questões para este indicador reduz seu potencial de explicação, considerando também que ao serem redistribuídas pela análise fatorial ficaram em fatores diferentes, onde entende-se estatisticamente que não explicam a variável tempo de trabalho e necessita-se investimento nesta lógica, pois atrelar aspectos metodológicos qualitativos e quantitativos congruente diante de um estudo pioneiro é um esforço contínuo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O que se percebeu ao decorrer do caminho que se pode utilizar estratégias a partir do arcabouço da literatura para “driblar” o trabalho material e imaterial até então pouco explorado.

A partir do questionário autoaplicável foi possível fazer seleção de variáveis que pudessem descrever o objeto de estudo e, após a análise fatorial, verificou-se a extração de dois fatores. A utilização da análise fatorial por componentes principais mostrou-se eficiente e adequada para o estudo, fornecendo bons indicativos para construção do construto. A consistência interna forneceu ótimos parâmetros usualmente aceitos, entretanto, necessita-se de um investimento teórico a respeito dos indicadores, devido ao pouco referencial encontrado na literatura. Esta pesquisa mostra a relevância do estudo sobre o trabalho docente, fomentando a iniciativa em produção de um instrumento que posso contemplar o trabalho intensificado docente na atualidade.

## **REFERÊNCIAS**

AVANCI, S., ASSIS, S., SANTOS, N. & OLIVEIRA, R. Adaptação transcultural da Escala de Autoestima de Rosenberg para adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3), 397-405, 2007.

BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. "Reféns da produtividade": sobre produção de conhecimento, saúde dos pesquisadores e intensificação do trabalho na pós-graduação. **GT: Trabalho e Educação**, v. 9. Anped.2008.

- CARDOSO, A.C.M. **Tempos de trabalho, tempos de não trabalho: disputas em torno da jornada do trabalhador.** São Paulo: Annablume, 2009.
- CARDOSO, A. C. M. Organização e intensificação do tempo de trabalho. **Sociedade e Estado**, v. 28, n. 2, Maio-Ago 2013.
- CARLOTTO, M. S; CÂMARA, S. G. Propriedades psicométricas do Maslach Burnout Inventory em uma amostra multifuncional. **Estudos de Psicologia**. Campinas, 2007.
- COLLARES C, GREC W, MACHADO J. Psicometria na garantia da qualidade da educação médica: conceitos e aplicações. *Sci Health*. 2012;3(1):33-49.
- CRUZ, I.C.; TOPA M.A. Análise multivariada como ferramenta de gerenciamento de fornecedores visando um relacionamento com vantagem competitiva [Monografia]. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2009.
- DAL ROSSO, S. **Mais Trabalho!** A intensificação do labor na sociedade contemporânea. São Paulo: Boitempo, 2008.
- DAL ROSSO, S; CARDOSO, A. C. M. Intensidade do trabalho: questões conceituais e metodológicas. **Sociedade Estado**, Brasília , v. 30, n. 3, p. 631-650, dez. 2015.
- FERNANDES, D. J. Uma contribuição sobre a construção de indicadores e sua importância para a gestão empresarial. *Rev. FAE*, 7 (1): 1-18, 2004.
- GREEN, F. It's Been a Hard Days's Night: The Concentration and Intensification of Work in Late Twentieth-Century Britain. **British Journal of Industrial Relations**.v. 39, n. 1, p. 53-80, 2001.
- HAIR, J. F., ANDERSON, R. E., TATHAM, & BLACK, W. C. (2005). *Análise multivariada de dados* (A. S. Sant'Anna & A. C. Neto, trad.). Porto Alegre: Bookman.
- HAIR, JR; BLACK, W. C; BABIN, B. J; ANDERSON, R. E E TATHAM, R. L. *Multivariate Data Analysis*. 6ª edição. Upper Saddle River, NJ: Pearson Prentice Hall, 2006.
- HIRATA, HELENA S. Da polarização das qualificações ao modelo de competência. In: FERRETTI, C. J.; ZIBAS, D. M.; MADEIRA, Felícia R. (Org.). *Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 128-142.
- HUTZ, C. (2000). Adaptação brasileira da Escala de Autoestima de Rosenberg. Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Mimeo.
- KLIGERMAN, D. C. et al. Sistemas indicadores de saúde e ambiente em instituições de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 12 (1): 199-211, 2007.
- MANCEBO, Deise. Trabalho docente: subjetividade e sobre implicação. **Reflexão & Crítica**, v.20, n.1, 2007.

MONTEIRO, N. A; FALSARELLA, O. M. Um modelo de gestão da informação para aprendizagem organizacional em projetos empresariais. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 12 (2): 81-97, 2007.

PARANHOS, I. S. **Interface entre trabalho docente e saúde dos professores da Universidade Estadual de Feira de Santana, 2001.** Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2002.

PARDO, M. (2002). Análisis factorial. Em M. Pardo (Org.), *Guía para el análisis de datos* (pp.405-445). Madrid: McGraw-Hill/ Interamericana de España.

PASQUALI, L. *Análise fatorial: Um manual teórico-prático*. Brasília: LabPAM – UnB. 1998.

PINA, J. A. **Intensificação do trabalho e saúde dos trabalhadores na indústria automobilística: estudo de caso na Mercedes Benz do Brasil, São Bernardo do Campo. 2012.**

RIBEIRO IQ, ARAÚJO TM, CARVALHO FM, PORTO LA, REIS EJ. Fatores ocupacionais associados à dor musculoesquelética em professores. *Rev Baiana de Saúde Pública*. 2011;35(1):42-64.

ROJAS-BARAHONA, C., ZEGERS, B. & FÖRSTER, C. (2009). La Escala de Autoestima de Rosenberg: validación para Chile en una muestra de jóvenes adultos, adultos y adultos mayores. *Revista Médica do Chile*, 137, 791-800.

SCHAWB, A.J. *Eletronic Classroom*. [Online] Disponível em: <<http://www.utexas.edu/ssw/eclassroom/schwab.html>> Acesso em: 22 jan. 2016.

SGUISSARDI, V. “Desafios do currículo universitário em tempos de sociabilidade produtiva”. Trabalho apresentado no 4. Colóquio Luso-Brasileiro Sobre Questões Curriculares, Florianópolis, 2 a 4 set. 2008.

SILVA, O. S. F. Entre o plágio e autoria: qual o papel da universidade? *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, n. 38, maio./ago 2008. p. 357-368. Disponível em: . Acesso em: 08 de março de 2016.

VALEYRE A. Le travail industriel sous la pression du temps. **Travail et Emploi**, v.86, p. 127-149, 2001.

WERNICK, R. **Condições de saúde e trabalho dos docentes da Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA.** Dissertação (Mestrado) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador.2000.

### 5.3 ARTIGO 3

#### CARACTERIZAÇÃO DO TRABALHO INTENSIFICADO ENTRE DOCENTE EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA NA BAHIA.

##### RESUMO

**Introdução:** O trabalho intensificado consiste no crescimento da produção sem alteração do efetivo, ou corte do efetivo e aumento na produção. Provocando gasto de energia físico, psíquico e mental do sujeito, diante das exigências, demandas (quantitativas e qualitativas) e pressões tanto dentro como fora da jornada de trabalho remunerada. **Objetivo:** Identificar os fatores associados ao trabalho intensificado em docentes de uma universidade pública do interior da Bahia. **Métodos:** Foi realizado estudo de corte transversal em uma amostra aleatória de docentes de uma universidade pública, estratificada por departamento e tipo de vínculo empregatício. Utilizou-se questionário padronizado, autoaplicável, composto por nove blocos. O trabalho intensificado foi mensurado por meio de indicadores agrupados através de análise fatorial prévia. A sua frequência, assim como sua associação com características sociodemográficas e do trabalho docente foram analisadas em modelos de regressão, considerando o nível de significância de 5%. **Resultados:** O trabalho intensificado fator I esteve associada a renda abaixo de 10 salários mínimos, a não realização de atividades regulares de lazer, ter menos de 8 horas de sono e disponibilidade de até uma hora para realização das refeições. Em relação ao fator II a prevalência se encontrava relacionada a faixa etária maior que 40 anos, ausência de vínculo efetivo (substituto), renda baixo de 10 salários mínimos e uso de bebida alcóolica **Conclusão:** Observou-se elevada prevalência de trabalho intensificado, principalmente no fator II onde predominavam questões que tratam do acúmulo de atividades do trabalho docente e a associação desta prevalência com as características socioeconômicas, hábitos de vida e trabalho da categoria que necessitam de medidas que possam oportunizar melhores condições de trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho intensificado, docente, prevalência.

## ABSTRACT

**Introduction:** intensification of work consists in the growth of the production without change of the effective, or cut of the effective one and increase in the production. Providing physical, mental and mental energy expenditure of the subject, in the face of demands, demands (quantitative and qualitative) and pressures both inside and outside the paid workday. **Objective:** To describe the occurrence of work intensification and to identify factors associated in teachers from a public university in Bahia. **Method:** a cross-sectional study was performed by collecting random samples from teachers in a public university, stratified by department and type of working contract. A patterned self-administered questionnaire composed by nine blocks was used on this study. The intensification of work was measured by using grouped indicators through a previous factorial analysis. Its occurrence, along with its association with sociodemographic and teaching work characteristics, was analyzed in regression models, considering the significance level at 5%. **Results:** The prevalence of intensification of work in factor 1 was associated to sex, non-participation in regular leisure activities, non-performing physical activity, sleeping less than 8 hours and availability of at least one hour for regular meals. The prevalence in factor 2 was related to earning less than 10 minimum wages, absence of permanent contract (replacement) and among those who have worked in and out campus. **Conclusion:** It was observed high prevalence of work intensification, especially in factor 1 which concerns working demands and pressures issues, as well as its association with socioeconomic characteristics; life and work habits of a work category in need for measures to provide better work conditions.

**KEYWORDS:** Intensification of work, teacher, prevalence.

## INTRODUÇÃO

As transformações que a sociedade vem passando durante as últimas décadas têm influenciado os modos de vida, produção, definição das profissões e das relações de trabalho. O setor educacional também sofreu mudanças ao longo desses anos, especialmente no que se refere aos docentes, com o professor assumindo novas competências, sob pressão de contínuas exigências de formação e qualificação (ZARAGOZA, 1999).

O professor, que antes tinha a função de somente lecionar passa abarcar outras atividades além do ensino, pesquisa e extensão, assumindo atividades laborais como:



participação em órgãos colegiados, busca de recursos para seus projetos, atendimento às demandas oriundas de órgãos reguladores/avaliadores, participação de comissões, avaliadoras de processos, e elaboração de pareceres, entre outras funções. Para responder a tais exigências, os docentes precisam ampliar sua jornada de trabalho e com a uso da internet, transformam o tempo de não trabalho em tempo de trabalho (GUIMARÃES; CHAVES, 2015).

Essas novas exigências acabam por sobrecarregar o professor, elevando o nível de estresse no ambiente de trabalho, com repercussões na sua saúde física e mental. Tomando essas mudanças como transformações que elevaram as exigências docentes, sem aumento do tempo disponível para realizá-las, este estudo buscou analisar os aspectos que pudessem identificar esta intensificação do trabalho docente. O trabalho intensificado consiste em um dispêndio de energia física, psíquica e mental, em um mesmo intervalo de tempo (DAL ROSSO, 2008).

Assim, buscou-se estratégias metodológicas para construir um indicador capaz de mensurar o trabalho intensificado docente, uma vez que as pesquisas realizadas pela *European Working Conditions Surveys* (EWCS), avalia somente o trabalho do profissional operário de acordo com o intervalo de tempo e o quantitativo na produção.

Contudo, com o trabalho docente engloba outras dimensões referentes as exigência, demandas e pressões e ao acúmulo de atividades, são necessárias adaptações do conceito e sua forma de mensuração. Nesse sentido o foi proposto o seguinte conceito para trabalho intensificado: crescimento da produção sem alteração do efetivo, ou corte do efetivo e aumento na produção. Provocando gasto de energia físico, psíquico e mental do sujeito, diante das exigências, demandas (quantitativas e qualitativas) e pressões, tanto dentro como fora da jornada de trabalho remunerada.

Estudos que envolvem a dimensão dos aspectos relacionados a intensificação do trabalho entre docentes são escassos. Ainda não há evidências consistentes sobre o trabalho intensificado na categoria docente. Os estudos, contudo, apontam que a intensificação do trabalho é de extrema relevância neste grupo e que podem comprometer sua atividade laborativa e ser responsável pelo adoecimento físico e psíquico do docente (LEHER; LOPES, 2008).

Portanto, avaliar os fatores associados ao trabalho intensificado coloca-se como de grande relevância para compreensão das condições do trabalho docente e repercussões sobre sua saúde. Diante deste contexto, este estudo teve como objetivo

descrever a ocorrência do trabalho intensificado e identificar fatores associados ao trabalho intensificado entre docentes de uma universidade pública do interior da Bahia.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo epidemiológico de corte transversal de caráter exploratório, o qual constitui um subprojeto da pesquisa “Estresse ocupacional e a saúde dos professores do ensino superior”, desenvolvida pelo Núcleo de Epidemiologia (NEPI) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

Os critérios de inclusão foram: todos os docentes em pleno exercício de sua atividade no período da pesquisa, independentemente do tipo de vínculo empregatício e que aceitaram participar da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Aqueles que estiveram de licença saúde, férias e afastamento no período da coleta foram excluídos.

Para definição do tamanho da amostra, foi considerado o total de 931 professores e a proporção esperada para TMC de 18%, desfecho de interesse do projeto-mãe (WERNICK, 2000; PARANHOS, 2002), adotando os seguintes parâmetros: nível de confiança de 80%, precisão de 3%, e o poder do estudo de 80%, calculou-se a amostra em 210 docentes. Acrescentou-se a este valor, 30% para neutralizar o efeito de possíveis perdas e recusas, obteve-se o n amostral final de 273 professores. Trata-se de uma amostra aleatória estratificada por departamento e tipo de vínculo empregatício.

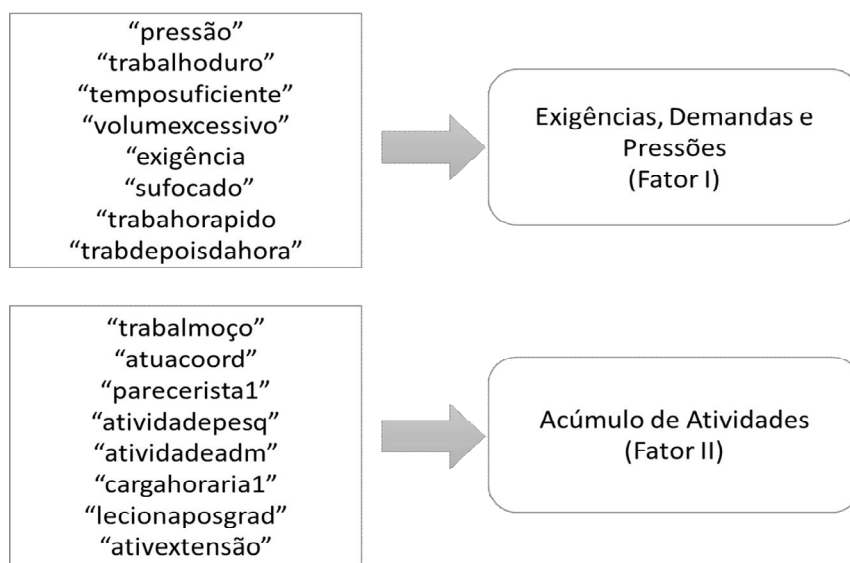
A coleta de dados, realizada entre o final de 2015 e início de 2016, foi conduzida por uma equipe de entrevistadores treinados.

Uma lista de reposição foi organizada para os casos em que os docentes selecionados encontravam-se de férias, em viagem, em qualificação profissional ou em processo de licença-maternidade ou afastamento por doenças. Na lista de reposição, previamente estabelecida, respeitou-se o departamento, o tipo de vínculo de trabalho e o sexo do docente que havia sido sorteado. Os questionários foram entregues aos docentes juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e depois de respondidos foram devolvidos lacrados aos pesquisadores.

O questionário utilizado era composto de nove blocos de questões: Bloco I- Informações gerais sobre o trabalho, Bloco II- Condições do ambiente de trabalho, Bloco III- Características psicossociais do trabalho, Bloco IV- Satisfação no trabalho, Bloco V- Atividades domésticas e hábitos de vida, Bloco VI- Uso do tempo, Bloco VII- Aspectos relacionados à sua saúde, Bloco VIII- Vínculo com a carreira profissional e

Bloco IX- Identificação Geral. Para este estudo utilizou-se questões dos blocos I, IV, V, VI, VII e IX.

A partir das variáveis selecionadas por meio da revisão de literatura foi realizada a análise fatorial para obter os escores/fatores, o que resultou em dois fatores. Para a extração dos fatores empregou-se a análise de componentes principais (PCA) através da rotação Varimax. Foram mantidos nos fatores (padrões) os itens com carga fatorial superior a 0,30 e consideradas aceitáveis comunalidades mínimas de 0,25, verificou-se também o teste de Kaiser- Meyer-Olkin (KMO) considerando valores acima de 0,70 e o teste de esfericidade de Bartlett. Por fim, verificou-se a consistência interna de cada um dos fatores extraídos através do alpha de Cronbach. Posteriormente os padrões foram nomeados em: Exigências, demandas e pressões, o fator I e Acúmulo de atividades, fator II (FIGURA 1).



**FIGURA 1** - Distribuição das variáveis para construção dos fatores que representam o indicador do trabalho intensificado docente nos dois fatores extraídos da análise fatorial.

Diante da falta de critérios para dicotomizar a variável trabalho intensificado, utilizou-se como estratégia as medidas de separatrizes, mediana para definir ponto de corte.

As variáveis exposição deste estudo foram agrupadas em blocos: características sociodemográficas; hábitos de vida e atividades domésticas; características ocupacionais e satisfação, avaliando-se a distribuição dos fatores de trabalho intensificado segundo essas características.

A variável sobrecarga doméstica foi calculada pelo somatório de quatro atividades domésticas ponderadas pelo número de moradores, exceto o(a) entrevistado(a), considerando o volume de trabalho realizado e o nível de responsabilidade, através da fórmula:  $SD = \sum (\text{lavar} + \text{passar} + \text{limpar} + \text{cozinhar}) \times (M-1)15$ . Para análise, a sobrecarga doméstica foi dicotomizada de acordo com o tercil do escore em baixa (valores iguais e abaixo do segundo tercil) e alta (os valores superiores ao segundo tercil) (AQUINO, 1996).

O processamento dos dados foi realizado pelos programas estatísticos *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) versão 17.0.e *Statistics Data Analysis* (STATA) versão 14.0 para Windows.

Para análise dos dados, foi realizado a caracterização da população estudada. Em seguida foi realizada a análise bivariada por meio da razão de prevalência (RP), utilizando o teste qui-quadrado de Pearson e p-valor de 0,005 para associações significantes. As variáveis foram pré-selecionadas adotando-se como critérios a relevância epidemiológica e valor de  $p < 0,20$ , no teste de razão máxima de Verossimilhança, para significância estatística. Em seguida, aplicou-se a regressão logística, utilizando-se o método *Backward* para seleção das variáveis, tendo como critério para permanência no modelo de regressão final as variáveis com  $p \leq 0,05$ .

Como a análise de regressão logística foi desenvolvida para estudo de caso controle, com resultado em *Odds Ratios* (OR), foi necessário converter as OR em medidas de Razão de Prevalência (RP), a partir da regressão de Poisson com variância robusta.

Durante todo o estudo foram respeitados os aspectos éticos e legais segundo a resolução nº 466/12. Os dados do projeto foram coletados após aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em pesquisa (CEP) da Universidade Estadual de Feira Santana (UEFS) sob parecer de nº 1.145.223 e CAAE: 44623115800000053.

## RESULTADOS

Participaram do estudo 273 docentes da Universidade Estadual de Feira de Santana. A partir das características sociodemográficas pode-se destacar, com maior frequência, os docentes do sexo masculino (51,3%), na faixa etária acima de 39 anos (73,4%), raça/ cor negra (54,9%), com companheiro (68,5%), com filhos (69,1%), com a renda  $\geq 10$  salários mínimos (72,5%) (TABELA 1).

**TABELA 1** – Caracterização dos docentes segundo as variáveis sócio-demográficas.

<b>Variável</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Sexo		
Feminino	133	48,7
Masculino	140	51,3
Faixa etária		
≤ 39 anos	71	26,6
> 39 anos	196	73,4
Situação conjugal		
Com companheiro	187	68,5
Sem companheiro	86	31,5
Renda		
Até 10 salários	75	27,5
Mais de 10 salários	198	72,5
Ter filhos		
Sim	188	69,1
Não	84	30,9
Cor da pele		
Negra	150	54,9
Não negra	123	45,1

As características ocupacionais, hábitos de vida e atividade doméstica, foram encontradas as seguintes proporções: vínculo efetivo de trabalho 91,9%, jornada de trabalho na universidade e em outra instituição 86,3%, qualidade de vida de forma satisfatória 95,3%, atividade física 96,6%, atividade de lazer 88,6%, tempo disponibilizado para refeição de até 1 hora 84,9 %, menos de 8 horas para dormir 84,4%, uso de algum tipo de medicamento 55,9%, consumo de bebidas alcoólicas 53,8% e não fumantes 87,4% (TABELA 2).

**TABELA 2** – Distribuição dos docentes segundo as características do trabalho e hábito de vida.

<b>Variáveis</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Tipo de vínculo de trabalho		
Substituto	22	8,1
Efetivo	251	91,9
Local da jornada docente		
Domiciliar e na Uefs	232	86,3
Exclusivo na Uefs	37	13,7
Uso de bebida alcoólica		
Sim	149	54,6
Não	124	45,4
Fuma		

Sim	07	2,6
Não	266	97,4
Faz uso de medicação		
Sim	152	55,9
Não	120	44,1
Atividades de Lazer		
Não	31	11,4
Sim	242	88,6
Atividade Física		
Não	82	30,4
Sim	188	69,6
Qualidade de Vida		
Ruim	12	4,4
Boa	259	95,6
Sobrecarga doméstica		
Alta	91	35,0
Baixa	169	65,0
Horas de sono		
Menos de 8 horas	227	84,4
8 horas ou mais	42	15,6
Tempo de almoço		
Menos de 1 hora	231	84,9
Uma hora ou mais	41	15,6

Em relação aos fatores, verificou-se que 50,2 % dos docentes apresentavam trabalho intensificado devido a exigência, demandas e pressões, sendo 47,9% do sexo masculino e 52,6% do sexo feminino (fator I) e 64,1% devido ao acúmulo de atividades, sendo 63,6% do sexo masculino e 64,7% do sexo feminino (fator II).

Quanto ao trabalho intensificado, as diferenças observadas foram, estatisticamente significantes, no fator I, para os que possuem filhos (75,9%), os que não realizavam atividade de lazer (16,1%), os que tinham qualidade de vida ruim (6,6%), dormiam menos de 8 horas por dia (91%) e nos que destinava menos de uma hora para o almoço (89,8%) (TABELA 3).

**TABELA 3** – Distribuição do trabalho intensificado (fator I) segundo as variáveis sócio-demográficas, hábitos de vida e de trabalho.

Variáveis	Trabalho Intensificado (Fator 1)		RP	IC	P-valor
	N	%			
Sexo					
Feminino	70	51,1	1,10	0,87 – 1,39	0,430

Masculino	67	48,9	1,00		
Faixa etária					
≤ 39 anos	36	27,1	1,00		
> 39 anos	97	72,9	0,98	0,75 – 1,28	0,861
Situação conjugal					
Com companheiro	93	67,9	0,97	0,76 – 1,25	0,826
Sem companheiro	44	32,1	1,00		
Renda					
Até 10 salários	30	21,9	0,74	0,55 – 1,00	0,038
Mais de 10 salários	107	78,1	1,00		
Ter filhos					
Sim	104	75,9	1,40	1,05 – 1,89	0,015
Não	33	24,1	1,00		
Cor da pele					
Negra	80	58,4	1,15	0,90 – 1,47	0,250
Não negra	57	41,6	1,00		
Uso de bebida alcoólica					
Sim	74	54,0	0,98	0,77 – 1,24	0,851
Não	63	46,0	1,00		
Fuma					
Sim	04	2,9	1,14	0,60 – 2,18	0,709
Não	133	97,1	1,00		
Faz uso de medicação					
Sim	78	57,4	1,06	0,83 – 1,35	0,625
Não	58	42,6	1,00		
Atividade de Lazer					
Não	22	16,1	1,49	1,15 – 1,95	0,014
Sim	115	83,9	1,00		
Atividade Física					
Não	43	31,6	1,06	0,82 – 1,36	0,653
Sim	93	68,4	1,00		
Qualidade de Vida					
Ruim	09	6,6	1,53	1,08 – 2,17	0,079
Boa	127	93,4	1,00		
Sobrecarga doméstica					
Alta	50	38,2	1,15	0,90 – 1,46	0,280
Baixa	81	61,3	1,00		
Tipo de vínculo de trabalho					
Substituto	07	5,1	1,63	0,87 – 3,04	0,072
Efetivo	130	94,9	1,00		
Local da jornada docente					
Domiciliar e na Uefs	118	87,4	1,11	0,76 – 1,61	0,579
Exclusivo na Uefs	17	12,6	1,00		
Horas de sono					
Menos de 8 horas	121	91,0	1,87	1,14 – 3,06	0,003
8 horas ou mais	12	9,0	1,00		
Tempo para o almoço					
Menos de 1 hora	123	89,8	1,56	1,01 -2,43	0,024
Uma hora ou mais	14	10,2	1,00		

Na análise de regressão logística, foram retidas no modelo final as seguintes variáveis para o fator I – exigências, demandas e pressões: não realizar atividade de lazer, possuir menos de 1h para as refeições, ter menos de 8h de sono por dia e possuir renda, menor do que 10 salários mínimos (TABELA 4).

**TABELA 4**– Fatores associados ao Trabalho Intensificado (Fator I- Exigências, demandas e pressões)

<b>Variáveis</b>	<b>RP</b>	<b>IC (95%)</b>	<b>P-valor</b>
Renda (até 10 salários)	0,70	0,52 – 0,94	0,020
Não realizar atividade de lazer	1,41	1,11 – 1,80	0,005
Menor que 1h para refeição	1,58	1,01 – 2,47	0,045
Menor que 8h de sono	1,80	1,10 – 2,95	0,019

Enquanto que no fator II, foram significantes, a renda menor que dez salários mínimos (16%), possuir vínculo de substituto (1,7%) e fazer a jornada de trabalho tanto na universidade estudada quanto em outra instituição de ensino (83,3%) (TABELA 5).

**TABELA 5** – Distribuição do trabalho intensificado (fator II- acúmulo de atividades) segundo as variáveis sócio-demográficas, hábitos de vida e de trabalho.

<b>Variáveis</b>	<b>Trabalho Intensificado (Fator II)</b>		<b>RP</b>	<b>IC</b>	<b>P-valor</b>
	<b>Sim</b>				
	<b>n</b>	<b>%</b>			
<b>Sexo</b>					
Feminino	86	49,1	1,02	0,85 – 1,21	0,851
Masculino	89	50,9	1,00		
<b>Faixa etária</b>					
≤ 39 anos	46	26,7	1,00		
> 39 anos	126	73,3	0,99	0,81 – 1,21	0,940
<b>Situação conjugal</b>					
Com companheiro	116	66,3	0,90	0,75 – 1,08	0,293
Sem companheiro	59	33,7	1,00		
<b>Renda</b>					
Até 10 salários	28	16,0	0,50	0,37 – 0,68	0,000
Mais de 10 salários	147	84,0	1,00		
<b>Ter filhos</b>					
Sim	118	67,8	0,94	0,78 – 1,14	0,536
Não	56	32,2	1,00		
<b>Cor da pele</b>					
Negra	91	52,0	0,89	0,74 – 1,06	0,191
Não negra	84	48,0	1,00		



Uso de bebida alcoólica					
Sim	90	51,4	0,88	0,74 – 1,05	0,162
Não	85	48,6	1,00		
Fuma					
Sim	05	2,9	1,12	0,69 – 1,80	0,682
Não	170	97,1	1,00		
Faz uso de medicação					
Sim	92	52,9	0,89	0,74 – 1,06	0,183
Não	82	47,1	1,00		
Atividade de Lazer					
Não	19	10,9	0,95	0,71 – 1,28	0,729
Sim	156	89,1	1,00		
Atividade Física					
Não	50	28,7	0,92	0,76 – 1,13	0,432
Sim	124	71,3	1,00		
Qualidade de Vida					
Ruim	07	4,0	0,90	0,56 – 1,47	0,664
Boa	167	96,0	1,00		
Sobrecarga doméstica					
Alta	56	34,4	0,97	0,78 – 1,19	0,778
Baixa	107	65,6	1,00		
Tipo de vínculo de trabalho					
Substituto	03	1,7	5,03	1,75 – 14,43	0,000
Efetivo	172	98,3	1,00		
Local da jornada docente					
Domiciliar e na Uefs	145	83,3	0,79	0,66 – 0,97	0,061
Exclusivo na Uefs	29	16,7	1,00		
Horas de sono					
Menos de 8 horas	143	83,6	0,94	0,75 – 1,20	0,650
8 horas ou mais	28	16,4	1,00		
Tempo para o almoço					
Menos de 1 hora	143	82,2	0,82	0,67 – 1,00	0,092
Uma hora ou mais	31	17,8	1,00		

No fator II, ter idade maior que 40 anos, renda menor que 10 salários mínimos e fazer uso de bebida alcoólica apresentaram associação negativa com o trabalho intensificado e o tipo de vínculo apresentou associação positiva (TABELA 6), apresentando intervalo de confiança de 95% de significância estatística.

**TABELA 6** – Fatores associados ao Trabalho Intensificado (fator II- Acúmulo de atividades)

Variáveis	RP	IC (95%)	P-valor
Idade maior que 40 anos	0,75	0,64 – 0,88	0,000
Renda até 10 salários	0,53	0,40 – 0,72	0,000
Uso de bebida alcoólica	0,84	0,72 – 0,98	0,029

Vínculo substituto	4,37	1,58 – 12,11	0,005
--------------------	------	--------------	-------

No grupo de docentes estudados, os professores que tinham qualidade de vida ruim apresentaram prevalência de trabalho intensificado 1,53 vezes maior do que aqueles que tinham qualidade boa. Com relação às horas disponibilizadas para o sono, aqueles professores que afirmaram dormir menos de oito horas apresentaram prevalência 1,87 vezes maior de trabalho intensificado do que aqueles que disponibilizavam 8 horas ou mais de sono. Aqueles que disponibilizavam até uma hora para realização das refeições tinham prevalência 1,56 vezes maior de trabalho intensificado do que aqueles que disponibilizavam um tempo maior/igual a uma hora para a realização das refeições. Nesse sentido, os aspectos relativos ao uso do tempo destacaram-se como importantes variáveis associadas à ocorrência de trabalho intensificado no fator I.

## DISCUSSÃO

Este estudo descreveu o perfil dos docentes de uma universidade pública segundo características sociodemográficas, hábitos de vida, do trabalho, e estimou a frequência do trabalho intensificado docente segundo essas características.

De acordo com os dados apresentados, observa-se uma predominância pequena do sexo masculino, sinalizando que a prevalência de mulheres na ocupação docente devido ao processo cultural e histórico da inserção da mulher no mercado de trabalho, esta sendo modificado e o estereótipo de cuidado perante os alunos no processo de ensino – aprendizagem como extensão do trabalho realizado no âmbito familiar esta se dissolvendo com a presença cada vez mais frequente dos homens na docência (ARAÚJO et al., 2003).

O fator I, denominado como exigência, demandas e pressões do trabalho docente apresentou associação entre aqueles possuem renda até 10 salários mínimos, entre os docentes que não realizavam atividade de lazer, nos docentes que destinavam menos de oito horas para dormir e menos de 1 hora para almoçar.

O trabalho intenso executado pelos docentes se depara com sofrimento relacionado ao conflito entre fazer um bom trabalho e seguir as exigências e regras que delimitam o tempo, aumentam o volume de tarefas e a sobreposição de tarefas. Também em razão da maior complexidade, as atividades docentes estão crescentemente sujeitas a regimes de urgência (ASSUNÇÃO; OLIVEIRA; DAVEZIES, 2007).

Resultados deste estudo corroboram com achados de pesquisa realizada no Rio de Janeiro, na qual os docentes relataram o uso de suas horas livres como finais de semanas e férias para expandir a jornada de trabalho (MANCEBO, 2011). Nesse sentido, conseguir equilibrar as exigências da carreira, intensamente atrelada à produção, com a busca de sentido com o que é realizado na docência universitária tornou-se um desafio (LAMPERT, 2014).

A relação do trabalho intensificado docente com o tempo foi evidenciado na associação com diminuição nas horas destinadas ao sono e ao almoço. Ou seja, os docentes passaram a trabalhar mais tempo do que antes, de modo a tender a uma lógica produtivista, o que remete à ideia de trabalho sem limite.

Estes resultados podem ser explicados como implicações das diversas atividades abarcadas pelo docente, fazendo que o docente passe a utilizar constantemente o seu tempo “livre”, (que seria direcionado ao repouso, descanso e realização das suas necessidades fisiológicas) para o prolongamento do seu tempo de exercício profissional. Assim, acumula-se as atividades sob condições físicas e psicológicas desgastantes que levam ao desencadeamento de problemas de saúde e afastamento ocupacional destes profissionais (GASPARINI et al., 2005; CRUZ et al., 2010; LEMOS, 2011).

Desta forma, a falta de atividade de lazer do docente passa a ser um aspecto preocupante, pois com o excesso de demandas, este acaba por desenvolver um ritmo de trabalho extenuante e deixando de lado aspectos importantes para a manutenção da saúde. Outro dado preocupante é as horas de sono, onde 86,6% dos docentes relataram destinar menos de 8 horas, semelhante aos resultados encontrados no estudo qualitativo, onde a média de sono relatada entre os docentes foi de 6,86 horas, estudo qualitativo realizado na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), no ano de 2015 (SEABRA E SILVA E DUTRA, 2015). Na sua maioria os professores possuíam estilo de vida precários com poucas horas destinadas ao sono e as refeições. Esses resultados fortalecem a teoria que o trabalho docente apresenta relação com o aparecimento de dores intensas, doenças musculoesqueléticas e alterações na qualidade de vida e no estado emocional de docentes com a intensificação do trabalho (BRANCO; JANSEN, 2011).

As políticas da educação superior passaram a ter como premissa a ampliação e diversificação das exigências aos docentes. O que tem contribuído para aumentar a demanda do trabalho docente. A implantação das novas tecnológicas, possibilitam a derrubada das barreiras entre o mundo pessoal e o profissional (MANCEBO, 2007).

O fator II, denominado acúmulo de atividades, apresentou associação a idade maior que 40 anos, a renda menor do que 10 salários mínimos e uso de bebida alcoólica como aspectos que minimizam a intensificação do trabalho docente.

O tipo de vínculo apresentou significância estatística, sendo assim, esperasse quem possui vínculo substituto possui maior probabilidade de possuir trabalho intensificado. A intensificação do trabalho possui uma dimensão social, onde o sujeito para alcançar melhores condições de vida diante do financeiro, acaba por agregar outros trabalhos em instituições diferentes para complementar sua renda, explorando sua própria força de trabalho.

Nota-se que os docentes têm dedicado grande parte do tempo durante a semana e nos finais de semana às atividades laborais, aumentando ainda mais a sobrecarga de trabalho. Nesse sentido, conservar um equilíbrio entre as atividades laborais e a participação em atividades de cuidado pessoal, recreativas e de lazer que promovem bem-estar e saúde é grande importância.

A limitação do estudo se concentra em dois pontos de extrema relevância: o primeiro, está relacionado a falta de um instrumento validado para mensurar o construto intensificação do trabalho e o segundo, se trata de uma análise na perspectiva qualitativa que tornaria o trabalho ainda mais valioso.

## **CONCLUSÃO**

É válido ressaltar a relevância de identificar os indicadores que explicam o construto intensificação do trabalho para a área de Saúde do Trabalhador: “a intensificação do trabalho constitui a questão que se deveria inquirir com maior consistência, especialmente do ponto de vista dos determinantes e condicionantes das relações trabalho-saúde e do desgaste mental” (MELO, 2007. p. 47). Ou seja, assinala-se a importância em tratar a intensificação do trabalho como objeto de pesquisa em Saúde do Trabalhador.

Os dados analisados representam dados preocupantes diante do processo de adoecimento dos docentes, onde todas as condições citadas no decorrer do artigo devem ser trabalhadas afim de melhorar as condições de trabalho dentro das universidades. A intensificação do trabalho é um tema que merece destaque nos espaços acadêmicos evidenciando sua importância e discutindo possibilidades de driblar as condições apresentadas para este trabalhador que acaba por tornar seu trabalho cada vez mais precarizado.

Assim, necessita-se de maior investimento em pesquisas para tornar o construto sólido na literatura. Contudo a pesquisa suscita maior investimento acadêmico capaz de orientar melhor o caminhar da intensidade do trabalho.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO TM, AQUINO E, MENEZES G, SANTOS CO, AGUIAR L. Aspectos psicossociais do trabalho e distúrbios psíquicos entre trabalhadoras de enfermagem. **Rev Saude Publica**. 2003;37(4):424-33.

ASSUNÇÃO, A. A.; OLIVEIRA, D. A. Intensificação do trabalho e saúde dos professores. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 30, n. 107, p. 349-372, 2009.

BRANCO JC, JANSEN K. Prevalência de sintomas osteomusculares em professores do ensino fundamental do maior colégio municipal da América Latina. **Ciênc Cogn**. 2011;16(3):109-15.

CRUZ, R. M. et al. Saúde docente, condições e carga de trabalho. **Revista Electrónica de Investigación y Docencia** (REID), n. 4, p. 147-160, 2010.

DAL ROSSO, S. **Mais Trabalho!** A intensificação do labor na sociedade contemporânea. São Paulo: Boitempo, 2008.

DELCOR, Nuria S. et al. Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 187-196, 2004.

GASPARINI, S. M. et al. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Rev. Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p.189-199, 2005.

GUIMARÃES, A.R.; CHAVES, V.L.R. A intensificação do trabalho docente universitário: aceitações e resistências. **RBPAAE** - v. 31, n. 3, p. 567 - 586 set./dez. 2015.

LAMPERT, E. O professor de educação superior no mercosul: desafios e perspectivas. **Revista FACISA ON-LINE**. Barra do Garças – MT, vol. 03, n. 03, p. 01 – 19, jul./dez.2014.

LEHER, R.; LOPES, A.. **Trabalho docente, carreira, autonomia universitária e mercantilização da educação**. In: MANCIBO, D.; SILVA JR., J. R; OLIVEIRA, J. F. (org.). Reformas e políticas: educação superior e pós-graduação. CampinasSP: Alínea, 2008.

MANCIBO, D. Trabalho Docente: Subjetividade, Sobre-implicação e Prazer. **Rev. Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 20, n.1, p. 74- 80, 2007.

MANCIBO, D. **Trabalho docente na educação superior: problematizando a luta**. In: DAL ROSSO, S. (Org.). Associativismo e sindicalismo em educação: organização e lutas. Brasília: Paralelo 15, 2011.

MARX. **O Capital**: crítica da economia política. Vol I, Tomo II, São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MELO, A.I.S.C. Trabalho e saúde: um estudo entre trabalhadores de serviços de tecnologias da informação, 2007. 288 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública)- Escola nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2007.

Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura - UNESCO. **Perfil dos Professores do Brasil** - O que fazem, o que pensam, o que almejam. UNESCO; 2004.

PARANHOS, I. S. **Interface entre trabalho docente e saúde dos professores da Universidade Estadual de Feira de Santana, 2001**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2002.

SEABRA, M.M.; SILVA-DUTRA, F.C. Intensificação do Trabalho e Percepção da Saúde em Docentes de uma Universidade Pública Brasileira. **CiencTrab**, 2015;17(54):198-204.

VEDOVATO, T.G.; MONTEIRO, M.I. Perfil sociodemográfico e condições de saúde e trabalho dos professores de nove escolas estaduais paulistas. **RevEscEnferm USP** 2008; 42(2):290-7.

WERNICK, R. **Condições de saúde e trabalho dos docentes da Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA**. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, 2000.

ZARAGOZA, J.M.E **O mal-estar docente**: a sala de aula e a saúde dos professores. Bauri, São Paulo: EDUSC, 1999.

## 5.4 ARTIGO 4

### TRABALHO INTENSIFICADO E TRANSTORNOS MENTAIS COMUNS ENTRE DOCENTES DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA NA BAHIA

#### RESUMO

**Introdução:** Devido ao contexto das transformações das reformas educacionais, aumentam cada vez mais as exigências, principalmente em relação ao número de atividades e tarefas a serem executadas no mesmo período de tempo, mudando as configurações nas relações de ensino, e conseqüente no trabalho docente acarretando o adoecimento. **Objetivos:** Avaliar a relação entre trabalho intensificado e TMC em docentes de uma universidade pública na Bahia. **Métodos:** Trata-se de estudo de corte transversal em uma amostra aleatória de docentes de uma universidade pública na Bahia. Utilizou-se questionário padronizado, autoaplicável, composto por nove blocos de questões. Foi estimada a prevalência de transtornos mentais comuns (TMC), mensurada pelo SRQ-20, e avaliada a sua associação com o trabalho intensificado docente. Para avaliar o trabalho intensificado foi utilizado a segundo dois fatores: Fator I- exigências, demandas e pressões e Fator II- Acúmulo de atividades. Empregou-se a análise de regressão logística, considerando-se nível de significância de 5%. **Resultados:** Dos 273 docentes entrevistados, encontrou-se prevalência global de TMC de 28%. A prevalência de TMC esteve associada ao fator 1 (exigências, demandas e pressões do trabalho docente), a não realização de atividades regulares de lazer, ter menos de 8 horas de sono e ter uma qualidade de vida ruim. **Conclusão:** Observou-se elevada prevalência de TMC entre docentes e associação dessa prevalência com características do trabalho intensificado descritas no fator 1, onde necessitam de medidas que possam melhorar as condições de saúde dos docentes.

**PALAVRAS- CHAVE:** transtornos mentais comuns; intensificação; docente.

## ABSTRACT

**Introduction:** The context of the transformations of the educational reforms, the demands are increasing, especially in relation to the number of activities and tasks to be carried out in the same period of time, changing the configurations in the teaching relationships, and consequent in the teaching work, causing the illness **Objective:** To assess the relationship between intensification of work and CMD in teachers from a public university in Bahia. **Methods:** This is a cross-sectional study using random samples of teachers from a public university in Bahia. It also used a patterned self-administered questionnaire composed by nine blocks. The prevalence of common mental disorders (CMD) was estimated, measured by SRQ-20 and its association with intensified teaching work was assessed. A factorial analysis was previously utilized to assess the intensification of work. It used logistic regression, considering the significance level at 5%. **Results:** CMD global prevalence was found in 28% out of the 273 interviewed teachers. The prevalence of CMD was associated to factor 1 (demands and pressures in teaching work), even when the teacher does not perform regular leisure activities, sleeps less than 8 hours and mentions having quality of life. **Conclusion:** high CMD prevalence was observed in teachers and, therefore, the association between the prevalence with characteristics from intensification of work in factor 1 needs to be studied and rethought.

**KEYWORDS:** common mental disorders; intensification; teacher.

## INTRODUÇÃO

A reestruturação do trabalho no ensino universitário articula-se às mudanças mais gerais ocorridas no mundo do trabalho, desde a década de 70, com desdobramentos cada vez mais complexos, que apontam para sua precarização e elevação das exigências pautadas na produtividade, na intensificação, na massificação e no elevado grau de excelência diante do trabalho (SILVA JUNIOR, 2009).

Desta forma, o trabalho intensificado docente apresenta-se pelo crescimento da produção sem alteração do efetivo, ou corte do efetivo e aumento na produção. Provocando gasto de energia físico, psíquico e mental do sujeito, diante das exigências, demandas (quantitativas e qualitativas) e pressões tanto dentro como fora da jornada de trabalho remunerada.



Alguns aspectos têm sido apontados como fatores associados à ampliação e a complexidade do exercício do trabalho docente, destacando-se as pressões voltadas à produção acadêmica que exigem versatilidade, o alongamento da jornada de trabalho, flexibilidade, polivalência e versatilidade que caracteriza o trabalho por mais tempo. Desta forma, o docente abarca um número grande de tarefas, com acúmulo de funções e tarefas, estas associadas ao uso das novas tecnologias, aumentam o ritmo e a extensão de trabalho resultando em intensificação do trabalho docente (MANCEBO, 2007; DAL ROSSO, 2008).

Assim, diminuiu-se o tempo do docente para efetuar, com mais tranquilidade o seu trabalho, atualizar-se profissionalmente e também para direcionar parcela do seu tempo para o lazer e convívio social (CARLOTTO; CÂMARA, 2007). Desta forma, o trabalho intenso experimentado pelos docentes pode influenciar no acometimento de doenças e agravos, principalmente, na ocorrência da morbidade psíquica com destaque para os Transtornos Mentais Comuns (TMC) (ARAÚJO; CARVALHO, 2009).

Os TMC caracterizam-se por sintomas como insônia, fadiga, irritabilidade, dificuldade de concentração e queixas somáticas relacionadas a ansiedade e depressão (GOLDBERG; HUXLEY, 1992; COSTA; LUDEMIR, 2005). Os sintomas dos TMC podem ser transitórios ou apresentar duração prolongada, resultando na qualidade das atividades desempenhadas, originando incapacidades funcionais, absenteísmo e prejuízo na qualidade de vida (FONSECA; GUIMARÃES; VASCONCELOS, 2008).

Os transtornos mentais e comportamentais se configuram como a terceira principal causa de afastamento do trabalho de acordo com os dados referente aos anos 2008 a 2011 (SILVA JÚNIOR; FISCHER, 2014). No Brasil, 4% dos 301.000 beneficiários afastados do trabalho foram decorrentes de TMC, de acordo com os dados do Instituto Nacional do Seguro Social no ano de 2010.

Estudos realizados com docentes (Educação infantil/fundamental I e II/ ensino médio) na cidade de Salvador- Ba apontou prevalência de TMC na rede particular de 23,6% no período 2002-2003 (FARIAS, 2004), enquanto nos docentes da rede municipal de ensino a prevalência foi de 29,6% entre 2006-2007 (CEBALLOS, 2009). Em Vitória da Conquista -Ba, estudo semelhante apontou prevalência de TMC na rede particular de ensino de 45,5% entre os docentes nos anos 2001-2002 (DELCOR et al., 2004) e na rede municipal foi de 55,4%, nos anos 2001- 2002 (REIS et al., 2005). No que diz respeito ao ensino superior foi possível constatar a prevalência de TMC variou

entre 17,9% a 18,7% entre os docentes universitários da Bahia (PARANHOS; ARAUJO, 2008; WERNICK, 2000).

Os transtornos mentais entre professores não estão exclusivamente ligados ao elevado volume de trabalho ou, a precariedade das condições existentes, mas também a diversidade e complexificação do trabalho, bem como a expectativa elevada referente a excelência (GLINA et al., 2001; DELCOR et al., 2004; GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2006).

Sendo assim, é válido apresentar dados que atestem tanto a condição de trabalho como a situação de saúde dos docentes, contribuindo para compreensão da relação de saúde e trabalho neste grupo ocupacional na tentativa de elaborar ações e medidas preventivas para minimizar o sofrimento decorrente das formas de organização do trabalho e, conseqüentemente, contribuindo para melhorar a qualidade de vida no trabalho. Diante desse contexto o objetivo do presente trabalho foi avaliar a relação entre trabalho intensificado e TMC em docentes de uma universidade pública na Bahia.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo de corte transversal em uma amostra aleatória de docentes de uma universidade pública da Bahia.

A população do estudo foram os professores de uma universidade pública na Bahia, independentemente do tipo de vínculo. Como critério de seleção, conduziu-se amostragem aleatória estratificada por departamentos e tipo de vínculo empregatício. Para definição do tamanho da amostra, foi considerado o total de 931 professores e a proporção esperada para TMC de 18%, desfecho de interesse do projeto- mãe (WERNICK, 2000; PARANHOS, 2002), adotando os seguintes parâmetros: nível de confiança de 80%, precisão de 3%, e o poder do estudo de 80%, calculou-se a amostra em 210 docentes. Acrescentou-se a este valor, 30% para neutralizar o efeito de possíveis perdas e recusas, obteve-se o n amostral final de 273 professores.

O instrumento de coleta de dados utilizado foi um questionário individual autoaplicável, contendo nove blocos de questões : Bloco I- Informações gerais sobre o trabalho, Bloco II- Condições do ambiente de trabalho, Bloco III- Características psicossociais do trabalho, Bloco IV- Satisfação no trabalho, Bloco V- Atividades domésticas e hábitos de vida, Bloco VI- Uso do tempo, Bloco VII- Aspectos relacionados à sua saúde, Bloco VIII- Vínculo com a carreira profissional e Bloco IX-

Identificação Geral. O instrumento de pesquisa incluiu questionários de pesquisa já validados no Brasil como o *Job Content Questionnaire* (JCQ) e *Self Reporting Questionnaire* (SRQ-20).

Para a coleta de dados do estudo, os entrevistadores (alunos de graduação, mestrado, bolsistas de iniciação científica e voluntários) foram treinados. O treinamento incluiu leitura do questionário, apresentação de cada instrumento por meio de um manual do entrevistador, além de abordagem quanto aos aspectos éticos adotados em pesquisa com seres humanos, seguindo a Resolução 466/12.

Os docentes foram selecionados por meio de uma amostra aleatória por departamento. Os entrevistadores contataram os docentes no seu local de trabalho, quando foram convidados a participar da pesquisa e assinar o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

Os dados foram digitados no programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) versão 17 para Windows, para validação do banco de dados, adotou-se como critério a dupla digitação referente a todos os questionários. Os erros identificados foram corrigidos pela identificação dos questionários e a partir da codificação dos mesmos visando à consistência do banco de dados.

Neste estudo, para a suspeição de Transtornos Mentais Comuns foi utilizado o instrumento SRQ-20, internacionalmente adotado e validado para a população brasileira (MARI; WILLIAMS, 1985). Os escores do SRQ-20 indicam nível de suspeição de Transtornos Mentais Comuns, numa escala de zero (nenhuma sintomatologia) a vinte (sintomatologia máxima). O ponto de corte adotado foi igual ou superior a sete questões positivas para as mulheres e cinco questões positivas para os homens (SANTOS et al., 2011). A distinção entre os pontos de corte se refere aos resultados de estudos anteriores, onde foi subestimado a frequência de TMC entre os homens, por não ter sido considerada a opção distinta entre os sexos.

Trabalho intensificado foi avaliado pelo modelo de análise fatorial, previamente, para obter os escores/fatores. Para a extração dos fatores empregou-se a análise de componentes principais utilizando a rotação Varimax, os valores das comunalidades precisavam estar acima de 0,25, o teste de Kaiser- Meyer- Olkin (KMO), considerou pontuações maiores que 0,70 e também foi realizado o teste de esfericidade de Bartlett. Para finalizar análise, verificou-se a consistência interna dos fatores extraídos pelo alfa de Cronbach. Onde foi possível, identificar dois fatores: I- Exigências, demandas e

pressões e o II- Acúmulo de atividade. Os fatores do trabalho intensificado foram dicotomizados, adotando a mediana como ponte de corte.

Para avaliar a associação entre trabalho intensificado e TMC foi realizada análise estatística bivariada, através do Chi-quadrado de Pearson ( $X^2$ ), adotando-se  $p$ -valor  $\leq 0,05$  para associação estatisticamente significativa. A medida de associação utilizada foi a razão de prevalência (RP), adotando o nível de significância de 5%. Em seguida, realizou-se análise estratificada para identificar possíveis modificadores de efeito e confundidores.

Em seguida, realizou-se análise de regressão logística. Para inclusão das variáveis na análise multivariada foi empregado o teste de razão de verossimilhança, adotando valor de  $p < 0,20$ ; depois foi realizado a análise de modificação de efeito, com introdução dos termos produtos, usando-se o teste de máxima verossimilhança para comparar o modelo completo. Para a análise de confundimento das variáveis (exceto aquelas confirmadas como modificadoras de efeito no modelo principal), comparou as medidas de associação e respectivos intervalos de confiança do modelo completo resultante da retirada de cada potencial confundidor para seleção do modelo.

Considerando que a prevalência de TMC na população investigada foi elevada, distanciando-se dos parâmetros estimados para OR (odds ratio), procedeu-se ao cálculo das estimativas de RP (razões de prevalência) e de seus respectivos intervalos de confiança de 95%, utilizando-se a regressão de Poisson Robusta.

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Feira de Santana, tendo sido aprovada nº 1.145.223 e CAAE: 4462311580000053.

## **RESULTADOS**

Dos 273 docentes estudados, 51,3% eram do sexo masculino, 73,4% possuíam idade maior que 39 anos, 54,9% eram da raça/cor negra, mais de 68,5% possuíam companheiro e mais de 72,5% possuíam renda  $\geq 10$  salários mínimos. Em relação às características ocupacionais, hábitos de vida e atividade doméstica, foram encontradas as seguintes proporções: vínculo efetivo de trabalho 91,9%, jornada de trabalho na universidade e em outra instituição 86,3%, qualidade de vida de forma satisfatória 95,6%, atividade física 69,6%, atividade de lazer 88,6%, tempo disponibilizado para refeição de até 1 hora 84,9 %, menos de 8 horas para dormir 84,4%, uso de algum tipo

de medicamento 55,9%, consumo de bebidas alcoólicas 54,6% e não fumantes 97,4% (TABELA 1).

**TABELA 1** – Características sociodemográficas, do trabalho e hábitos de vida dos docentes segundo os fatores do trabalho intensificado.

<b>Variável</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Sexo</b>		
Feminino	133	48,7
Masculino	140	51,3
<b>Faixa etária</b>		
≤ 39 anos	71	26,6
> 39 anos	196	73,4
<b>Situação conjugal</b>		
Com companheiro	187	68,5
Sem companheiro	86	31,5
<b>Renda</b>		
Até 10 salários	75	27,5
Mais de 10 salários	198	72,5
<b>Ter filhos</b>		
Sim	188	69,1
Não	84	30,9
<b>Cor da pele</b>		
Negra	150	54,9
Não negra	123	45,1
<b>Tipo de vínculo de trabalho</b>		
Substituto	22	8,1
Efetivo	251	91,9
<b>Local da jornada docente</b>		
Domiciliar e na Uefs	232	86,3
Exclusivo na Uefs	37	13,7
<b>Uso de bebida alcoólica</b>		
Sim	149	54,6
Não	124	45,4
<b>Fuma</b>		
Sim	07	2,6
Não	266	97,4
<b>Faz uso de medicação</b>		
Sim	152	55,9
Não	120	44,1
<b>Atividades de Lazer</b>		
Não	31	11,4
Sim	242	88,6
<b>Atividade Física</b>		
Não	82	30,4
Sim	188	69,6
<b>Qualidade de Vida</b>		
Ruim	12	4,4

Boa	259	95,6
Sobrecarga doméstica		
Alta	91	35,0
Baixa	169	65,0
Horas de sono		
Menos de 8 horas	227	84,4
8 horas ou mais	42	15,6
Tempo para o almoço		
Menos de 1 hora	231	84,9
Uma hora ou mais	41	15,1

A prevalência de transtornos mentais comuns neste estudo foi de 30%, sendo 32,9% entre os homens e 27,1% entre mulheres. Quando analisada a prevalência de TMC segundo as covariáveis, observou-se que: não realizar atividade de lazer (RP: 2,35; IC:1,66 - 3,35), dormir menos de 8 horas (RP: 2,31; IC:1,08- 4,96) e possuir qualidade de vida ruim (RP:3,34; IC 2,57- 3,34), se associaram positivamente aos TMC. A maior prevalência de TMC foi 92,6,% observada entre os docentes que afirmaram dormir menos de 8 horas por dia, quando comparada aqueles que declararam dormir mais de 8 horas ao dia (TABELA 2).

**TABELA 2** – Associação entre TMC e co-variáveis do estudo. Feira de Santana, Bahia, 2016.

Variáveis	Transtorno Mental Comum		RP	IC 95%
	N	%		
Sexo				
Feminino	36	43,9	0,82	0,57 – 1,19
Masculino	46	56,1	1,00	
Faixa etária				
≤ 39 anos	22	27,9	1,00	
> 39 anos	57	72,1	0,94	0,62 – 1,41
Situação conjugal				
Com companheiro	50	61,0	0,72	0,50 – 1,03
Sem companheiro	32	39,0	1,00	
Renda				
Até 10 salários	27	32,9	1,30	0,89 – 1,89
Mais de 10 salários	55	67,1	1,00	
Ter filhos				
Sim	55	67,1	0,91	0,62 – 1,33
Não	27	32,9	1,00	
Cor da pele				
Negra	44	53,7	0,95	0,66 – 1,36
Não negra	38	46,3	1,00	
Uso de bebida alcoólica				

Sim	47	57,3	1,12	0,77 – 1,61
Não	35	42,7	1,00	
Fuma				
Sim	04	4,9	1,95	0,99 – 3,80
Não	78	95,1	1,00	
Faz uso de medicação				
Sim	52	63,4	1,37	0,94 – 2,00
Não	30	36,6	1,00	
Atividade de Lazer				
Não	19	23,2	2,35	1,66 – 3,35
Sim	63	76,8	1,00	
Atividade Física				
Não	27	33,7	1,17	0,80 – 1,71
Sim	53	66,3	1,00	
Qualidade de Vida				
Ruim	11	13,4	3,34	2,57 – 3,34
Boa	71	86,6	1,00	
Sobrecarga doméstica				
Alta	25	32,9	0,91	0,61 – 1,36
Baixa	51	67,1	1,00	
Tipo de vínculo de trabalho				
Substituto	08	9,8	0,81	0,45 – 1,46
Efetivo	74	90,2	1,00	
Local da jornada docente				
Uefs e outro vinculo	69	85,2	0,92	0,55 – 1,52
Exclusivo na Uefs	12	14,8	1,00	
Horas de sono				
Menos de 8 horas	75	92,6	2,31	1,08 – 4,96
8 horas ou mais	06	7,4	1,00	
Tempo para o almoço				
Menos de 1 hora	72	87,8	1,28	0,72 – 2,26
1 ou mais	10	12,2	1,00	

Na análise entre TMC e o trabalho intensificado (fator I e fator II) observou-se associação positiva estatisticamente significativa com o fator I (RP;2,40; IC 1,59-3,62). Em relação ao trabalho intensificado (fator I), 70,7% dos docentes apresentaram TMC, enquanto que para o fator II a prevalência de TMC foi de 61,0% (TABELA 3).

**TABELA 3**– Associação entre trabalho intensificado e TMC. Entre docentes do ensino superior na Bahia, 2016.

Variáveis	Total		Transtorno Mental Comum		RP	IC
	N	%	n	%		
Fator I						
Sim	137	50,2	58	70,7	2,40	1,59 – 3,62
Não	136	49,8	24	29,3	1,00	

Fator II						
Sim	175	64,1	50	61,0	0,88	0,61 – 1,26
Não	98	35,9	32	39,0	1,00	

Na análise de regressão, a associação entre o fator I do trabalho intensificado e TMC apresentou a razão de prevalência de 3,45 (IC:1,99-6,00), ou seja, os docentes que sofreram com exigências, demandas e pressões tinham prevalência três vezes maior do que os docentes que não tinham tais demandas (TABELA 4), a níveis estatisticamente significante.

**TABELA 4** – Razão de prevalência e intervalo de Confiança obtidos mediante regressão logística para a associação entre fator I do trabalho intensificado e TMC. Entre docente do ensino superior na Bahia, 2016.

Modelos	Idade < 40 anos	Idade ≥ 40 anos
	RP (IC 95%)	RP (IC 95%)
Bruto	1,17 (0,58 – 2,36)	3,45 (1,99 – 6,00)
Ajustado	1,12 (0,56 – 2,23)	3,28 (1,94 – 5,56)

Ajustado para sexo, renda, lazer e qualidade de vida.

## DISCUSSÃO

A partir dos dados apresentados acima, pode observar que a prevalência de transtorno mental comum do estudo foi elevada quando comparada aos estudos com os professores da Universidade Federal da Bahia (18,7%) em 2000, com a Universidade Estadual de Feira de Santana (19,3%), em 2001 e com uma universidade particular de Minas Gerais (19,5%) (WERNICK, 2000; PARANHOS, 2002; MASCARENHAS, 2010, FERREIRA et al., 2015).

Contudo, mostrou-se baixa em relação a outros estudos envolvendo modalidades docentes distintas (professores da rede municipal de ensino fundamental): na região nordeste de Belo Horizonte apontou prevalência de TMC de 50,3% (GASPARINI, BARRETO E ASSUNÇÃO, 2006), enquanto, nos docentes do ensino infantil e municipal da rede pública municipal e de escolas particulares em Vitória da Conquista-Bahia, a prevalência foi de 44% (PORTO et al., 2006).

A prevalência de TMC esteve associada ao fator I, exigências, demandas e pressões do trabalho docente, evidenciando prevalência maior entre os docentes que declararam não participar de atividades regulares de lazer e qualidade de vida ruim. Este dado mostrou que o indicador possui uma grande influência no comportamento do



docente, pois diante da dinâmica do seu trabalho e das transformações das atividades acadêmicas a jornada segue uma lógica intensiva com parâmetro voltado para produção em um curto intervalo de tempo, reduzindo o tempo para atividades de lazer (MANCEBO, 2007).

Questões à respeito do lazer, referem-se a determinada atividade que não possui caráter obrigatório, sem imposições, sendo compreendido como tempo livre que deve ser desfrutado de forma prazerosa, propiciando satisfação e melhor qualidade de vida (CAMPOS, et al., 2004).

Desse modo, a preocupação com a redução da carga horaria de trabalho docente, reflete no aumento do tempo livre, onde os mesmos pudessem desfrutar de atividade prazerosas capazes melhorar as relações sociais e a vida cotidiana como ir ao cinema, assistir filmes, ir ao teatro, praticar atividades físicas com objetivo de melhorar não somente a qualidade de vida, bem como, o bem-estar (CAMPOS, et al., 2004).

Passou-se então a fazer parte do cotidiano do trabalho docente, a inserção de novas exigências profissionais, aumento nas responsabilidades e quantitativo crescente de volume de atividades passou a prevalecer no cotidiano laboral destes trabalhadores, a incorporação de novas exigências profissionais, com crescente volume de atividades a serem desempenhadas, tornando o docente um produtor contínuo, seguindo os pressupostos empresariais, provocando sobrecargas físicas e mentais (OLIVEIRA, 2004; ARAÚJO et al., 2005; LOPES, 2006; ASSUNÇÃO e OLIVEIRA, 2009).

Os avanços tecnológicos também, tem grande influência neste setor, pois acaba por contribuir para que o trabalho adentre os muros do lazer (tempo livre). O exemplo mais claro a respeito desta lógica pode ser visualizado pelos computadores portáteis, celulares que são de fácil acesso aos docentes que tornam-se sempre acessíveis no tempo fora do trabalho tendo que responder a todo instante os e-mails e mensagens. Onde o profissional pode adentrar em sua casa, mas o seu trabalho continua (CARLOTTO; CÂMARA, 2007).

Nesse sentido, o excesso de atividades laborais e a negligência do lazer devido a produtividade prejudica a qualidade de vida. Em quantidades satisfatórias, tanto o trabalho quanto a diversão proporcionam um funcionamento psíquico saudável (PIE et al., 2012).

Maior prevalência de TMC foi observada entre os docentes que declararam disponibilizar menos de oito horas para o sono. Estes achados podem ser explicados como consequências das demandas e pressões vividas pelo professor perante o seu

trabalho, sendo a intensificação e a sobrecarga, fatores que levam o docente a reduzir cada vez mais sua hora de descanso em prol do trabalho que, por sua vez, gera a necessidade de trabalhar além da sua carga horária formal. Desse modo, acumula-se a realização das atividades, dentro e fora do ambiente de trabalho, sob condições físicas e psicológicas desgastantes que acabam por desencadear problemas de saúde e afastamento ocupacional destes profissionais, em diversos casos, por transtornos mentais (GASPARINI et al., 2005; CRUZ et al., 2010; LEMOS, 2011).

A qualidade de vida ruim referida pelos docentes, consiste em fator desencadeador para o TMC. Onde pode-se salientar que o professor assume um papel cada vez mais solicitado a atender exigências referente a concentração por períodos longos de tempo, possuindo tempo insuficiente para a realização das tarefas e estudo, com ritmo acelerado do trabalho, se submetendo a posições inadequada para o corpo, principalmente cabeça e pescoço, além das dificuldades encontradas diante do trabalho disciplinar em sala de aula e falta de local (ARAÚJO; CARVALHO, 2009; DELCOR et al., 2004; FARIAS, 2004; SOUZA, 2008).

Nesse sentido, devido a sua exposição aos ambientes conflituosos e de elevada exigência laboral, os docentes podem apresentar alterações em sua saúde. Estudo realizado para determinar a prevalência de transtornos mentais comuns e analisar sua associação a condições de vida e inserção na estrutura ocupacional, destacou o sofrimento mental dos docentes como fator preocupante diante da exigência de trabalho (LUDEMIR; MELO, 2002).

A prevalência de TMC entre os docentes com exigências, demandas e pressões foi de 70,9%, resultado superior aos encontrado em alguns estudos: como no estudo transversal realizado em professores de Vitória da Conquista – BA que foi de 55,9%, (REIS et al., 2005); e no estudo realizado sobre a associação entre aspectos psicossociais do trabalho e prevalência de distúrbios psíquicos em professores da educação infantil e do ensino fundamental, onde apresentou prevalência de 44% (PORTO et al., 2006), no qual foi evidenciado que a ocorrência de TMC estava associada com a alta exigência no trabalho.

Diante do exposto, vale salientar a importância em tratar da saúde do docente universitário, principalmente no seu ambiente de trabalho, principalmente quando relacionado a exposição que refere-se a um fenômeno subjetivo de difícil mensuração.

Quanto às limitações deste trabalho, cabe considerar aquelas pertinentes aos estudos de corte transversal. Este desenho epidemiológico examina a relação exposição-

desfecho em uma dada população ou amostra, em um momento único, fornecendo um retrato de como as variáveis estão relacionadas naquele momento do tempo, o que impossibilita o estabelecimento antecedência temporal entre os eventos e apenas aponta a associação entre as variáveis analisadas. Outro limite se refere ao indicador trabalho intensificado, onde foi utilizada a análise fatorial para obter a extração dos fatores e realizar associação com TMC, onde se trata de uma dimensão pouco estudada, mas com satisfatório embasamento teórico. É importante ressaltar que o fator 2 denominado pelo pesquisador como acúmulo de atividades não atingiu relevância estatística, entende-se que as preposições que compõem este fator não são suficientes para explica-los, além disso, o fator 2 está diretamente relacionado ao fator 1 sendo de suma importância para os estudos de ordem qualitativa.

Dificuldades também foram encontradas durante a busca de estudos que envolvessem os transtornos mentais comuns em docentes universitários. A maioria dos estudos nesta temática envolve docentes de outras modalidades de ensino ( educação infantil e ensino fundamental), o que limitou a comparação dos achados aqui encontrados com os de outras pesquisas, além do conteúdo sobre trabalho intensificado que possui poucos estudos na área da docência.

## **CONCLUSÃO**

Apesar do construto trabalho intensificado se configurar como um indicador, sua associação com TMC, apresentou dados pouco explorado, mas de grande importância. Mesmo se tratando de um instrumento de suspeição de transtornos mentais comuns, as prevalências encontradas foram significativas para a situação de saúde da população docente estudada, onde as exigências, demandas e pressões possuem uma relação direta com o sofrimento psíquico. Embora o fator II, não tenha apresentado significância estatística, assume-se a limitação em relação ao quantitativo de variáveis na composição, assim como, a relação entre as questões escolhidas demonstraram baixa carga fatorial para composição do indicador II.

Onde deve-se promover ações voltadas a prevenção e promoção de saúde para minimizar os fatores associados ao sofrimento psíquico. As instituições de ensino superior trabalham tanto com pesquisas e acabam por negligenciar os próprios docentes enquanto objeto de estudo. Sendo assim, é importante oportunizar debates, discussões e pesquisas a respeito da saúde docente com objetivo de melhorar a qualidade de vida e os riscos de adoecimento físico e psíquico desta categoria.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, T.M. et al. Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino de Salvador-Bahia, Salvador: **Sindicato dos Professores do Estado da Bahia**, 1998.
- ARAÚJO, T. M. et al. Prevalência de transtornos mentais comuns em mulheres e sua relação com as características sociodemográficas e o trabalho doméstico. **Revista Brasileira Saúde Materno Infantil**. Recife, v. 5, n. 3, p. 337-348, jul/set, 2005.
- ARAÚJO, T.M.; CARVALHO, F.M. Condições de trabalho docente e saúde na Bahia: estudos epidemiológicos. **Educação e Sociedade**, v. 30, n. 107, p. 427-449, 2009.
- ASSUNÇÃO, A. A.; OLIVEIRA, D. A. Intensificação do trabalho e saúde dos professores. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 30, n. 107, p. 349-372, 2009.
- BOSI, A. P. A precarização do trabalho docente nas instituições de ensino superior do Brasil nesses últimos 25 anos. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 101, p. 1503-1523, 2007.
- BORSOI, I.C.F. Acidente de trabalho, morte e fatalismo. **Psicologia & Sociedade**; Ceará. v.17, n1, jan./abr. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v17n1/a04v17n1.pdf> > acesso em 24 mai. 2016.
- CARLOTTO, M. S.; CÂMARA, S. G. Preditores da Síndrome de Burnout em professores. **Psicol. Esc. Educ.** [online], v.11, n.1, p.101-110, 2007. Disponível em: <<http://pepsic.bvs-si.org.br/scielo.php?script=>> acesso: 05 jan 2015.>
- CEBALLOS, A.G.C. **Apoio social e fatores associados à disfonia em professores**. Tese (Doutorado) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, 2009.
- COSTA, A. G.; LUDERMIR, A. B. Transtornos mentais comuns e apoio social: estudo em comunidade rural da Zona da Mata de Pernambuco, Brasil. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 73-79, 2005.
- CRUZ, R. M. et al. Saúde docente, condições e carga de trabalho. **Revista Electrónica de Investigación y Docencia (REID)**, n. 4, p. 147-160, 2010.
- DAL ROSSO, S. **Mais Trabalho!** A intensificação do labor na sociedade contemporânea. São Paulo: Boitempo, 2008.
- DAVEZIES, P. Intensification. Danger: le travail rétréci. **Santé & Travail**, Paris, v. 57, p. 30-33, 2007, n. 101, p. 1503-1523, 2007.
- DELCOR, N.S. et al. Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 187-196, 2004.

- FARIAS, T. F. **Voz do professor: relação saúde e trabalho** 2004. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Medicina, Universidade Federal da Bahia, 2004.
- FERREIRA, R. C. et al. Transtorno mental e estresse no trabalho entre professores universitários da área da saúde. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 13, supl. 1, p. 135-155, 2015.
- GASPARINI, S. M. et al. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Rev. Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p.189-199, 2005.
- GASPARINI, S. M. BARRETO, S. M.; ASSUNÇÃO, A. Á. Prevalência de transtornos mentais comuns em professores da rede municipal de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 22, n. 12, p. 2679-2691, 2006.
- GLINA, D.M.R.; ROCHA, L.E.; BATISTA, M. L.; MENDONÇA, M.G.V. Saúde mental e trabalho: uma reflexão sobre o nexos com o trabalho e o diagnóstico, com base na prática. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 17: 607-616, maio-junho 2001
- GOLDBERG, D.; HUXLEY, P. Common mental disorders: a bio-social model. London: **Tavistock Publications**; New York: Routledge, 1992.
- LEMOS, D. Teaching jobs in federal universities: tensions and contradictions. **Caderno CRH**, v. 24, número especial, p. 105-120, 2011.
- LUDERMIR AB, MELO DA FILHO. Condições de vida e estrutura ocupacional associadas a transtornos mentais comuns. **Rev Saúde Pública**. 2002; 36(2):213-21.
- MANCEBO, D. Trabalho Docente: Subjetividade, Sobre-implicação e Prazer. **Rev. Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 20, n.1, p. 74- 80, 2007.
- MASCARENHAS, M.S.. **Transtornos mentais comuns entre docentes do departamento de saúde da Universidade Estadual de Feira de Santana**. Trabalho de conclusão de curso (Monografia) - Universidade Estadual de Feira de Santana, 2010.
- MARI, J.J.; WILLIAMS, P. A comparison of the validity of two psychiatric screening questionnaires (GHQ-12 and SRQ-20) in Brazil, using Relative Operating Characteristic (ROC) analysis. **Psychological Medicine**, Cambridge, v. 15, p. 651-659, 1985.
- PARANHOS, I. S. **Interface entre trabalho docente e saúde dos professores da Universidade Estadual de Feira de Santana, 2001**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2002.
- PARANHOS, I. S.; ARAÚJO, T.M. Interação entre trabalho e professor de saúde em uma instituição de ensino superior. In: OLIVEIRA, DA (Ed.). **Políticas educativas e**

**trabalho docente na América Latina.** Lima: Universidade de Ciências e Humanidades, p. 151-182, 2008.

PIE, A.C.S. Nível de atividade física e transtornos mentais comuns entre trabalhadores de uma instituição de ensino superior da Bahia. **Arquivo de Ciências do Esporte** – v.1 n. p.46-53, 2012.

PORTO, A.L.; CARVALHO, F.M.; OLIVEIRA, N.F. et al. Associação entre distúrbios psíquicos e aspectos psicossociais do trabalho de professores. **Revista Saúde Pública**, v.40, n.5, p.818-26, 2006.

REIS, E. J. F. B. et al. Trabalho e distúrbios psíquicos em professores da rede municipal de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 5, p. 1480-1490, 2005.

SANTOS, K.O.B. **Estresse ocupacional e saúde mental:** desempenho de instrumentos de avaliação em populações de trabalhadores na Bahia, Brasil. Dissertação (Mestrado) - Mestrado em Saúde Coletiva, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2006.

SANTOS, K. O. B. et al. Avaliação de um instrumento de mensuração de morbidade psíquica: estudo de validação do Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20). **Revista Baiana Saúde Pública**, Salvador, v 34, n.3, p. 544-560, 2011.

SGUISSARDI, V; SILVA JÚNIOR, J. R.. **Trabalho intensificado nas federais: pós-graduação e produtividade acadêmica.** São Paulo: Xamã Editora, 2009.

SILVANY-NETO, A.M. et al. Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino de Salvador. **Revista Baiana de Saúde Pública**, Salvador, v. 24, n. 1/2, p. 42-56, 2000

SILVA JUNIOR, J. R.;SGUISSARDI, V. **Novas faces da educação superior no Brasil.** São Paulo, Ed. Cortez Bragança Paulista, USF-IFAN, 2009.

SILVA JUNIOR, J. R., SGUISSARD, V., SILVA, E. P. Trabalho intensificado na universidade pública brasileira. **Universidade e Sociedade**, Vol. 19, p. 9-25. 2010.

SILVANY-NETO, A.M. et al. Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino de Salvador. **Revista Baiana de Saúde Pública**, Salvador, v. 24, n. 1/2, p. 42-56, 2000.

SOUZA, C. L. **Distúrbio vocal em professores da educação básica da cidade do Salvador-BA.** Dissertação (Mestrado) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, 2008.

WERNICK, R. **Condições de saúde e trabalho dos docentes da Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA.** Dissertação (Mestrado) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, 2000.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os resultados apresentados neste estudo pode-se concluir que o construto “trabalho intensificado docente” aos poucos foi ganhando espaço e arcabouço teórico consistente no desenvolver da dissertação. Desse modo, é válido salientar que as questões referentes as reflexões sobre a mercantilização do trabalho universitário fomentaram a nova configuração do trabalho docente numa lógica pautada nos pressupostos capitalistas.

Na busca pelo entendimento do labor do professor do ensino superior diante da precarização do seu trabalho, pensou-se em estratégias para quantificar e avaliar a intensificação. Entretanto, os instrumentos encontrados se baseavam no dispêndio de energia (físico, psíquico e emocional) em determinado intervalo de tempo, não podendo ser aplicado a realidade do docente, pois o professor não produz um mesmo produto em um tempo determinado. A produção do seu trabalho ocorre de forma objetiva e material, bem como imaterial.

Assim, buscou-se identificar possíveis indicadores que pudessem contemplar a intensificação do trabalho docente por meio da análise fatorial, onde foram encontrados dois fatores que responderam de forma significativa e aceitável ao construto. Fator I- Exigências, demandas e pressões e Fator II- Acúmulo de atividades.

Ao selecionar os indicadores, foi possível associa-los as condições socioeconômica e aos hábitos de vida permitido evidenciar que ser do sexo feminino, não praticar atividade física, não ter lazer e destinar menos de oito horas para descanso são fatores que contribuem para intensificação do trabalho docente e possui impacto direto com as condições de saúde.

A partir dos indicadores verificou-se, a associação com os Transtornos Mentais Comuns e o Fator I (exigências, demandas e pressões) foi o que apresentou significância estatística.

Diante dos conteúdos apresentados, é importante salientar as limitações quanto ao instrumento utilizado que não foi específico para o trabalho intensificado docente, e por não contemplar questões referentes a parte qualitativa. Entretanto, todas as análises e resultados encontrados corroboram com a literatura e são apresentados de forma clara e coerente.

Assim, este estudo deve ser melhor explorado, pois apresenta uma relevância social, principalmente por ter um impacto na saúde dos docentes onde deve-se

promover ações voltadas para prevenção e promoção de saúde para minimizar os riscos perante o sofrimento psíquico.

Este estudo esteve sujeito a vários vieses. Mas, para minimizar possíveis problemas nos resultados foram selecionados os participantes de forma aleatória, treinados os entrevistadores e feita supervisão dos dados coletados. Mesmo assim, por se tratar de um estudo do tipo transversal podem ter ocorrido alguns vieses descritos abaixo:

O viés de seleção pode ter ocorrido pelas recusas dos participantes, sendo que o grupo que recusou pode ter características diferentes do grupo que aceitou participar. Mesmo ao considerar aceitáveis 10% de perdas foram realizadas três ou mais tentativas de entrevistas com os docentes.

O viés do trabalhador saudável também pode ter ocorrido pelos docentes afastados, de licença e aposentados não terem sido incluídos no estudo, já que apenas os docentes que estavam no campo de trabalho participaram do estudo.

Outra limitação deste estudo se refere a exposição “trabalho intensificado”, o qual não foi validado e por não possuir um instrumento específico. Assim, este produto final representou uma tarefa complexa propor um indicador para tratar da intensificação do trabalho docente.



## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, N.; CIRYNO, R. A articulação entre trabalho doméstico e assalariado: o caso das mulheres executivas. In: Fazendo gênero, diásporas, diversidades, deslocamentos, nº 9, 2010, Florianópolis. **Anais**. Florianópolis, UFSC, 2010.
- AQUINO, E. M. L.; MENEZES, G. M. S.; MARINHO, L. F. B. Mulher, Saúde e Trabalho no Brasil: Desafios para um Novo Agir. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, RJ, v. 11, n. 2, p. 281-290, 1995.
- ANTUNES, C. **Novas maneiras de ensinar. Novas maneiras de aprender**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.
- APPLE, M.W. "Relações de classe e de gênero e modificações no processo de trabalho docente." **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 60, p. 3-14, 1987.
- ARAÚJO, T.M.; CARVALHO, F.M. Condições de trabalho docente e saúde na Bahia: estudos epidemiológicos. **Educação e Sociedade**, v. 30, n. 107, p. 427-449, 2009.
- ARAÚJO, T.M. et al. Trabalho docente e sofrimento psíquico: um estudo entre professores de escolas particulares de Salvador, Bahia. **Revista da FAEEBA**, Salvador, v. 12, n. 20, p. 485-495, 2003.
- ARAÚJO, C.; SCALON, C. Gênero e a distância entre a intenção e o gesto. **Revista brasileira Ciências Sociais**, São Paulo, SP, v. 21, n. 62, 2006.
- ASSUNÇÃO, A. A.; OLIVEIRA, D. A. Intensificação do trabalho e saúde dos Professores. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 30, n. 107, p. 349-372, 2009.
- ASKENAZY, P., "Sur les sources de l'intensification". **Revue Économique**, Paris, v. 56, n. 2, p. 217-236, 2005.
- ASKENASY, P. et al. **Organisation et intensité du travail**. Paris: Octarès, 2006.
- ÁVILA, S.F.O. As transformações do trabalho docente através da produção escrita da ANPED (1996-2009). In: **Reunião anual da ANPED**, nº34., 2011. Disponível em: <<http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT09/GT09-424%20int.pdf>>. Acesso em: 13 de dezembro de 2015.
- BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. Reféns da produtividade: sobre produção de conhecimento, saúde dos pesquisadores e intensificação do trabalho na pós-graduação. In: **REUNIÃO ANUAL DA ANPED**, 30., Caxambu (MG), 2007. Trabalhos – GT09 - Trabalho e Educação. Caxambu (MG): ANPED, 2007. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT09-3503--Int.pdf>>. Acessado em: 20 de fevereiro 2016.

BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. "Reféns da produtividade": sobre produção de conhecimento, saúde dos pesquisadores e intensificação do trabalho na pós-graduação. **GT: Trabalho e Educação**, v. 9. Anped.2008.

BOISARD et al. Time and work: work intensity (report). Luxembourg: **Office for Official Publications of the European Communities**, 2003.

BORSOI, I. C. F. **O modo de vida dos novos operários: Quando purgatório se torna paraíso**. Fortaleza, CE: Editora da Universidade Federal do Ceará.2005.

BOSI, A. P. A precarização do trabalho docente nas instituições de ensino superior do Brasil nesses últimos 25 anos. **Educação Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 101, p. 1503-1523, 2007.

BOURDIEU, P. A escola conservadora: As desigualdades frente à escola e à cultura (Gouveia, A. J., Trad.). In NOGUEIRA, M. A. & CATANI, A. (Orgs.). **Escritos e Educação** (pp. 39-64). Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BORSOI, I. C. F., PEREIRA, F. S. Mulheres e homens em jornadas sem limites: docência, gênero e sofrimento. **Temporalis**, v. 21, p. 119-145, 2011.

BURKE, R.; FISKENBAUN, L. Work Hours, Work Intensity, and work addition: Risks and Rewards. In: CARTWRIGHT, S., COOPER, C. (Org.). **The Oxford Handbook of Organizational Well-Being**. Oxford University Press, p. 267-299. 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. **Resolução nº 466** de 12 de dezembro de 2012.

BRUSCHINI, C. Gênero e trabalho no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação? (Brasil,1985-1995). In: ROCHA, M. I. B. da (org.) **Trabalho e gênero: mudanças, permanências e desafios**. São Paulo: Editora 34, p. 13-58, 2000.

CEBALLOS, A.G.C. **Apoio social e fatores associados à disfonia em professores**. Tese (Doutorado) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, 2009.

CAMPOS, M. B. L.; LOPES, R. H. B.; FREITAS, C. M. S. O professor universitário: um estudo sobre atividade acadêmica e tempo livre. **Revista Universidade e Sociedade**, out. v. 14, n. 34, p. 67–74. 2004

CARDOSO, A. C. M. Organização e intensificação do tempo de trabalho. **Sociedade e Estado**, v. 28, n. 2, Maio-Ago 2013

CARDOSO, A. C. M. et al., "Tempo de trabalho no Brasil: o negociado e o não negociado". João Pessoa In: **ENCONTRO NACIONAL DA ABET**, 12. João Pessoa. Anais, ABET, 2011.

\_\_\_\_\_. **Tempos de trabalho, tempos de não trabalho: disputas em torno da jornada do trabalhador**. São Paulo: Annablume, 2009.

\_\_\_\_\_. **Tempos de trabalho, tempos de não trabalho: vivências cotidianas de trabalhadores.** Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, 2007.

CARLOTTO, M. S.; CÂMARA, S. G. Propriedades psicométricas do Maslach Burnout Inventory em uma amostra multifuncional. **Estudos de Psicologia.** Campinas, 2007.

CARLOTTO, M. S., & CÂMARA, S. G. Análise da produção científica sobre a Síndrome de Burnout no Brasil. **Psico-PUCRS**, 39, 2, 152-158. 2008.

CATTANI, A. D.; HOLZMANN, Lorena. **Dicionário de Trabalho e Tecnologia.** Porto Alegre: UFRGS, 2006.

CHAMON, M.. **Trajetória de feminização do Magistério: ambigüidade e conflitos.** Belo Horizonte, Autêntica. 2005.

CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica. **Cadernos Pagu** (4): p. 37-47. 1995.

CODO, W. (coord) **Educação: carinho e trabalho.** Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

COSTA, A. G.; LUDERMIR, A. B. Transtornos mentais comuns e apoio social: estudo em comunidade rural da Zona da Mata de Pernambuco, Brasil. **Caderno Saúde Pública,** Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 73-79, 2005.

CUNHA, L. A. **Ensino Superior e Universidade no Brasil. In: Lopes, E.M.T. et al. 500 anos de educação no Brasil.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

DAL ROSSO, S; CARDOSO, A. C. M. Intensidade do trabalho: questões conceituais e metodológicas. **Sociedade Estado,** Brasília , v. 30, n. 3, p. 631-650, dez. 2015.

DAL ROSSO, S. **Mais Trabalho!** A intensificação do labor na sociedade contemporânea. São Paulo: Boitempo, 2008.

DAL ROSSO, S. Jornada de trabalho: duração e intensidade. **Ciência e Cultura.** São Paulo, ano 58, n. 4, p. 31-33, 2009.

DAVEZIES, P. Intensification. Danger: le travail rétréci. **Santé & Travail,** Paris, v. 57, p. 30-33, 2007, n. 101, p. 1503-1523, 2007.

DEDECCA. C. S. **Tempo, trabalho e gênero.** São Paulo.2004.

DELCOR, N.S. et al. Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública,** Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 187-196, 2004.

DEMARTINI, Z. de B. F.; ANTUNES, F. F.. Magistério primário: profissão feminina, carreira masculina. In: CAMPOS, M. C. S. de S.; SILVA, V. L. G. **da. Feminização do magistério: vestígios do passado que marcam o presente.** Bragança Paulista: EDUSF, p. 69-93. 2006.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho**. 5ª ed. ampliada. São Paulo: Editora Cortez Oboré, 1992.

DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e ação. **Revista Produção**, São Paulo, v. 14, n.3, p. 27-34, 2004.

ELIAS, N. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

ESTEVE, J. M. **Mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. São Paulo: Edusc, 1999.

EUROPEAN FOUNDATION FOR THE IMPROVEMENT OF LIVING AND WORKING CONDITIONS . 5th European Survey on Working Conditions (2010). Questionnaire., Luxembourg: **Office for Official Publications of the European Communities** 2012.

EUROFOUND. **Working conditions in the European Union: working time and work intensity**. Dublin, Ireland: EUROFOUND, 2006, 2009.

EUROFOUND - Fundação Europeia para a Melhoria das Condições de Vida e de Trabalho. **Evolução ao longo do tempo: primeiras conclusões do quinto Inquérito Europeu sobre as Condições de Trabalho**. Luxembourg. Eurofound, 2011.

FAGNANI, J.; LETABLIER, M.-T. La Politique familiale française. In: MARUANI, M. (dir.) **Femmes, genre et sociétés: l'état des savoirs**. Paris: La Découverte, p.167-175, 2005.

FARIAS, T. F. **Voz do professor: relação saúde e trabalho 2004**. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Medicina, Universidade Federal da Bahia, 2004.

FARIAS, M. D.; ARAÚJO, T. M. Transtornos mentais comuns entre trabalhadores da zona urbana de Feira de Santana-BA. **Revista Brasileira Saúde Ocupacional**. São Paulo, v. 36, n.123, p. 25-39. 2011.

FERNEX A. Intensité du travail, définition, mesure, évolutions. **éminaires sur l'intensification du travail. Centre d'études de l'emploi**. Paris, 2000.

FONSECA, I. S. S.; ARAÚJO, T. M. Prevalência de transtornos mentais comuns em industriários da Bahia. **Revista brasileira Saúde Ocupacional**, Ed. 39, p. 35-49, 2014.

FRANCO, T.; DRUCK, G.; SELIGMANN-SILVA, E. As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 35, n. 122, p. 229-248, 2010.

FREITAS, C. R.; CRUZ, R. M. Saúde e trabalho docente. A integração de cadeias produtivas com a abordagem da manufatura sustentável. In: **ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO**, Rio de Janeiro: ENEGEP, 2008.

GASPARINI, S.M.; BARRETO, S.M.; ASSUNÇÃO, A.A. Prevalência de transtornos mentais comuns em professores da rede municipal de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 12, p. 2679-91, 2006.

GLINA, D.M.R.; ROCHA, L.E.; BATISTA, M. L.; MENDONÇA, M.G.V. Saúde mental e trabalho: uma reflexão sobre o nexos com o trabalho e o diagnóstico, com base na prática. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 17: 607-616, maio-junho 2001

GOLDBERG, D.; HUXLEY, P. Common mental disorders: a bio-social model. London: **Tavistock Publications**; New York: Routledge, 1992.

GOUNET, T. **Fordismo e toyotismo na civilização do automóvel**. São Paulo: Boitempo, 1999.

GORZ, A. **O imaterial: conhecimento, valor e capital**. São Paulo: Annablume, 2005.

GREEN, F. **Why has work effort become more intense? Conjectures and evidence about effort-biased technical change and other stories.**, Kent (UK): Department of Economics, University of Kent at Canterbury 2000.

GREEN, F. It's Been a Hard Days's Night: The Concentration and Intensification of Work in Late Twentieth-Century Britain. **British Journal of Industrial Relations**, v. 39, n. 1, p. 53-80, 2001.

KARASEK, RA. Job Demand, job decision latitude, and mental strain: implications for job redesign. **AdmSci Q**;24: p. 285-308, 1979.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v.37, n.132, p. 595-609, 2007.

HIRATA, H. Reorganização da Produção e transformações do trabalho: uma nova divisão sexual? In BRUSCHINI, Cristina e UNDEHAUM, Sandra G. (orgs.) **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo; Editora FCC, v.34, p 339-355, 2002.

HIRATA, H. Reestruturação produtiva, trabalho e relações de gênero. In **Revista Latino americana de Estudos do trabalho: Gênero, Tecnologia e Trabalho**. São Paulo; Rio de Janeiro: ALAST, ano 4, n. 7, p. 5-27, 1998.

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA - INEP. Censo da Educação Superior 2013: **Censo Superior**. Brasília: 2014b. Disponível em: Acesso em: 27 março. 2016.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo da educação básica: 2012 – **resumo técnico**. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2013.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo da educação superior: 2010 – **resumo técnico**. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2012.

- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Perfil das mulheres responsáveis pelos domicílios no Brasil. **Série Estudos e Pesquisas, Informação Demográfica e Socioeconômica**. Rio de Janeiro, 2012
- JACKSON FILHO, J. M.; BARREIRA, T. H. C. **Ação pública no campo da saúde do trabalhador: o caso do Centro de Referência em Saúde do Trabalhador de Piracicaba**. (Relatório de pesquisa). São Paulo: Fundacentro, 2010.
- JEGOUREL, M. L'intensité du travail: **enquêtes dans les industries chimique sur les tensions entre concept et activité**. Tese de doutorado, Universidade de Provence, 2010.
- LACAZ, F. A. C. Capitalismo organizacional e trabalho: a saúde do docente. **Universidade e Sociedade**. n.45, p. 51-59, 2010.
- LACAZ, F.A C. **Saúde no Trabalho**. Dissertação de mestrado. Departamento de Medicina Preventiva. Faculdade de Medicina/USP/SP. 1983.
- LAUFER, J. Conciliation vie familiale/vie professionnelle. In: INSTITUT NATIONAL DE LA STATISTIQUE ET DES ÉTUDES ÉCONOMIQUES. **Les femmes**. Paris: Service des Droits des Femmes/Isee, p.163-165, 1995.
- LAURELL, A. C.; BREILH J. A saúde-doença como processo social. In ED Nunes (org.). **Medicina social: aspectos históricos e teóricos**. Ed. Global, São Paulo. 1983.
- LAURELL, A. C.; NORIEGA, M. **Processo de Produção e Saúde: Trabalho e desgaste operário**. São Paulo: Editora Hucitec, 1989.
- LAZZARATO, M; NEGRI, A. **Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade**. Tradução de Monica de Jesus Cesar. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2013
- LAZARRATO, M. O ciclo da produção imaterial. In: **Trabalho Imaterial: formas de vida e produção da subjetividade**. Rio de Janeiro; Lamparina, 2013.
- LAZZARATO, M.; NEGRI, A. **Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade**. Rio de Janeiro: DPEA, 2001.
- LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F. de; TOSCHI, M. S. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. São Paulo: Atlas, 2003.
- LOPES, M. C. R. "Universidade produtiva" e trabalho docente flexibilizado. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**.v. 1 1,p.35-48, 2006.
- LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

- LOPES, José Carlos Cacau. **A voz do dono e o dono da voz: trabalho, saúde e cidadania no cotidiano**. São Paulo; Hucitec, 2001.
- LUDEMIR, A.B.; MELO FILHO, D.A. Condições de vida e estrutura ocupacional associadas a transtornos mentais comuns. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 213-221, 2002.
- LUDERMIR, A. B. Inserção produtiva, gênero e saúde mental. In: **Cadernos de Saúde Pública**. 16 (3): 647-659, jul/set.2000.
- MANCEBO, Deise. Trabalho docente: subjetividade e sobreimplicação. **Reflexão & Crítica**, v.20, n.1, 2007.
- MARI, J.J.; WILLIAMS, P. A comparison of the validity of two psychiatric screening questionnaires (GHQ-12 and SRQ-20) in Brazil, using Relative Operating Characteristic (ROC) analysis. **Psychological Medicine**, Cambridge, v. 15, p. 651-659, 1985.
- MARX, K. A lei geral da acumulação capitalista. In: MARX, K. **O Capital**: livro 1. São Paulo: Nova Cultural, v. 2, p. 12.1986.
- MARX K. Capítulo VI Inédito de **O Capital**: resultados do processo de produção imediata. Editora Moraes; p. 187-259, 1985.
- MATHIEU, N.-C. L'Anatomie politique: catégorisations et idéologiesdusexe. Paris: **Côté- femmes "Recherches"**, 1991.
- MEDRONHO, R.A. et al. **Epidemiologia**. 2 ed. São Paulo: Atheneu, 2009.
- MENDES, L.; CHAVES, C.J.A.; SANTOS, M.C. Da arte ao ofício: vivências de sofrimento e significado do trabalho do professor universitário. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. VII, n. 2, p. 527-556, set. 2007.
- MELLO, M.F.; MELLO, A.A.F.; KOHN, R.(orgs.). **Epidemiologia da saúde mental no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- MÉSZÁROS, I. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo; Campinas: Editora da Unicamp, 2002.
- NEGRI, A. De l'avenir de lademocracie (débatavec Olivier Mongin). **AlternativesInternationales**, Paris, n. 18, 2004.
- NOGUEIRA, C. M. **A feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização**. Campinas: Autores Associados, 2004.
- NOUVELLES QUESTIONS FÉMINISTES. (Dossier: Famille – Travail: une perspective radicale). v.23, n.3, 2004.
- PARANHOS, I. S.; ARAÚJO, T.M. Interação entre trabalho e professor de saúde em uma instituição de ensino superior. In: OLIVEIRA, DA (Ed.). **Políticas educativas e**

**trabalho docente na América Latina.** Lima: Universidade de Ciências e Humanidades, p. 151-182, 2008.

PINA, J. A. **Intensificação do trabalho e saúde dos trabalhadores na indústria automobilística: estudo de caso na Mercedes Benz do Brasil,** São Bernardo do Campo. 2012.

QUÉINNEE Y, BARTHE B, VERDIER F. Réduction du temps de travail et organisation de l'activité de travail: des rapports ambigus et complexes. In: Tremblay DG, Terssac G. (org.) **Où va le temps de travail?**Toulouse: Presses universitaires de Montréal et Octarès Éditions; p. 133-142, 2000.

RAGO, M. Ser mulher no século XXI. In: VENTURINI, G.; RECAMAN, M.; OLIVEIRA, S. (Orgs). **A mulher brasileira nos espaços públicos e privados.** São Paulo: Fundação Perseu Abiamo, 2004.

REVEL, J. **Le vocabulaire de Foucault.** Paris.Ellipses, 2009.

REIS, E.J.F.B. et al.. Docência e exaustão emocional. **Educação & Sociedade,** Campinas, v. 27, n. 94, p. 251-275, 2006.

RUBIÃO, A. **História da Universidade. Genealogia para um modelo participativo.** Coimbra: Ed Almedina, 2013.

SCOTT, Joan W. História das mulheres. In. BURKE, Peter.(Org.) **A Escrita da História: Novas Perspectivas.** São Paulo: Unesp. 1992.

SILVA JUNIOR, J. R., SGUISSARD, V., SILVA, E. P. Trabalho intensificado na universidade pública brasileira. **Universidade e Sociedade,** Vol. 19, p. 9-25. 2010.

SILVA JUNIOR, J. R.;SGUISSARDI, V. **Novas faces da educação superior no Brasil.** São Paulo, Ed. Cortez Bragança Paulista, USF-IFAN, 2009.

SILVANY-NETO, A.M. et al. Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino de Salvador. **Revista Baiana de Saúde Pública,** Salvador, v. 24, n. 1/2, p. 42-56, 2000.

SGUISSARDI, V; SILVA JÚNIOR, J. R.. **Trabalho intensificado nas federais: pós-graduação e produtivismo acadêmico.** São Paulo: Xamã Editora, 2009

SOARES, C.; SABOIA, A. L. **Tempo, trabalho e afazeres domésticos: um estudo com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2001 e 2005.** Rio de Janeiro: Diretoria de Pesquisas, Texto para Discussão, n.21, 2007.

STATISTICAL PACKAGE FOR SOCIAL SCIENCES (SPSS). **Statistical Package for the Social Sciences.** IBM. Release 17.0 for Windows.

TABET P. La Construction sociale de l'inégalité des sexes: des outils et des corps. Paris: L'Harmattan. Bibliothèque du féminisme, 1998.



TEIXEIRA, L.H.G. Políticas públicas de educação e mudança nas escolas: um estudo da cultura escolar. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, M. R. T. (Orgs.). **Política e trabalho na escola: administração dos sistemas de educação básica**. 2.ed., Belo Horizonte, p. 177-190, 2001.

TENFEN, W. **O processo de (des)qualificação do professor**. Florianópolis. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, 1992.

THERBORN, G. **Sexo e Poder: a família no mundo, 1900-2000**. Tradução de Elisabete Dória. São Paulo: Contexto, 2006.

VALEYRE, A. 2003. **Formes d'intensification du travail, dynamiques de l'emploi et performances économiques dans les activités industrielles**. Disponível em: Acesso em: 19 maio. 2004.

VALEYRE A. Le travail industriel sous la pression du temps. **Travail et Emploi**, v.86, p. 127-149, 2001.

WENZEL, R. L. **O professor e o trabalho abstrato: uma análise da (des)qualificação do professor**. Florianópolis. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, 1991.

WERNICK, R. **Condições de saúde e trabalho dos docentes da Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA**. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2000.

YANNOULAS, S. C. **Dossiê: políticas públicas e relações de gênero no mercado de trabalho**. Brasília: CFEMEA, FIG/CIDA. 2002.

ZABALZA, M.A. **O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

## ANEXOS

## ANEXO A- INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS



## ESTRESSE OCUPACIONAL E SAÚDE ENTRE OS DOCENTES DA UEFS

Este questionário é individual e confidencial. Por favor, é fundamental que você responda a todas as perguntas, pois a ausência de uma resposta pode invalidar sua avaliação. Suas respostas deverão refletir sua realidade, como você entende e vivencia seu trabalho.

### BLOCO I – INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE O SEU TRABALHO

<b>1. Qual o seu vínculo com a UEFS?</b>	<input type="checkbox"/> Efetivo	<input type="checkbox"/> Substituto	<input type="checkbox"/> Visitante
<b>2. Qual é o seu Departamento?</b>	<input type="checkbox"/> Ciências Biológicas	<input type="checkbox"/> Ciências Exatas	<input type="checkbox"/> Educação
	<input type="checkbox"/> Saúde	<input type="checkbox"/> Física	<input type="checkbox"/> Tecnologia
	<input type="checkbox"/> Letras e Artes	<input type="checkbox"/> Ciências Humanas e Filosofia	<input type="checkbox"/> Ciências Sociais e Aplicadas
<b>3. Qual o seu cargo como professor?</b>	<input type="checkbox"/> Auxiliar	<input type="checkbox"/> Assistente	<input type="checkbox"/> Adjunto
	<input type="checkbox"/> Titular	<input type="checkbox"/> Pleno	
<b>4. Qual é a sua titulação máxima?</b>	<input type="checkbox"/> Graduação	<input type="checkbox"/> Especialização	<input type="checkbox"/> Mestrado
	<input type="checkbox"/> Doutorado	<input type="checkbox"/> Pós-doutorado	
<b>5. Qual a sua carga horária de trabalho docente na UEFS?</b>	<input type="checkbox"/> 20 horas	<input type="checkbox"/> 40 horas	<input type="checkbox"/> Dedicção exclusiva (D.E.)
<b>6. Há quanto tempo trabalha como docente na UEFS?</b>	_____ anos		
<b>7. Você ministra aulas para a Graduação?</b>	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não	
Se <b>NÃO</b> , passe para questão 8			
<b>7.1 Se SIM</b> , qual a carga horária semanal total dedicada a essa atividade?	_____ horas		
<b>8. Leciona na Pós-Graduação?</b>	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não	
Se <b>NÃO</b> , passe para questão 9			
<b>8.1 Se sim</b> , qual o nível?	<input type="checkbox"/> Especialização	<input type="checkbox"/> Mestrado	<input type="checkbox"/> Doutorado
<b>8.2 Qual a carga horária semanal total dedicada a essa atividade?</b>	_____ horas		
<b>9. Realiza atividades de pesquisa?</b>	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não	<b>Se</b>
<b>NÃO</b> , passe para questão 10			

9.1 Se <b>sim</b> , em quantos projetos de pesquisa atua?    0 <input type="checkbox"/> um    1 <input type="checkbox"/> dois    2 <input type="checkbox"/> mais de dois	
9.2 Qual a carga horária semanal dedicada a essa atividade? _____ horas	
10. Atua como Coordenador (a) de projeto de pesquisa?    1 <input type="checkbox"/> Sim    0 <input type="checkbox"/> Não	<b>Se</b>
<b>NÃO</b> , passe para questão 11	
10.1 Se <b>SIM</b> : Em quantos projetos de pesquisa atua como coordenador (a)?    0 <input type="checkbox"/> um    1 <input type="checkbox"/> dois 2 <input type="checkbox"/> mais de dois	
10.2 Qual a carga horária semanal dedicada a essa atividade? _____ horas	
11. Você orienta aluno (s)?    1 <input type="checkbox"/> Sim    0 <input type="checkbox"/> Não	
<b>Se</b>	
<b>NÃO</b> , passe para questão 12	
11.1 Se <b>sim</b> , qual (is) nível (is)? (Você pode assinalar mais de uma opção). 1 <input type="checkbox"/> Iniciação científica    2 <input type="checkbox"/> Monografia    3 <input type="checkbox"/> Dissertação    4 <input type="checkbox"/> Tese	
11.2 Qual a carga horária semanal total dedicada a essa atividade? _____ horas	
12. Atua como parecerista de periódico(s) científico(s):    1 <input type="checkbox"/> Sim    0 <input type="checkbox"/> Não	
12.1 Se <b>sim</b> , qual a carga horária em média dedicada a essa atividade? _____ horas	
13. É bolsista de produtividade em pesquisa?    1 <input type="checkbox"/> Sim    0 <input type="checkbox"/> Não	
<b>Se</b>	
<b>NÃO</b> , passe para questão 14	
13.1 Caso atue, qual o nível?    1 <input type="checkbox"/> 1A    2 <input type="checkbox"/> 1B    3 <input type="checkbox"/> 1C    4 <input type="checkbox"/> 1D    5 <input type="checkbox"/> 2	
14. Realiza atividades de extensão?    1 <input type="checkbox"/> Sim    0 <input type="checkbox"/> Não	
<b>Se</b>	
<b>NÃO</b> , passe para questão 15	
14.1 Se <b>SIM</b> : Em quantos projetos de extensão atua?    0 <input type="checkbox"/> um    1 <input type="checkbox"/> dois    2 <input type="checkbox"/> mais de dois	
14.2 Qual a carga horária semanal dedicada a essa atividade? _____ horas	
15. Você realiza atividades administrativas (apoio a colegiados, departamentos, outros setores) na UEFS?	
1 <input type="checkbox"/> Sim    0 <input type="checkbox"/> Não	
<b>Se NÃO</b> , passe para questão 16	
15.1 Se <b>SIM</b> : Qual a atividade desenvolvida? (Você pode assinalar mais de uma opção). 1 <input type="checkbox"/> Coordenação de Colegiado    2 <input type="checkbox"/> Membro de Colegiado    3 <input type="checkbox"/> Comissões permanentes 4 <input type="checkbox"/> Coordenador de área 5 <input type="checkbox"/> Chefia de Departamento    6 <input type="checkbox"/> Coordenação de Núcleos    7 <input type="checkbox"/> Outro – Especificar: _____	
15.2 Qual a sua carga horária semanal dedicada a essa atividade? _____ horas	
16. Possui outro vínculo empregatício?    1 <input type="checkbox"/> Sim    0 <input type="checkbox"/> Não	
<b>Se</b>	
<b>NÃO</b> , passe para questão 17	
16.1 Se <b>sim</b> , trabalha em outra universidade?    1 <input type="checkbox"/> Sim    0 <input type="checkbox"/> Não	
16.2 Se <b>sim</b> : Qual a sua carga horária semanal nessa outra instituição? _____ horas	
17. Reside em Feira de Santana?    0 <input type="checkbox"/> Sim    1 <input type="checkbox"/> Não	

## BLOCO II – CONDIÇÕES DO AMBIENTE DE TRABALHO

**18.** Considerando o nível de adequação do seu ambiente de trabalho na UEFS, assinale a opção que mais se aplica à sua realidade:

Quanto às salas de aula:	[0] Totalmente adequadas	[1] Adequadas	[2] Inadequadas	[4] Totalmente inadequadas
Ventilação				
Iluminação				
Temperatura				
Tamanho (estrutura física)				
Condições das cadeiras e mesas				
Recursos audiovisuais (Data show)				

**19.** Você possui uma sala de trabalho?    0  Sim    1  Não

**19.1** Se **Sim**, com quantas pessoas você divide essa sala?    0  individual    1  duas pessoas    2  três    3  4 ou mais

**20.** Marque com um X as questões que são frequentes no desempenho de suas atividades docente na UEFS.

Atividades	[0] Nunca	[1] Raramente	[2] Pouco Frequente	[3] Frequente
Carregar material audiovisual e/ou outros equipamentos				
Permanecer em pé				
Repetição das atividades				
Nível elevado de ruídos e/ou barulho				

## BLOCO III – CARACTERÍSTICAS PSICOSSOCIAIS DO TRABALHO

Para as questões abaixo assinale a resposta que melhor corresponda a sua situação de trabalho. Às vezes nenhuma das opções de resposta corresponde exatamente a sua situação; neste caso, escolha aquela que mais se aproxima de sua realidade.

1. Meu trabalho me possibilita aprender coisas novas.	1 <input type="checkbox"/> discordo fortemente	2 <input type="checkbox"/> discordo	3 <input type="checkbox"/> concordo	4 <input type="checkbox"/> concordo fortemente
2. Meu trabalho envolve muito trabalho repetitivo.	1 <input type="checkbox"/> discordo fortemente	2 <input type="checkbox"/> discordo	3 <input type="checkbox"/> concordo	4 <input type="checkbox"/> concordo fortemente
3. Meu trabalho requer que eu seja criativo.	1 <input type="checkbox"/> discordo fortemente	2 <input type="checkbox"/> discordo	3 <input type="checkbox"/> concordo	4 <input type="checkbox"/> concordo fortemente

4. Meu trabalho exige um alto nível de habilidade.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
5. Em meu trabalho, eu posso fazer muitas coisas diferentes.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
6. No meu trabalho, eu tenho oportunidade de desenvolver minhas habilidades especiais.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
7. O que tenho a dizer sobre o que acontece no meu trabalho é considerado.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
8. Meu trabalho me permite tomar muitas decisões por minha própria conta.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
9. Em meu trabalho, eu tenho pouca liberdade para decidir como fazer minhas próprias tarefas.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
10. Meu trabalho requer que eu trabalhe muito duro.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
11. Meu trabalho requer que eu trabalhe muito rapidamente.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
12. Eu não sou solicitado (a) a realizar um volume excessivo de trabalho.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
13. O tempo para realização das minhas tarefas é suficiente.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
14. Algumas demandas que eu tenho que atender no meu trabalho estão em conflito umas com as outras.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
15. Eu frequentemente trabalho durante o meu almoço ou durante as pausas para terminar meu trabalho.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
16. Meu trabalho me exige muito emocionalmente.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
17. Meu trabalho envolve muita negociação/conversa/entendimento com outras pessoas.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
18. Em meu trabalho, eu preciso suprimir minhas verdadeiras emoções.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente

19. Meu trabalho exige muito esforço físico.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
20. Meu trabalho exige atividade física rápida e contínua.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
21. Frequentemente, o trabalho exige que eu mantenha meu corpo, por longos períodos, em posições incômodas.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
22. Frequentemente, o trabalho exige que eu mantenha minha cabeça e braços, por longos períodos, em posições incômodas.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
23. Meu chefe/coordenador preocupa-se com o bem-estar de sua equipe de trabalho. <input type="checkbox"/> não tenho chefe/coordenador	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
24. Meu chefe/coordenador me trata com respeito. <input type="checkbox"/> não tenho supervisor	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
25. Meu chefe/coordenador me ajuda a fazer meu trabalho. <input type="checkbox"/> não tenho chefe/coordenador	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
26. As pessoas com quem trabalho são amigáveis.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
27. As pessoas com quem trabalho são colaborativas na realização das atividades.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
28. Eu sou tratado(a) com respeito pelos meus colegas de trabalho.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
29. Onde eu trabalho, nós tentamos dividir igualmente as dificuldades do trabalho.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
30. Existe um sentimento de união entre as pessoas com quem eu trabalho.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
31. Meu grupo de trabalho toma decisões democraticamente.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
32. Constantemente, eu me sinto pressionado pelo tempo por causa da carga pesada de trabalho.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
33. Frequentemente eu sou interrompido(a) e incomodado(a) durante a realização do meu trabalho.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente

34. Eu tenho muita responsabilidade no meu trabalho.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
35. Frequentemente, eu sou pressionado (a) a trabalhar depois da hora.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
36. Nos últimos anos, meu trabalho passou a exigir cada vez mais de mim.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
37. No trabalho, eu posso contar com apoio em situações difíceis.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
38. No trabalho, eu sou tratado(a) injustamente.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
39. Eu vejo poucas possibilidades de ser promovido no futuro.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
40. No trabalho, eu passei ou ainda posso passar por mudanças não desejadas.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
41. Tenho pouca estabilidade no emprego.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
42. A posição que ocupo atualmente no trabalho está de acordo com a minha formação e treinamento.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
43. No trabalho, levando em conta todo o meu esforço e conquistas, eu recebo o respeito e o reconhecimento que mereço.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
44. Minhas perspectivas de promoção estão de acordo com meu esforço e conquistas.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
45. Levando em conta todo o meu esforço e conquistas, meu salário/renda é adequado.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
46. No trabalho, eu me sinto facilmente sufocado(a) pela pressão do tempo.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
47. Assim que acordo pela manhã, já começo a pensar nos problemas do trabalho.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
48. Quando chego em casa, eu consigo relaxar e “me desligar” facilmente do meu trabalho.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente

49. As pessoas íntimas dizem que eu me sacrifico muito por causa do meu trabalho.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
50. O trabalho não me deixa; ele ainda está na minha cabeça quando vou dormir.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente
51. Não consigo dormir direito se adiar alguma tarefa de trabalho que deveria ter feito hoje.	<input type="checkbox"/> discordo fortemente	<input type="checkbox"/> discordo	<input type="checkbox"/> concordo	<input type="checkbox"/> concordo fortemente

## BLOCO IV – SATISFAÇÃO NO TRABALHO

<b>1. Você está satisfeito(a) com o seu trabalho?</b> <input type="checkbox"/> não estou satisfeito(a) de forma nenhuma <input type="checkbox"/> não estou satisfeito(a) <input type="checkbox"/> estou satisfeito(a) <input type="checkbox"/> estou muito satisfeito(a)
<b>2. Você se candidataria ao seu emprego novamente?</b> <input type="checkbox"/> sim, sem hesitação <input type="checkbox"/> sim, depois de refletir sobre isto <input type="checkbox"/> definitivamente não
<b>3. Como você avalia sua qualidade de vida?</b> <input type="checkbox"/> muito ruim <input type="checkbox"/> ruim <input type="checkbox"/> nem ruim, nem boa <input type="checkbox"/> boa

Por favor, circule o número correspondente ao que lhe parece a melhor resposta.

OPÇÕES	Muito insatisfeito	Insatisfeito	Nem insatisfeito, nem satisfeito	Satisfeito
4. Quão satisfeito(a) você está com sua capacidade de trabalho?	1	2	3	4
5. Quão satisfeito(a) você está com suas relações pessoais (amigos, parentes, colegas)?	1	2	3	4
6. Quão satisfeito(a) você está consigo mesmo?	1	2	3	4

## BLOCO V- ATIVIDADES DOMÉSTICAS E HÁBITOS DE VIDA

Abaixo estão listadas algumas tarefas da casa (atividades domésticas)

1. Contando com você, quantas pessoas vivem na sua casa? _____	
<b>ATIVIDADES:</b>	
2. Cuidar de crianças menores de 7 anos?	<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não
3. Cozinhar?	<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não
4. Passar roupa?	<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não
5. Cuidar da limpeza?	<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não
6. Lavar roupa?	<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não
7. Pequenos consertos	<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não



8. Feira/ supermercado	<input type="checkbox"/> sim	<input type="checkbox"/> não
9. Cuidar de idosos ou de pessoas doentes	<input type="checkbox"/> sim	<input type="checkbox"/> não
10. Quantas horas você dedica, por dia, às tarefas domésticas? _____ horas	[ ] NSA	

**Em relação ao hábito de fumar, você:**

1. <input type="checkbox"/> não fuma <input type="checkbox"/> é ex-fumante <input type="checkbox"/> fuma atualmente
1.1 Se é <b>ex-fumante</b> : Há quanto tempo deixou de fumar? _____ anos    _____ meses

**Em relação ao uso de bebidas alcoólicas, você:**

12. Consome bebida alcoólica? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	<b>Se</b>	
<b>NÃO, passe para a questão 17</b>		
13. Alguma vez sentiu que deveria diminuir a quantidade de bebida alcoólica ou parar de beber?	<input type="checkbox"/> sim	<input type="checkbox"/> não
14. As pessoas o(a) aborrecem porque criticam o seu modo de beber?	<input type="checkbox"/> sim	<input type="checkbox"/> não
15. Sente-se aborrecido consigo mesmo (a) pela maneira como costuma beber?	<input type="checkbox"/> sim	<input type="checkbox"/> não
16. Costuma beber pela manhã para diminuir o nervosismo ou ressaca?	<input type="checkbox"/> sim	<input type="checkbox"/> não

**Em relação aos hábitos de lazer, você:**

17. Participa de atividades regulares de lazer? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	<b>Se</b>
<b>NÃO, passe para a questão 18</b>	
Se <b>SIM</b> , qual o tipo de atividade realizada? (Você pode marcar mais de uma opção).	
17.1 <b>Atividades culturais:</b> <input type="checkbox"/> cinema <input type="checkbox"/> teatro <input type="checkbox"/> exposição de arte <input type="checkbox"/> ler livros/jornais/revistas não científicas	
17.2 <b>Atividades de entretenimento:</b> <input type="checkbox"/> assistir televisão <input type="checkbox"/> uso da internet para fins não acadêmicos <input type="checkbox"/> ouvir músicas	
17.3 <b>atividades sociais:</b> <input type="checkbox"/> visita a amigos <input type="checkbox"/> festa <input type="checkbox"/> bares <input type="checkbox"/> praia	
18. Você pratica alguma atividade física? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	<b>Se NÃO, passe para o BLOCO VI</b>
18.1 Se <b>SIM</b> , qual o tipo de atividade realizada? (Você pode marcar mais de uma opção). <input type="checkbox"/> ginástica <input type="checkbox"/> caminhada <input type="checkbox"/> futebol/vôlei <input type="checkbox"/> natação <input type="checkbox"/> hidroginástica <input type="checkbox"/> Outros: _____	
18.2 Com que frequência? <input type="checkbox"/> 1 a 2 vezes por semana <input type="checkbox"/> 3 ou mais vezes por semana	

## BLOCO VI- USO DO TEMPO

A seguir solicitamos que registre a duração de tempo disponibilizado para cada atividade realizada.

1. <b>Você faz sua jornada de trabalho:</b> <input type="checkbox"/> Toda na UEFS <input type="checkbox"/> Parte na UEFS e parte em casa
2. <b>Em média, quanto tempo você leva, diariamente, para realizar suas refeições?</b> <input type="checkbox"/> até 30 min <input type="checkbox"/> de 30 min até 1 h <input type="checkbox"/> de 1 h à 2 h <input type="checkbox"/> mais de 2h
3. <b>Em média, quanto tempo você leva, diariamente, para uso de celular, telefone para assuntos</b>

<p><b>profissionais?</b></p> <p><input type="checkbox"/> até 30 min    <input type="checkbox"/> de 30 min até 1 h    <input type="checkbox"/> de 1 h à 2 h    <input type="checkbox"/> mais de 2h    <input type="checkbox"/></p> <p>Não realizo esta atividade</p>
<p><b>4. Em média, quanto tempo você disponibiliza, diariamente, para dormir?</b></p> <p><input type="checkbox"/> 8 horas ou mais    <input type="checkbox"/> 7 horas    <input type="checkbox"/> menos de 6 horas</p>
<p><b>5. Em média, quanto tempo você disponibiliza, semanalmente, para pagar contas, fazer compras, supervisionar consertos e manutenção?</b></p> <p><input type="checkbox"/> até 30 min    <input type="checkbox"/> de 30 min até 1 h    <input type="checkbox"/> de 1 h à 2 h    <input type="checkbox"/> mais de 2h    <input type="checkbox"/></p> <p>Não realizo esta atividade</p>
<p><b>6. Em média, quanto tempo você disponibiliza, semanalmente, para uso da internet - para assuntos profissionais (ler e responder e-mail(s))?</b></p> <p><input type="checkbox"/> até 30 min    <input type="checkbox"/> de 30 min até 1 h    <input type="checkbox"/> de 1 h à 2 h    <input type="checkbox"/> mais de 2h    <input type="checkbox"/> Não realizo esta atividade</p>
<p><b>7. Em média, quanto tempo você disponibilizou, no último mês, para estética/salão de beleza/barbearia?</b></p> <p><input type="checkbox"/> até 30 min    <input type="checkbox"/> de 30 min até 1 h    <input type="checkbox"/> de 1 h à 2 h    <input type="checkbox"/> mais de 2h    <input type="checkbox"/></p> <p>Não realizei esta atividade</p>
<p><b>8. Em média, quanto tempo você disponibilizou, no último mês, para idas ao cinema, shopping, teatro, museu, bares, restaurantes?</b></p> <p><input type="checkbox"/> até 30 min    <input type="checkbox"/> de 30 min até 1 h    <input type="checkbox"/> de 1 h à 2 h    <input type="checkbox"/> mais de 2h    <input type="checkbox"/></p> <p>Não realizei esta atividade</p>
<p><b>9. Em média, quanto tempo você disponibilizou, no último mês, para idas a cultos, missas, meditação?</b></p> <p><input type="checkbox"/> até 30 min    <input type="checkbox"/> de 30 min até 1 h    <input type="checkbox"/> de 1 h à 2 h    <input type="checkbox"/> mais de 2h    <input type="checkbox"/> Não realizei esta atividade</p>

## BLOCO VII - ASPECTOS RELACIONADOS À SUA SAÚDE

Agora falaremos um pouco sobre a sua saúde.

<p><b>1. De um modo geral, em comparação a pessoas da sua idade, como você considera o seu estado de saúde?</b></p> <p><input type="checkbox"/> muito bom    <input type="checkbox"/> bom    <input type="checkbox"/> regular    <input type="checkbox"/> ruim    <input type="checkbox"/> muito ruim</p>
<p><b>2. Já recebeu vacinação para hepatite B?</b>    <input type="checkbox"/> sim    <input type="checkbox"/> não    <input type="checkbox"/> não sei/não lembra</p>
<p><b>3. Em caso afirmativo, você recebeu:</b>    <input type="checkbox"/> três doses    <input type="checkbox"/> duas doses    <input type="checkbox"/> uma dose    <input type="checkbox"/> não sabe</p>
<p><b>4. Você realizou exame de sangue para verificar se formou anticorpos contra hepatite B?</b>    <input type="checkbox"/> sim    <input type="checkbox"/> não</p>
<p><b>5. Se fez exame, você ficou imunizado para hepatite B?</b>    <input type="checkbox"/> sim    <input type="checkbox"/> não    <input type="checkbox"/> não fez</p>
<p><b>6. Já recebeu vacina contra febre amarela?</b>    <input type="checkbox"/> sim    <input type="checkbox"/> não    <input type="checkbox"/> não sei/não lembra</p>
<p><b>7. Já recebeu a vacina contra rubéola, sarampo e caxumba(tríplice viral)?</b>    <input type="checkbox"/> sim    <input type="checkbox"/> não    <input type="checkbox"/> não sei/não lembra</p>
<p><b>8. Já recebeu vacina contra difteria e tétano?</b>    <input type="checkbox"/> sim    <input type="checkbox"/> não    <input type="checkbox"/> não sei/não lembro</p>
<p><b>9. Em caso afirmativo, você recebeu:</b>    <input type="checkbox"/> menos de três doses    <input type="checkbox"/> três doses ou mais, sendo a última há mais de 10 anos</p>

<input type="checkbox"/> três doses ou mais, sendo a última há menos de 10 anos	
<b>10. Já recebeu vacina contra tuberculose (BCG)?</b>	<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> não sei/não lembra
<b>11. Já recebeu vacina contra influenza?</b>	<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> não sei/não lembra
<b>12. Você sentiu alguma dor nos últimos seis meses?</b>	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
<b>13. Onde essa dor se localizava e qual a sua intensidade? (Você pode marcar mais de uma opção).</b>	
<input type="checkbox"/> <b>Musculoesquelética:</b>	<input type="checkbox"/> sem dor <input type="checkbox"/> fraca <input type="checkbox"/> moderada <input type="checkbox"/> forte <input type="checkbox"/> violenta <input type="checkbox"/> insuportável
<input type="checkbox"/> <b>Sistema digestivo:</b>	<input type="checkbox"/> sem dor <input type="checkbox"/> fraca <input type="checkbox"/> moderada <input type="checkbox"/> forte <input type="checkbox"/> violenta <input type="checkbox"/> insuportável
<input type="checkbox"/> <b>Cabeça:</b>	<input type="checkbox"/> sem dor <input type="checkbox"/> fraca <input type="checkbox"/> moderada <input type="checkbox"/> forte <input type="checkbox"/> violenta <input type="checkbox"/> insuportável
<input type="checkbox"/> <b>Coluna:</b>	<input type="checkbox"/> sem dor <input type="checkbox"/> fraca <input type="checkbox"/> moderada <input type="checkbox"/> forte <input type="checkbox"/> violenta <input type="checkbox"/> insuportável
<input type="checkbox"/> Outros. Especifique:	

### SAÚDE MENTAL

**As 20 questões na tabela abaixo estão relacionadas a situações que você pode ter vivido nos últimos 30 dias. Se você sentiu a situação descrita nos últimos 30 dias responda SIM. Se você não sentiu a situação responda NÃO.**

<b>1. Sente-se triste ultimamente?</b>	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
<b>2. Você dorme mal?</b>	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
<b>3. Você chora mais que de costume?</b>	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
<b>4. Sente-se nervoso (a), tenso (a), preocupado (a)?</b>	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
<b>5. Têm tremores nas mãos?</b>	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
<b>6. Assusta-se com facilidade?</b>	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
<b>7. O seu trabalho traz sofrimento?</b>	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
<b>8. Você se cansa com facilidade?</b>	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
<b>9. Sente-se cansado todo o tempo?</b>	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
<b>10. Tem dificuldade de ter satisfação em suas tarefas?</b>	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
<b>11. Você sente desconforto estomacal?</b>	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
<b>12. Você tem falta de apetite?</b>	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
<b>13. Você tem má digestão?</b>	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
<b>14. Tem dores de cabeça frequentemente?</b>	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
<b>15. Tem dificuldade de tomar decisão?</b>	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
<b>16. Tem perdido interesse pelas coisas?</b>	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
<b>17. Sente-se inútil em sua vida?</b>	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
<b>18. Tem dificuldade de pensar claramente?</b>	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
<b>19. Sente-se incapaz de desempenhar papel útil em sua vida?</b>	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
<b>20. Tem pensado em dar fim à sua vida?</b>	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não

**ALTERAÇÃO VOCAL** é definida como: “Toda e qualquer dificuldade ou alteração na emissão normal da voz caracterizando um distúrbio que limita a comunicação oral”.

1. Atualmente, você tem alguma alteração vocal?	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
2. Esta alteração vocal já dura mais que quatro semanas?	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> não se aplica
3. Você teve alguma alteração vocal nos últimos 6 meses?	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não

### **PADRÕES DO SONO**

**Durante as últimas quatro semanas, com que frequência você tem tido alguns desses problemas relacionados ao sono?**

<b>1. Você tem dificuldade em adormecer a noite?</b> <input type="checkbox"/> Nunca <input type="checkbox"/> muito raramente <input type="checkbox"/> raramente <input type="checkbox"/> às vezes <input type="checkbox"/> Frequentemente <input type="checkbox"/> muito frequentemente <input type="checkbox"/> sempre
<b>2. Você acorda de madrugada e não consegue adormecer de novo?</b> <input type="checkbox"/> Nunca <input type="checkbox"/> muito raramente <input type="checkbox"/> raramente <input type="checkbox"/> às vezes <input type="checkbox"/> Frequentemente <input type="checkbox"/> muito frequentemente <input type="checkbox"/> sempre
<b>3. Você toma remédios ou tranquilizantes para dormir?</b> <input type="checkbox"/> Nunca <input type="checkbox"/> muito raramente <input type="checkbox"/> raramente <input type="checkbox"/> às vezes <input type="checkbox"/> Frequentemente <input type="checkbox"/> muito frequentemente <input type="checkbox"/> sempre
<b>4. Você dorme durante o dia (sem contar cochilos ou sonecas programadas)?</b> <input type="checkbox"/> Nunca <input type="checkbox"/> muito raramente <input type="checkbox"/> raramente <input type="checkbox"/> às vezes <input type="checkbox"/> Frequentemente <input type="checkbox"/> muito frequentemente <input type="checkbox"/> sempre
<b>5. Ao acordar de manhã, você ainda se sente cansado (a)?</b> <input type="checkbox"/> Nunca <input type="checkbox"/> muito raramente <input type="checkbox"/> raramente <input type="checkbox"/> às vezes <input type="checkbox"/> Frequentemente <input type="checkbox"/> muito frequentemente <input type="checkbox"/> sempre
<b>6. Você ronca a noite (que você saiba)?</b> <input type="checkbox"/> Nunca <input type="checkbox"/> muito raramente <input type="checkbox"/> raramente <input type="checkbox"/> às vezes <input type="checkbox"/> Frequentemente <input type="checkbox"/> muito frequentemente <input type="checkbox"/> sempre
<b>7. Você acorda durante a noite?</b> <input type="checkbox"/> Nunca <input type="checkbox"/> muito raramente <input type="checkbox"/> raramente <input type="checkbox"/> às vezes <input type="checkbox"/> Frequentemente <input type="checkbox"/> muito frequentemente <input type="checkbox"/> sempre
<b>8. Você acorda com dor de cabeça?</b> <input type="checkbox"/> Nunca <input type="checkbox"/> muito raramente <input type="checkbox"/> raramente <input type="checkbox"/> às vezes <input type="checkbox"/> Frequentemente <input type="checkbox"/> muito frequentemente <input type="checkbox"/> sempre
<b>9. Você sente cansaço sem ter nenhum motivo aparente?</b> <input type="checkbox"/> Nunca <input type="checkbox"/> muito raramente <input type="checkbox"/> raramente <input type="checkbox"/> às vezes <input type="checkbox"/> Frequentemente <input type="checkbox"/> muito frequentemente <input type="checkbox"/> sempre
<b>10. Você tem sono agitado (mudanças constantes de posição ou movimentos de perna/braços)?</b> <input type="checkbox"/> Nunca <input type="checkbox"/> muito raramente <input type="checkbox"/> raramente <input type="checkbox"/> às vezes <input type="checkbox"/> Frequentemente <input type="checkbox"/> muito frequentemente <input type="checkbox"/> sempre

### **USO DE MEDICAMENTOS**

<b>1. Você faz uso de algum medicamento?</b> <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim
<b>2. Qual tipo de medicamento?</b>

1 <input type="checkbox"/> Analgésico	2 <input type="checkbox"/> Antidepressivo	3 <input type="checkbox"/> Ansiolítico/tranquilizante	4 <input type="checkbox"/> Anti-hipertensivo
5 <input type="checkbox"/> Outro(s) _____	0 <input type="checkbox"/> Não usa medicamento		
<b>3. O medicamento usado foi indicado por:</b>			
1 <input type="checkbox"/> Médico (receita)	2 <input type="checkbox"/> Amigo	3 <input type="checkbox"/> Familiar	4 <input type="checkbox"/> Você mesmo
5 <input type="checkbox"/> Não usa medicamento	0 <input type="checkbox"/> Vendedor da farmácia		
<b>4. Você já tomou algum medicamento para dar aula ou fazer suas atividades docentes?</b>			
1 <input type="checkbox"/> Analgésico	2 <input type="checkbox"/> Antidepressivo	3 <input type="checkbox"/> Ansiolítico/tranquilizante	4 <input type="checkbox"/> Anti-hipertensivo
5 <input type="checkbox"/> Outro(s) _____	0 <input type="checkbox"/> Não usa medicamento		

## BLOCO VIII – VÍNCULO COM A CARREIRA PROFISSIONAL

A seguir, você encontrará uma série de afirmativas sobre aspectos de sua vida profissional. Use o código abaixo, que vai de 1 a 5, para informar o seu grau de concordância com o significado de cada frase – Circule o número correspondente à sua resposta:

### CHAVE DE RESPOSTAS:

	1 ↓ A frase é totalmente falsa a seu respeito	2 ↓ A frase é, <u>em grande parte</u> , falsa a seu respeito	3 ↓ A frase é <u>parcialmente verdadeira</u> a seu respeito	4 ↓ A frase é, <u>em grande parte</u> , verdadeira a seu respeito	5 ↓ A frase é totalmente verdadeira a seu respeito
1. Minha carreira profissional é uma parte importante de quem eu sou	1	2	3	4	5
2. Minha carreira profissional tem um grande significado pessoal para mim.	1	2	3	4	5
3. Eu não me sinto emocionalmente apegado(a) a esta carreira profissional.	1	2	3	4	5
4. Eu estou fortemente identificado(a) com a carreira profissional que escolhi.	1	2	3	4	5
5. Eu tenho uma estratégia para alcançar meus objetivos nesta carreira profissional.	1	2	3	4	5
6. Eu criei um plano para meu desenvolvimento nessa carreira profissional.	1	2	3	4	5
7. Eu tenho metas específicas para meu desenvolvimento nesta carreira profissional.	1	2	3	4	5
8. Eu não costumo pensar sobre o meu desenvolvimento profissional nesta carreira profissional.	1	2	3	4	5
9. Os desgastes associados a minha carreira profissional às vezes me parecem grandes demais.	1	2	3	4	5
10. Os problemas que eu encontro nesta carreira profissional às vezes me fazem questionar se os ganhos estão sendo compensadores.	1	2	3	4	5
11. Os problemas desta carreira profissional me fazem questionar se o fardo pessoal está valendo a pena.	1	2	3	4	5
12. O desconforto associado a minha carreira profissional às vezes me parece muito grande.	1	2	3	4	5

## BLOCO IX – IDENTIFICAÇÃO GERAL

1. Sexo: <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino	2. Idade: _____ anos
3. Tem filhos: <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	3.1 Se SIM: quantos filhos: _____

<b>4. Situação Conjugal:</b> <input type="checkbox"/> Solteiro(a) <input type="checkbox"/> Casado(a) <input type="checkbox"/> União estável <input type="checkbox"/> Viúvo (a) <input type="checkbox"/> Divorciado(a)
<b>5. Como você classifica a cor da sua pele?</b> <input type="checkbox"/> branca <input type="checkbox"/> amarela(oriental) <input type="checkbox"/> parda <input type="checkbox"/> indígena <input type="checkbox"/> preta <input type="checkbox"/> não sabe
<b>6. Qual a sua renda média mensal individual?</b> <input type="checkbox"/> até 5 salários mínimos[SM] (R\$ 3.940,00) <input type="checkbox"/> entre 5 e 10 SM <input type="checkbox"/> Mais de 10 SM (R\$ 7.880,00)

Muito obrigado por sua colaboração!

Entrevistador/a: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Data:

## APÊNDICES

### APÊNDICE A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA**  
**DEPARTAMENTO DE SAÚDE**  
**NÚCLEO DE EPIDEMIOLOGIA – NEPI**

Prezado (a) docente,

Gostaríamos de convidá-lo para participar da pesquisa intitulada “Estresse Ocupacional e Transtornos Mentais Comuns entre professores universitários”, que tem por objetivo: Avaliar a associação entre Estresse Ocupacional e Transtornos Mentais Comuns entre os docentes da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Bahia. Essa pesquisa será realizada na UEFS, sob responsabilidade do pesquisador responsável, Daniel Alberto Santos e Santos e sob orientação da Professora Doutora Tânia Maria de Araújo, com fins de produção da dissertação de mestrado acadêmico do curso de Pós Graduação em Saúde Coletiva, do Departamento de Saúde da UEFS. Para realização dessa pesquisa será empregado um questionário individual e auto-aplicável. No final da investigação, será disponibilizado no Núcleo de Epidemiologia (NEPI) um boletim informativo sobre a temática apresentada no estudo, os resultados encontrados e possíveis sugestões de endereços de serviços públicos que direcionem atenção psicossocial, em caso de suspeição de transtornos mentais comuns. Cabe salientar que os questionários ficarão sob a guarda da pesquisadora colaboradora e/ou Orientadora Prof<sup>a</sup> Tânia Maria de Araújo, no Núcleo de Epidemiologia (NEPI), por um período de cinco anos, sendo destruídos posteriormente. A pesquisa seguirá a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que rege as normas regulamentadoras para pesquisa com seres humanos, assegurando o sigilo, anonimato e privacidade quanto às informações envolvidas na investigação. Para preservar o anonimato, os questionários serão identificados por um código. Os pesquisadores suspenderão a pesquisa imediatamente ao perceber algum dano à sua saúde e/ou integridade física dos participantes. Por se tratar de um estudo de corte transversal observacional, existem riscos de constrangimentos frente algumas perguntas do questionário de pesquisa, ou seja, estas podem ser percebidas como desconfortáveis e assim, causar algum tipo de mal estar. Para minimizar tais situações o senhor (a) poderá desistir em qualquer momento da pesquisa, sem danos ou prejuízos. Além disso, se você se sentir constrangido por alguma pergunta do questionário poderá deixá-la em branco. Além disso, caso seja verificado alguma situação de risco, os pesquisadores encaminharão o senhor (a) para serviços de assistência a Saúde Mental mais próximo. Essa pesquisa tem um benefício social, pois estimará a situação de saúde dos professores universitários e suas relações com as condições de trabalho. Para quaisquer esclarecimentos sobre essa investigação, o senhor (a) poderá entrar em contato com o pesquisador responsável no Núcleo de Epidemiologia da UEFS, localizado no módulo VI, no Campus Universitário, pelo telefone (75) 3161-8320. Ademais, pedimos sua permissão para que os resultados dessa investigação possam ser divulgados em meios científicos, assegurando-lhe a confidencialidade dos dados. Dessa forma, caso tenha se sentido bem informado e concorde em participar, por livre vontade, deverá assinar este termo de consentimento em duas vias, ficando com uma cópia.

Feira de Santana- BA, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_  
de 2015

---

Participante

---

Pesquisador Responsável